

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ACRE  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS – PROFLETRAS**

**ELISSÂNGELA MOURA DA SILVA**

**GÊNERO CRÔNICA COMO INSTRUMENTO DE INCENTIVO À LEITURA PARA  
OS ALUNOS DO 9º ANO “1” DO ENSINO FUNDAMENTAL II**

**RIO BRANCO**

**2023**

**ELISSÂNGELA MOURA DA SILVA**

**GÊNERO CRÔNICA COMO INSTRUMENTO DE INCENTIVO À LEITURA PARA  
OS ALUNOS DO 9º ANO “1” DO ENSINO FUNDAMENTAL II**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação do Mestrado Profissional em Letras - ProfLetras, da Universidade Federal do Acre, para a obtenção de título de Mestre em Letras.

Área de concentração:

Linha 2. Leitura e Produção Textual: Diversidade Social e Práticas Docentes

Orientador: Prof. Dr. Selmo Azevedo Apontes

**RIO BRANCO**

**2023**

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central da UFAC

---

- S586i Silva, Elissângela Moura da, 1982 -  
Gênero crônica como instrumento de incentivo à leitura para os alunos do 9º ano "1" do ensino fundamental II / Elissângela Moura da Silva; orientador: Dr. Selmo Azevedo Apontes. – 2023.  
165 f. : il. ; 30 cm.
- Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Acre, Programa de Pós-Graduação em Letras - PROFLETRAS, Rio Branco, 2023.  
Inclui referências bibliográficas, anexos e apêndice.
1. Gênero crônica. 2. Leitura crítica e reflexiva. 3. Profletras. I. Apontes, Selmo Azevedo (orientadora). II. Título.

CDD: 418

---

Bibliotecária: Nádia Batista Vieira CRB-11º/882.

**ELISSÂNGELA MOURA DA SILVA**

**GÊNERO CRÔNICA COMO INSTRUMENTO DE INCENTIVO À LEITURA PARA  
OS ALUNOS DO 9º ANO “1” DO ENSINO FUNDAMENTAL II**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós- Graduação do Mestrado Profissional em Letras -ProfLetras, da Universidade Federal do Acre, para a obtenção de título de Mestre em Letras.

Banca Examinadora

---

Prof. Dr. Selmo Azevedo Apontes – (Orientador)  
Universidade Federal do Acre – Ufac

---

(Prof. Dra. Gisela Maria de Lima Braga)  
Universidade Federal do Acre – Ufac

---

(Prof. Dr. Francisco Edviges Albuquerque)  
Universidade Federal do Norte do Tocantins – UFNT

**RIO BRANCO**

**2023**

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a DEUS, meu criador, a quem atribuo todas as minhas conquistas e realizações; minha luz, caminho e verdade; quem me capacita diariamente a enfrentar as situações que fogem da minha compreensão; quem me faz suportar o processo, se for Seu projeto; AQUELE ao qual eu peço em minhas orações, que me ensine a esperar pelo Seu tempo, que cure meu coração aflito e angustiado e que me faça repousar em Suas promessas; AQUELE pelo qual eu rogo para me conduzir pela melhor vereda, que não me deixe desviar do caminho de ventura e que todas as minhas decisões sejam feitas segundo o Seu desígnio; que tudo em minha vida seja renovado diariamente, com novas esperanças e sabedoria para honra e glória de Seu Santo Nome.

Aos familiares, aos quais atribuo o sentido de “abrigo”, meu porto seguro, que me apoiaram, abraçaram e incentivaram nos momentos de fragilidade e desânimo para que a “travessia” fosse realizada com êxito. Obrigada por compreenderem a ausência, mesmo quando me fazia presente. Minha eterna gratidão por cada amparo, palavra e gesto; cada resguardo está eternizado em meu coração.

Ao meu orientador Prof. Dr. Selmo Azevedo Apontes, a quem tenho muito apreço e admiração, por confiar em mim, possibilitando oportunidade de diálogo sempre tão valioso e esclarecedor. Sua serenidade e tranquilidade me trouxe calma e confiança durante o trajeto.

Aos professores-doutores Gisela Maria de Lima Braga (Ufac) e Francisco Edviges Albuquerque (UFNT), pelas suas indispensáveis considerações durante o processo de qualificação.

Aos meus colegas de turma pela troca de experiência, saberes e gestos de solidariedade, meu muito obrigada! Como diz o pensador Adriano Lima: “a matemática do conhecimento é simples: quanto mais você divide, mais ele se multiplica”.

Enfim, gratidão, gratidão, gratidão...

*A literatura pode muito. Ela pode nos estender a mão quando estamos profundamente deprimidos, nos tornar ainda mais próximos dos outros seres humanos que nos cercam, nos fazer compreender melhor o mundo e nos ajudar a viver. Não que ela seja antes de tudo, uma técnica de cuidados para com a alma; porém, revelação do mundo, ela pode também, em seu percurso, nos transformar a cada um de nós a partir de dentro.*

(Tzvetan Todorov)

## RESUMO

O gênero crônica tem conseguido espaço dentro da proposição pedagógica e nos livros didáticos na modalidade de ensino. Todavia, considerando a metodologia utilizada nos materiais didáticos trabalhados em sala de aula, constatou-se que a aplicabilidade está muito direcionada às avaliações externas, como o Sistema Nacional de Avaliação Básica (Saeb), Avaliação Nacional de Rendimento Escolar (Anresc), conhecida como Prova Brasil, entre outras. Assim, a presente pesquisa apresenta o uso do gênero crônica como instrumento de incentivo à leitura, para a turma do 9º ano “1” do Ensino Fundamental II da Escola Estadual Ipixuna-AM, tendo como objetivo desenvolver a prática leitora por meio de uma abordagem criativa e estratégica de recepção ativa do texto, na disciplina de Língua Portuguesa. Nesse sentido, foi pensado em uma prática de leitura subsidiada por procedimentos instrutivos e multimodais para apoiar o processo de leitura em sala de aula e nas mais diferentes situações sociocomunicativas. Seguida de reflexões sobre as questões inseridas no dia a dia, a prática é um construto educativo importante para a formação leitora pautada em favorecer o desenvolvimento de competências e saberes, motivados pelas aptidões adquiridas no decorrer de sua trajetória e experiência individual. Para tanto, a construção teórica se estruturou nas concepções de Bordini (1986; 1993), Silveira (2009), Solé (1998), Souza (2009), Marcuschi (2002; 2008), Schneuwly; Dolz (2004); Bourdieu (1996), Kleiman (2004); Sabino (2008); Barbosa; Rodrigues; Oliveira (2011), Lajolo (1995), Correa (1989), Rojo (2009; 2011), Dionísio (2014), Almeida (2018), Weisz (2004), Diesel; Baldez; Martins (2017), Britto (2012); Aguiar; Silva (1988) e Dondis (2007), entre outros. A partir desses diálogos foi possível gerenciar a fundamentação teórica e articular os procedimentos metodológicos para se alcançar os intentos esquematizados na proposta de aplicação didática na instituição de atuação da professora pesquisadora, tendo como base textos de apoio de cunho narrativo, selecionados pelos estudantes e pela professora e com o auxílio de aparatos tecnológicos. As ações pedagógicas desenvolvidas com os alunos foram realizadas em cinco etapas, numa duração total de 38 horas/aula. Assim sendo, destaca-se a atuação dos alunos em realizar os procedimentos de leitura, compartilhando sua compreensão e reflexão sobre o texto e o mundo a sua volta, articulando e registrando seus conhecimentos, apropriando-se da oralidade e escrita. Também a produção textual dos alunos, sob acompanhamento da professora pesquisadora, ponderou as condições multiformes de produção no contexto atual por interferência de sequências e dispositivos práticos, o que resultou na consolidação das proposições. Além disso, favoreceu uma ação que proporcionou outras realidades, pois a aplicação da atividade emanou a partilha de dados e resultados da dinâmica vinculada a outros cenários, como o refeitório da escola para desenvolvimento da culminância do projeto e a rerepresentação da segunda etapa da proposta de aplicação didática numa sala de aula da turma do 6º ano “1”. Para tanto, considerou-se que o gênero textual indicado privilegia não somente as práticas distintas, mas sobretudo, oportuniza o desenvolvimento de habilidades, conhecimentos, criticidade, autonomia e protagonismo na vida social ao analisar o alcance dessa contribuição no período de execução. Dessa forma, verifica-se que os objetivos propostos neste trabalho, contribuiriam para desenvolver a prática leitora, utilizando-se de uma abordagem criativa e estratégica, por meio do gênero crônica.

**Palavras-chave:** Gênero crônica. Leitura crítica e reflexiva. ProFletras.

## ABSTRACT

The chronicle genre has gained space within the pedagogical proposition and in textbooks in the teaching modality. However, considering the methodology used in the teaching materials used in the classroom, it was found that the applicability is very much focused on external assessments, such as the National Basic Assessment System (Saeb), National Assessment of School Performance (Anresc), known as Prova Brasil, among others. Thus, this research presents the use of the chronicle genre as an instrument to encourage reading, for the 9th grade class "1" of Elementary School II at Escola Estadual Ipixuna-AM, with the objective of developing reading practice through an approach creative and strategic active reception of the text, in the Portuguese Language discipline. In this sense, a reading practice supported by instructive and multimodal procedures was designed to support the reading process in the classroom and in the most different socio-communicative situations. Followed by reflections on issues included in everyday life, the practice is an important educational construct for reader training aimed at promoting the development of skills and knowledge, motivated by the skills acquired throughout the individual's career and experience. To this end, the theoretical construction was structured on the concepts of Bordini (1986; 1993), Silveira (2009), Solé (1998), Souza (2009), Marcuschi (2002; 2008), Schneuwly; Dolz (2004); Bourdieu (1996), Kleiman (2004); Sabino (2008); Barbosa; Rodrigues; Oliveira (2011), Lajolo (1995), Correa (1989), Rojo (2009; 2011), Dionísio (2014), Almeida (2018), Weisz (2004), Diesel; Baldez; Martins (2017), Britto (2012); Aguiar; Silva (1988) and Dondis (2007), between others. From these dialogues, it was possible to manage the theoretical foundation and articulate the methodological procedures to achieve the intentions outlined in the didactic application proposal at the research teacher's institution, based on narrative support texts, selected by the students and the teacher. and with the help of technological devices. The pedagogical actions developed with the students were carried out in five stages, lasting a total of 38 class hours. Therefore, the students' performance in carrying out reading procedures stands out, sharing their understanding and reflection on the text and the world around them, articulating and recording their knowledge, appropriating orality and writing. The students' textual production, under the supervision of the research teacher, also considered the multiform conditions of production in the current context due to the interference of sequences and practical devices, which resulted in the consolidation of propositions. Furthermore, it favored an action that provided other realities, as the application of the activity emanated the sharing of data and results of the dynamics linked to other scenarios, such as the school cafeteria to develop the culmination of the project and the re-presentation of the second stage of the proposal for didactic application in a 6th grade classroom "1". To this end, it was considered that the indicated textual genre privileges not only distinct practices, but above all, it provides opportunities for the development of skills, knowledge, criticality, autonomy and protagonism in social life when analyzing the scope of this contribution during the execution period. Thus, it appears that the objectives proposed in this work contributed to developing reading practice, using a creative and strategic approach, through the chronicle genre.

Keywords: Chronic genre. Critical and reflective reading. ProFletras.



## LISTA DE SIGLAS E ABREVIações

ProfLetras – Mestrado Profissional em Letras  
Ufac – Universidade Federal do Acre  
UFNT – Universidade Federal do Norte do Tocantins  
Seduc/AM – Secretaria de Estado de Educação e Qualidade de Ensino/Amazonas  
Saeb – Sistema Nacional de Avaliação Básica  
Anresc – Avaliação Nacional de Rendimento Escolar  
BNCC – Base Comum Curricular Nacional  
Olpan – Olimpíada de Língua Portuguesa do Amazonas  
Cepan – Centro de Formação Profissional Padre José Anchieta  
IPTV – Internet por Televisão  
Inep – Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira  
Cemeam – Centro de Mídias do Estado do Amazonas  
PCN-LP – Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa  
PCN – Parâmetros Curriculares Nacionais  
ProBNCC – Programa de Apoio à Implementação da Base Nacional Comum Curricular  
Consed – Conselho Nacional de Secretaria de Educação  
RCA – Referencial Curricular Amazonense  
CEE /AM – Conselho Estadual do Amazonas  
Uncme /AM – União dos Conselhos Municipais do Amazonas  
Sinepe /AM – Sindicato dos Estabelecimentos de Ensino Privado do Estado do Amazonas  
Foreeia – Fórum da Educação Escolar Indígena do Amazonas  
UEA – Universidade Estadual do Amazonas  
Ufam – Universidade Federal do Amazonas

## LISTA DE FIGURAS E QUADROS

Figura 1	Projeto Interdisciplinar “FEIRA DO CONHECIMENTO” .....	57
Figura 2	Momento de leitura, compreensão e interpretação de texto.....	73
Figura 3	Representação da narrativa em prosa em narrativa visual do texto em forma de maquete.....	78
Figura 4	Momento de interação do grupo no <i>whatsapp</i> da turma do 9º ano “1” do turno matutino.....	80
Figura 5	Momento da apresentação das crônicas em forma de narrativas visuais.....	81
Figura 6	Momento de revisão de texto.....	86
Figura 7	<i>Feed</i> do <i>Instagram</i> da turma do 9º ano “1” .....	88
Figura 8	Resultado do trabalho narrativa visual: crônica na caixa.....	97
Figura 9	Resultado do trabalho linguagem visual: crônica imagética.....	99
Figura 10	Resultado da crônica ilustrativa – Relação do homem com a natureza.....	102
Figura 11	Resultado da crônica ilustrativa – <i>O Apocalipse</i> .....	104
Figura 12	Resultado da confecção do certificado de participação da produção do gênero textual crônica.....	108
Figura 13	Alunos assinando o certificado de participação.....	109
Figura 14	Alunos apresentando as narrativas.....	120
Figura 15	Alunos explanando a temática da narrativa de maneira crítica e reflexiva.....	121
Figura 16	Comunidade escolar prestigiando a exposição e apresentação do material confeccionado pelos alunos do 9º ano “1” matutino sobre o gênero crônica.....	121
Figura 17	Após a apresentação de suas produções, os alunos distribuem doces para a turma que prestigia seus trabalhos.....	122
Figura 18	Apresentação das produções do 9º ano “1” na turma do 6º ano “1” – Ação “Intercâmbio Literário” .....	123
Quadro 1	Textos selecionados pelos alunos.....	60
Quadro 2	Ficha de pontuação por atividade.....	67
Quadro 3	Exemplos de textos selecionados pela professora regente.....	90
Quadro 4	Etapas distintas e intercomplementares implicadas na atividade da escrita.....	106

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1	Porcentagem preferência de gênero literário dos alunos.....	110
Gráfico 2	Consulta aos alunos quanto à relevância do gênero crônica.....	111
Gráfico 3	Envolvimento do gênero com a vida cotidiana dos alunos.....	112
Gráfico 4	Indicação e sugestões de leituras.....	113
Gráfico 5	Dado da questão final do questionário aplicado à turma do 9º ano “1” do Ensino Fundamental II da Escola Estadual Ipixuna-AM, da turma de 2022.....	114
Gráfico 6	Prevalência do tempo decorrido da última leitura orientada.....	115
Gráfico 7	Questão sobre a relevância da leitura.....	116
Gráfico 8	Consulta aos alunos quanto à natureza de ser leitor.....	117
Gráfico 9	Resultados do questionário de aplicação da proposta na turma do 9º ano “1” do Ensino Fundamental II do turno matutino da Escola Estadual Ipixuna do ano de 2022.....	118
Gráfico 10	Pergunta referente à predileção pela leitura.....	142
Gráfico 11	Levantamento da frequência da leitura entre os estudantes.....	143
Gráfico 12	Pergunta sobre o incentivador à prática da leitura.....	144
Gráfico 13	Pergunta sobre a autonomia como leitores.....	144
Gráfico 14	Consulta sobre a preferência bibliográfica.....	145
Gráfico 15	Pergunta sobre a fonte de leituras.....	145
Gráfico 16	Consulta sobre a periodicidade da leitura.....	146
Gráfico 17	Consulta sobre a temporalidade das leituras.....	146
Gráfico 18	Consulta sobre o objetivo da leitura.....	147
Gráfico 19	Pergunta referente à indicação de literatura pelo professor.....	148
Gráfico 20	Consulta sobre a quantidade de horas dedicadas à leitura.....	149
Gráfico 21	Consulta aos alunos sobre a percepção da relevância da leitura.....	150
Gráfico 22	Consulta sobre o gênero literário lido recentemente.....	150
Gráfico 23	Consulta sobre a preferência pessoal sobre os gêneros literários.....	151
Gráfico 24	Questão referente à contribuição do gênero crônica para a formação de leitores.....	152
Gráfico 25	Consulta aos alunos sobre a percepção do gênero crônica no cotidiano da vida.....	152
Gráfico 26	Consulta aos alunos sobre qual prática pedagógica literária foi mais atrativa.....	153
Gráfico 27	Pergunta aos alunos se os mesmos gostariam ler outras crônicas.....	153
Gráfico 28	Consulta sobre espaço domiciliar específico para leitura.....	154
Gráfico 29	Pergunta sobre o espaço preferido para leitura.....	155
Gráfico 30	Consulta sobre a fonte de aquisição da bibliografia literária.....	155
Gráfico 31	Questão sobre o suporte: tecnológico ou impresso para aquisição da leitura.....	156
Gráfico 32	Consulta aos alunos sobre a quantidade média de livros lidos anualmente.....	156
Gráfico 33	Consulta sobre a sensação dos alunos em relação ao incentivo familiar à leitura.....	156
Gráfico 34	Pergunta aos alunos se os mesmos foram presenteados com livros....	157
Gráfico 35	Pergunta relacionada à presença dos pais nas leituras.....	157
Gráfico 36	Consulta sobre a escolaridade do pai.....	158
Gráfico 37	Consulta sobre a escolaridade da mãe.....	158
Gráfico 38	Consulta referente a quem indica a leitura.....	159
Gráfico 39	Dado da questão final do questionário aplicado à turma do 9º ano “1” do Ensino Fundamental II da Escola Estadual Ipixuna-AM, da turma de 2022.....	150

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>12</b>
<b>2</b>	<b>GÊNERO CRÔNICA COMO INCITAMENTO À PRÁTICA LEITORA.....</b>	<b>24</b>
2.1	GÊNERO CRÔNICA NO AMBIENTE ESCOLAR A SERVIÇO DA PRÁTICA LEITORA.....	24
2.2	RELAÇÃO ENTRE LEITURA DE MUNDO E LEITURA CRÍTICA E REFLEXIVA.....	29
2.3	ENSINO INOVADOR E MULTIMODAL.....	32
2.4	LEITURA COMO VIÉS PARA O PROTAGONISMO NA VIDA SOCIAL.....	36
2.5	HÁBITO DE LEITURA.....	39
2.6	PRODUÇÃO E RECEPÇÃO DO GÊNERO.....	45
<b>2</b>	<b>CONJECTURAS METODOLÓGICAS, ORGANIZAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS .....</b>	<b>48</b>
2.1	ABORDAGEM.....	48
2.2	NATUREZA.....	49
2.3	OBJETIVOS.....	49
2.4	PROCEDIMENTOS.....	50
2.5	CONTEXTO DA PESQUISA.....	52
<b>2.5.1</b>	<b>Identificação dos sujeitos.....</b>	<b>53</b>
<b>2.5.2</b>	<b>Dados da pesquisa.....</b>	<b>55</b>
2.6	DESCRIÇÃO DA PROPOSTA DE APLICAÇÃO DIDÁTICA DO GÊNERO CRÔNICA EM SALA DE AULA.....	58
<b>2.6.1</b>	<b>Etapas da proposta de aplicação didática.....</b>	<b>59</b>
2.6.1.1	Sequência didática 1.....	59
2.6.1.2	Sequência didática 2.....	61
2.6.1.3	Sequência didática 3.....	62
2.6.1.4	Sequência didática 4.....	63
2.6.1.5	Sequência didática 5.....	63
<b>3</b>	<b>APLICAÇÃO DA PROPOSTA.....</b>	<b>66</b>
3.1	RELATO E ANÁLISE: LEVANTAMENTO DOS CONHECIMENTOS PRÉVIOS, SEGUIDO DE LEITURAS, COMPREENSÃO, REFLEXÃO DO GÊNERO CRÔNICA E ESTRUTURA DO TEXTO...	67
3.2	RELATO E ANÁLISE DA REPRESENTAÇÃO VISUAL DA NARRATIVA ESCRITA.....	76
3.3	RELATO E ANÁLISE DA LINGUAGEM VISUAL COMO FORMA DE COMUNICAÇÃO.....	78
3.4	RELATO E ANÁLISE DE APROFUNDAMENTO DA LEITURA.....	82
3.5	RELATO E ANÁLISE DA PRODUÇÃO ESCRITA DO GÊNERO CRÔNICA.....	85
<b>4</b>	<b>RESULTADOS E DISCUSSÕES.....</b>	<b>90</b>
4.1	ATIVIDADE EXTRACLASSE.....	91
4.2	NARRATIVA VISUAL: CRÔNICA NA CAIXA.....	96
4.3	LINGUAGEM VISUAL: CRÔNICA IMAGÉTICA.....	98
4.4	ESQUADRINHANDO A LEITURA.....	100

4.5	PRODUÇÃO DO GÊNERO CRÔNICA.....	101
4.6	ANÁLISE DO RESULTADO DA APLICAÇÃO DO QUESTIONÁRIO- INFOGRÁFICO.....	109
4.7	FASE PÓS-RESULTADO: AÇÃO E CONTRIBUIÇÃO.....	119
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>126</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>130</b>
	<b>ANEXO A – QUESTIONÁRIOS DIRECIONADOS AOS ALUNOS DO 9º ANO 1.....</b>	<b>137</b>
	<b>ANEXO B – INFOGRÁFICOS.....</b>	<b>142</b>
	<b>APÊNDICE A – Carta de Aceite da Instituição.....</b>	<b>162</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Leitura é o foco central deste trabalho, desenvolvido para a dissertação de Mestrado Profissional em Letras (ProfLetras), na Universidade Federal do Acre (Ufac). Orientando-se a partir de uma factível bibliografia para o processo de construção do trabalho acadêmico, a intenção é refletir a respeito da temática supracitada, pois trata de um desafio frequente dentro do ambiente escolar.

Entre vários temas susceptíveis de serem desenvolvidos no projeto de pesquisa, surgiu o apreço por aquele que instigasse a prática leitora de maneira crítica, reflexiva, transformadora e que estivesse adjunto a situações simplórias da vida real.

Dentre os vários objetivos da escola, o de requerer competências leitoras sólidas que promovam uma cidadania ativa, consciente e integradora, é fundamental para que tal imperiosa formação de leitores se estenda para além dos muros escolares.

Vale destacar que a origem deste trabalho teve como motivação uma experiência vivenciada no ano de 2017, quando a Secretaria de Estado de Educação e Qualidade de Ensino (Seduc/AM) promoveu a I Olimpíada de Língua Portuguesa do Amazonas (Olpam), envolvendo os 62 municípios do Estado. A proposta da 1ª edição do concurso era destinada aos estudantes da educação básica, tendo como objetivo incentivar a criatividade, expressão cultural-artística e produção textual. O concurso contou com cinco gêneros: desenho, poema, conto, crônica e documentário. A dinâmica esteve voltada apenas aos alunos da rede pública e foi realizada em três etapas: escolar, distrital e estadual.

Os estudantes do ensino regular foram orientados a produzirem textos com o tema: “Registrando discursos midiáticos e narrativas do cotidiano amazonense”. Na ocasião, como professora da disciplina de Língua Portuguesa na Escola Estadual Ipixuna, situada numa zona periférica, no município de Ipixuna-AM, trabalhou-se o gênero crônica com as turmas do 9º ano do Ensino Fundamental II e 1ª série do Ensino Médio da Educação Básica<sup>1</sup>, mediada pela Proposta Curricular de Ensino e certame.

---

<sup>1</sup> Para educadores e pesquisadores críticos, a BNCC está vinculada à articulação e, principalmente, financiamento de setores do grande capital afinados com as ideias do Banco Mundial e da Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico, em relação à educação. Embora a BNCC tenha recebido uma quantidade imensa de falas, participações, indicações dos professores e de sindicatos durante o processo de consulta pública, o que se vê, segundo os críticos, é que no projeto final o que

Nas produções do concurso predominaram os valores e as características peculiares do lugar onde os discentes viviam, com a inserção de instrumentos tecnológicos. Assim, a crônica e o documentário foram apresentados como produtos audiovisuais, com o intuito de incentivar a utilização de mídias de forma crítica, reflexiva e ética nas mais diversas práticas escolares, como uma maneira de produzir conhecimento e atuar de forma consciente quanto ao aspecto de resolver problemas, exercer protagonismo e desenvolver autoria na vida pessoal e coletiva. Tal iniciativa segue a proposição da Base Comum Curricular Nacional (BNCC/2018), que enseja reduzir as desigualdades educacionais do país, melhorar a escrita, a convivência e a interação com a comunidade interna e externa da escola, com o propósito de torná-los indivíduos mais ativos e sociáveis. Por razões como essas, a BNCC tornou-se o documento que orienta a aprendizagem da educação básica do país.

No entanto, vale ressaltar ainda, que em ocasiões similares, embora mais específicas, fez-se necessário que as Secretarias de Educação dos Estados e municípios e suas respectivas escolas se organizassem nessa empreitada para participarem da construção desse documento normativo, oportunizando momentos de leitura, reflexão e discussão em torno dessa etapa da educação para, posteriormente, implementar e construir um ensino que atendesse aos interesses da sociedade atual, sem desconsiderar a particularidade de cada Região e Município.

Para o cumprimento dessa ação instituiu-se o Programa de Apoio à Implementação da Base Nacional Comum Curricular (ProBNCC), cuja tarefa era alinhar as ações em torno da construção de currículos de cada Estado e Municípios em suas redes de ensino e conseqüentemente, das escolas públicas e privadas.

No estado do Amazonas, por exemplo, ocorreu a assinatura do Termo de Parceria Técnica com o Conselho Nacional de Secretaria de Educação (Consed/AM), em 1º de fevereiro de 2018, para a formação da equipe de elaboração e implementação do referencial. Este tinha por objetivo unificar os temas relevantes para a aprendizagem dos estudantes amazonenses, fomentando o respeito à

---

predomina é a demanda do movimento empresarial; isso se deve a um processo de subordinação da educação brasileira aos ditames da economia e aos interesses do mercado. Outro aspecto que demanda o fomento da qualidade da educação está intimamente ligado ao aumento dos índices do Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb). Especialistas em educação apontam que a terceira versão do documento, por exemplo, aprofunda a sintonia entre a Base e as formulações defendidas por organizações e entidades empresariais que prestam serviços para a educação pública. Nesse sentido, a BNCC não é um documento aceito passivamente por educadores e teóricos. Há um movimento para a mudança de parte do documento (disponível em: <https://www.epsjv.fiocruz.br/>).

diversidade cultural existente no Estado, denominado de Referencial Curricular Amazonense (RCA<sup>2</sup>). O documento enfatiza que a escola é um espaço assegurador do direito à educação de todos, sem distinção e, portanto, tem o dever de oferecer uma educação de qualidade, com base em um currículo que considere a diversidade sociocultural do Estado, os anseios das crianças, dos adolescentes e dos jovens que almejam a promoção da aprendizagem na perspectiva do conhecimento necessário para o seu desenvolvimento, pessoal, social e profissional.

No processo de leitura e colaboração para a validação desse documento estiveram presentes o Conselho Estadual do Amazonas (CEE/AM), a União dos Conselhos Municipais do Amazonas (Uncme/AM), o Sindicato dos Estabelecimentos de Ensino Privado do Estado do Amazonas (Sinepe/AM), o Fórum da Educação Escolar Indígena do Amazonas (Foreeia), a Universidade Estadual do Amazonas (UEA) e a Universidade Federal do Amazonas (Ufam). O envolvimento dessas entidades se deu em cada etapa da construção do referencial. Ressalta-se o papel desenvolvido pelos prefeitos, secretários municipais de educação dos 62 (sessenta e dois) municípios do Amazonas, que assinaram o termo de participação para a cooperação deste registro escrito, dando legitimidade democrática ao regime de colaboração firmado com a educação do Estado, considerando a realidade de cada município.

Assim, considerando as contribuições, busca-se destacar a referência documental, estabelecendo relação com os objetivos pautados no projeto de pesquisa, em uma formação articulada entre os conhecimentos teóricos e aqueles vivenciados no dia a dia.

Vale enfatizar que o desenvolvimento das atividades articuladas no período referente à I Olimpíada de Língua Portuguesa do Estado do Amazonas (2017), também se deu mediante a proposta curricular do período. As vivências e experiências protagonizaram as atividades dentro e fora do espaço escolar, de modo que os discentes foram direcionados a corporificarem a observação por meio da investigação, conhecimento e pesquisa de campo, verificando questões culturais, sociais e políticas

---

<sup>2</sup> O Referencial Curricular Amazonense (RCA) foi elaborado por uma equipe multidisciplinar de professores da Educação Básica das redes estaduais e municipais, formado a partir da constituição da Comissão Estadual de Implementação na BNCC, portaria nº 242/2018, Diário Oficial do Estado de 21 de fevereiro de 2018, e teve suporte do programa de Apoio à Implementação da BNCC, Portaria nº 331 do MEC de 05 de abril de 2018. Esse programa possibilitou à equipe do Amazonas o contato por meio de conferência *online*, temáticas e encontros formativos, proporcionando subsídios na elaboração do documento.



da sociedade ipixunense. Assim, foi pela influência do hábito familiar que surgiu a benquerença pelo tema: “O Pescador”.

O resultado foi louvável, pois como professora orientadora do gênero crônica/ vídeo, foi possível receber da Secretaria de Estado e Qualidade do Ensino (Seduc/ AM) uma menção honrosa. O vídeo foi produzido por um aluno da 1ª série do Ensino Médio regular da Escola Estadual Ipixuna/AM, pela primeira colocação na I Olimpíada de Língua Portuguesa do Amazonas (Olpam). A solenidade de premiação e homenagens aconteceram no auditório do Centro de Formação Profissional Padre José Anchieta (Cepan) na capital amazonense. O evento foi transmitido ao vivo pelo sistema de IPTV (internet por televisão) do Centro de Mídias do Estado do Amazonas (Cemeam).

A crônica vencedora da I Olpam foi alcançada por um aluno do Ensino Médio da Escola Estadual Ipixuna/AM, sob a instrução desta professora de Língua Portuguesa, aqui pesquisadora. O registro discursivo midiático narrava o dia a dia do pescador, desde a saída, logo cedo, até seu retorno com as enfiadas de peixe. A produção do texto e vídeo exibia a trajetória do pescador, sua labuta e jornada, embalado por um fundo musical instrumental que dignificava, ainda mais, a profissão, natureza, paisagem e as cenas peculiares, representadas de maneira cronológica, sincrônica e expressiva. Utilizou-se aplicativos de vídeos, como o *InShot* para a criação dos registros narrativos midiáticos.

As experiências familiares permitiram à professora de língua portuguesa e aos alunos comporem e construir um trabalho metódico, preso aos detalhes e pormenores, valorizando as raízes culturais do lugar onde se vive. O resultado desse trabalho levou a refletir não somente sobre a rotina, cultura e origem, mas também sobre o fato de como esses conhecimentos contribuíram com a interação autor-texto e leitor-texto. Trajetórias assim, muitas vezes, são fontes de motivações e inspirações sobre o mundo da leitura e da escrita, uma vez que retrata o universo de interação cultural e social.

Partindo dessas aprendizagens, a presente dissertação, submetida ao Programa de Mestrado Profissional em Letras (ProfLetras), na Universidade Federal do Acre (Ufac), intitulada “Gênero crônica como instrumento de incentivo à leitura para os alunos do 9º ano “1” do Ensino Fundamental II” buscou desenvolver a partir do gênero crônica o incitamento à prática leitora, por meio de uma abordagem reflexiva, criativa e estratégica de recepção ativa do texto, com a intenção de favorecer o hábito

da leitura. Assim, a proposta deste estudo se desenvolveu além das experiências já mencionadas, pois se deve também, à ocorrência de que alguns membros da turma do 9º ano “1” do Ensino Fundamental II da Escola Estadual Ipixuna/AM apresentaram na disciplina de Língua Portuguesa, algumas defasagens e lacunas no que tange à leitura. Tal fato eleva um dos problemas que a escola enfrenta para que se obtenha melhores resultados na aprendizagem.

Os estudos desta proposta foram apoiados na BNCC e nas aptidões e capacidades que concernem à Matriz de Referência e os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) da disciplina de Língua Portuguesa do Ensino Fundamental II. Isso, porque os PCNs podem ser utilizados como fundamentação complementar, filosófica e teórica, e a BNCC, como a base de fundamentação legal documental da educação.

Esses referenciais foram aplicados como pressupostos para auxiliar o hábito da leitura a partir do desenvolvimento da prática metodológica e pedagógica deste trabalho.

Embora os PCNs<sup>3</sup> estejam em desuso, por não terem sido atualizados em conformidade com as legislações educacionais vigentes, para Costa e Ferreira (2020) são considerados referenciais facultativos (não obrigatórios), que podem ser complementares, mas não substituem a BNCC<sup>4</sup>. Nesse quesito, a atuação e filosofia são integradoras, que direcionam os currículos do sistema de educação básica de ensino.

Consciente desta compreensão e do reconhecimento da importância da leitura enquanto instrumento que possibilita o saber e o conhecimento alargado do eu, do outro e do mundo e suas subsequentes ações transformadoras, brotou a seguinte reflexão: “de que forma a leitura a partir do gênero crônica pode se tornar um hábito frequente?” A questão se justifica ainda, porque muitas vezes, as aulas de leitura não privilegiam práticas leitoras distintas, dificultando o desenvolvimento de habilidades, conhecimentos, criticidade, autonomia e protagonismo na vida social.

A partir dessa reflexão sobrevêm as seguintes indagações: se a leitura é a “porta” do conhecimento na sociedade de informação, considerada um instrumento

---

<sup>3</sup> Disponível em: <http://bit.ly/livepcnosp>.

<sup>4</sup> Base Comum Curricular Nacional – instituída pela resolução nº 2 do Conselho Nacional de Educação, e homologada pelo Ministério da Educação no dia 22 de dezembro de 2017. Tornou-se um documento norteador das aprendizagens esperadas para os estudantes das escolas de Educação Básica do país. Foi implementada durante os primeiros meses de 2018, a partir do Regimento de Colaboração entre os Entes federados.

essencial para a aquisição de aptidão, atitude, competências imprescindíveis para a transformação social e pessoal; se a leitura alarga oportunidades, sendo um grande “oásis” de conhecimento, uma das maiores riquezas que um ser humano pode ter, tal como coloca (Sim-sim, 2006).

Se a leitura e a escrita são atividades inseparáveis, que constituem a condição indispensável de acesso infindável a bens e conhecimentos, então, é válido repensar o papel dos principais mediadores da leitura, uma vez que esta competência remete a uma grande quantidade de vantagens individuais e sociais.

Dessa forma, aos docentes, entre inúmeras incumbências, cabe incitar a imaginação em relação ao texto, linguagem, pensamento, emoção e reflexão, além de outros requisitos para o desenvolvimento de habilidades e competências, como a capacidade de extrair os sentidos, mediadas por diferentes linguagens (verbais, não verbais e multimodal) faz parte da dinâmica diária, porque as atividades humanas realizam-se nas práticas sociais que circulam em diferentes esferas da atividade humana.

Por essa razão, os estudantes devem participar de práticas de linguagem diversificadas para ampliar e assegurar o conhecimento sobre os seus modos de funcionamento e, assim, elevar seu repertório e capacidade de atuação na vida social.

Assim sendo, o gênero crônica valida e enaltece a vida cotidiana e as situações de produção na construção do pensamento crítico e reflexivo dentro do processo ensino-aprendizagem. Isto posto, por motivos justificáveis, foram traçados os objetivos específicos desta pesquisa:

- a) Despertar nos alunos a prática da leitura, no sentido de apropriarem-se do gênero crônica para melhor compreensão e reflexão sobre o mundo;
- b) Trabalhar o gênero crônica em sala de aula de forma conectada e multimodal no contexto atual, favorecendo a articulação e a comunicação oral e escrita do leitor nas diferentes situações sociocomunicativas;
- c) Estimular a leitura nos estudantes por meio de roteiros, procedimentos práticos e inovadores, apoiando-se em seus conhecimentos prévios sobre as condições de produção e recepção do gênero crônica.

Sabe-se que a escola e principalmente, o professor de Língua Portuguesa, têm enfrentado diversas barreiras no ensino da leitura. Tornar o aluno um leitor assíduo não tem sido uma tarefa fácil, pois vários são os fatores que interferem nesse processo.

Com base em experiências vivenciadas no ambiente escolar, foram planejadas e aplicadas metodologias estratégicas que auxiliassem a execução das atividades de maneira distinta e dinâmica, com uso de procedimentos que motivassem a prática leitora e facilitasse o desenvolvimento cognitivo, cultural e sociocomunicativo do leitor.

O processo foi iniciado explorando-se a leitura de mundo do aluno para incitar o diálogo entre o gênero crônica e o conhecimento acumulado ao longo da vida, objeto também sinalizado nesta dissertação.

Essa conexão foi importante para os alunos, pois, ao apoiarem os conhecimentos prévios sobre as condições de produção e recepção desse gênero, esperava-se que o estudante se sentisse motivado a ler outros textos, uma vez que o cenário explorado dentro dos textos manifestava interação com o mundo real, visto que os alunos reconhecem ensinamentos, observam fatos do cotidiano e, por conseguinte, refletem sobre as virtudes e os valores humanos, a depender da área ou esfera social.

Ao rememorar o educador e filósofo Paulo Freire (1989, p. 7), a leitura de mundo precede a leitura da palavra. Nesse sentido, para o autor o importante não é propor um ensino imediatista, mas despertar uma nova forma de aprender com a experiência vivida.

Desse modo, a escola deve ser considerada esse espaço de reflexão e promoção de interesse dentro de um processo ativo de construção e posicionamento crítico, mediante saberes e conhecimentos internos e as informações contidas no texto, direcionando discussões, confronto de opiniões e pontos de vista, cujo único limite é o respeito pela leitura do outro, que pode apresentar singularidades, inferir novas interpretações e percepções de mundo, realizadas de maneira distinta, porém autônoma e valorativa.

Scliar (2001) destaca que o gênero crônica disponibiliza de uma linguagem simples, de modo que ao retratar os aspectos da vida cotidiana, o leitor reflete e dialoga a partir de uma perspectiva corriqueira, inusitada, pitoresca, irrisória ou imaginária. Para o autor, é possível observar os mais diversos temas, a depender das áreas e da esfera social ali retratada, seja no campo cultural, político, social, de divulgação literária, científica, desportiva, noticiário.

Nesse viés, Scliar (2001) ajuíza que “a crônica é a forma literária dessa conversa informal” e “remete ao cotidiano, com conotação literária”, a relação dos

acontecimentos, as questões em análise, utilizando-se de uma estrutura narrativa que inclui elementos como tempo, espaço, enredo, personagens e narrador.

Os textos motivadores utilizados nessa proposta são denominados literários, porque a esfera tratada neste estudo focaliza suas particularidades, especificidade imponente e peculiaridade, permitindo múltiplas interpretações, pois resulta da subjetividade do autor, além de gerar reflexões, emoções, divertir o leitor, entre outras funções.

A partir dessa compreensão, a proposta consistiu em materializar as leituras dos textos narrativos, selecionados por meio de uma sequência didática, com a utilização de práticas, como: desenhos, pinturas, fotos, imagens, produção textual, exposição oral e escrita assistidas, além do uso de aplicativos tecnológicos (*Instagram* e *WhatsApp*), aplicação de um questionário, elaboração de um infográfico, carta de aceite da escola, tudo isso para que o desenvolvimento das atividades assegurasse o bom uso e a qualidade da pesquisa.

A intervenção das atividades estava apoiada numa percepção crítica dos educandos ao incentivar seus posicionamentos, mediante as temáticas exploradas nos textos em sala de aula, nas tarefas de releitura, interpretação, compreensão e produção, as quais fortaleceram a ideia de que, “na atualidade, uma pessoa letrada deve ser alguém capaz de atribuir sentidos às notícias provenientes de múltiplas fontes linguísticas e também de criá-las de forma eficiente, utilizando múltiplas fontes”, assim como confirma Dionísio (2011, p. 138).

Nessa visão, a leitura foi tratada como um importante mecanismo de interação social, afinal, a capacidade informativa e produtiva se torna cada vez mais vasta quando se busca o conhecimento de forma contínua e em diferentes fontes de linguagem.

Sendo assim, o estudo do gênero crônica no ambiente escolar não só direcionou o aluno a um nível maior de praticidade dentro deste processo investigativo, mas buscou retratar de forma significativa os aspectos humanos, culturais, sociais, de maneira que o sujeito atuasse frente à realidade, de forma mais firme nas futuras análises a partir dessa perspectiva literária, ainda que fossem motivadas pela conversa informal remetida ao cotidiano, com conotação.

Dado o exposto, a prática da leitura tem o poder de promover descobertas, revelações, criações, conquistas, além de formar um cidadão consciente e participativo.

Segundo Smith (2006, p. 36),

[...] A leitura contribui para ampliar a visão de mundo, estimular o desejo de outras leituras, exercitar a fantasia e a imaginação, compreender o funcionamento comunicativo da escrita, compreender a relação fala/escrita, desenvolver estratégias de leitura, ampliar a familiaridade com os textos, desenvolver a capacidade de aprender, ampliar o repertório textual para a produção dos próprios textos, conhecer as especificidades dos diferentes tipos do texto, favorecer a aprendizagem das convenções da escrita, só para citar algumas possibilidades (Smith, 2006, p. 36).

É inquestionável que a leitura promove ampla visão de mundo, transforma o indivíduo, porque gera conhecimento, informação, sagacidade e o coloca como sujeito da realidade, e não como mero telespectador, mas como diretor, no sentido de interferir quando julgar necessário e conveniente, pois para Freire (1979) o conhecimento liberta, e o saber modifica o comportamento humano e transforma a sociedade.

Nesse sentido, a prática de leitura leva o ser humano a um estado de conscientização e reflexão crítica por intermédio das mais diversas situações que envolvem a realidade. A atividade leitora reveste e protege o leitor, tal como uma “armadura”, um verdadeiro instrumento de transformação social. Para Freire (1979, p. 16), “quando o homem compreende sua realidade pode levantar hipóteses sobre o desafio dessa realidade e procurar soluções”. O autor reconhece o conhecimento como propulsor da conscientização e libertação.

Para atingir esse nível de conscientização é necessário alcançar certas habilidades leitoras. Para a BNCC (2018), a crônica conta com a presença de valores sociais, culturais e humanos, além de diferentes visões de mundo em textos literários; reconhece nessa atmosfera formas de estabelecer múltiplos olhares sobre as identidades, sociedade e cultura. No contexto social e histórico de sua criação, produz texto com temática apropriada ao gênero, usando os conhecimentos sobre os constituintes estruturais e recursos expressivos típicos dos gêneros narrativos pretendidos.

Em vista disso, adotar ferramentas metodológicas diversificadas no ambiente escolar pode motivar uma maior participação e envolvimento do educando com aquilo que se lê e com o que se produz. Dito isso, a proposta de aplicação didática é um instrumento muito utilizado; sua estrutura apresenta sua organização e intencionalidade, alinha a prática educacional durante o processo para atingir os objetivos traçados.

O gênero crônica, por sua vez, dentro dessa conjuntura, buscou um espaço de concretização mediante situações do dia a dia e, para isso, dispõe de um olhar subjetivo dos acontecimentos narrados, se distancia do mero relato e convida para uma reflexão mais vasta; permite ao leitor perceber o que de fato, está por trás de um ocorrido aparentemente banal, manifestando ângulos, a priori, não identificados. Martins e Saito (2006) afirmam que os cronistas fazem com que esses acontecimentos, aparentemente triviais, tornem-se significativos, à medida em que se revela a magnificência ali introduzida.

Dessa maneira, criou-se a expectativa de abraçamento do leitor com o gênero para que torne a leitura mais tênue e prazerosa, estimulando o aprimoramento da escrita e enveredando por outras habilidades, promovendo a extensão de leitura de outros gêneros. Nessa situação, o professor deve posicionar-se como um facilitador desse processo, adotando procedimentos que permitam ao aluno buscar novas fontes, novos textos, funcionalidades, marcas e estruturas composicionais para que assim o indivíduo (re)construa atitudes reflexivas e participativas como sujeito social.

Nessa perspectiva, espera-se que esta prática de leitura, que tem subsidiado as propostas direcionadas para turmas de 9º ano “1” do Ensino Fundamental II na disciplina de Língua Portuguesa, venha contribuir futuramente com outros educadores em suas ações metodológicas, dinamizando e articulando o fazer pedagógico, com propósito de incentivar o hábito de leitura.

Mediante as discussões teóricas, esta pesquisa apresenta uma reflexão imprescindível no ambiente escolar, a serviço da prática leitora, apoiada em Cereja (2005), Bordini (1986), Silveira (2009), Solé (1998), Souza (2009), Marcuschi (2002), Schneuwly; Dolz (2004). Para se discutir a relação entre leitura de mundo e leitura crítica e reflexiva foram elencadas as contribuições de Bourdieu (1996), Kleiman (2004); Sabino (2008); Barbosa; Rodrigues; Oliveira (2011). No sentido de ampliar a discussão sobre o ensino inovador e multimodal, recorre-se a Lajolo (1995), Correa (1989), Rojo (2011), Dionisio (2014). Na busca por alargar a reflexão sobre a leitura como viés para o protagonismo na vida social, destacam-se as contribuições de Almeida (2018), Weisz (2004), Diesel; Baldez; Martins (2017), Rojo (2009), Britto (2012), Marcuschi (2008). Com a intenção de aprofundar o tema, recorre-se ao hábito de leitura de Aguiar; Bordini (1993), Silva (1988); e para concluir a reflexão sobre produção e recepção do gênero, acerca-se do estudo de Dondis (2007). A partir desses diálogos dá-se início à fundamentação teórica.

Para fins norteadores desta pesquisa, será apresentado o desenvolvimento da proposta e os atores envolvidos nesse processo.

O cenário desta investigação desenvolveu-se na Escola Estadual Ipixuna-AM, durante a realização de um projeto interdisciplinar intitulado: “Feira Do Conhecimento”. Na ocasião, os docentes mediarão a socialização das atividades articuladas e desenvolvidas pelos alunos durante o processo de investigação, construção, exposição e exibição dos trabalhos, realizados nas diferentes áreas do conhecimento, a fim de compartilhar os resultados averiguados durante as ações continuadas. Mediante o cronograma estabelecido na proposta de investigação acadêmica, foi inserido, no ensejo, em forma de subseção, o projeto de pesquisa “Gênero crônica como instrumento de incentivo à leitura para os alunos do 9º ano “1” do Ensino Fundamental II”.

Os alunos do 9º ano “1” do Ensino Fundamental II realizaram as ações conforme as descrições escrutinadas nos tópicos e subtópicos, e também o desdobramento das sequências didáticas, bem como toda a proposta orientada pela pesquisadora e desenvolvida pelos alunos no decorrer da trajetória. O tema fixado na pesquisa e a vivência de sala de aula na disciplina de Língua Portuguesa foram aplicados por intermédio de procedimentos planejados e estabelecidos pelo uso do gênero crônica, como instrumento de incentivo à prática leitora, sob uma perspectiva reflexiva, crítica e participativa.

Assim sendo, o presente estudo foi estruturado com o primeiro capítulo trazendo o embasamento teórico, com seis subdivisões temáticas, que leva a refletir sobre o gênero crônica, leitura e produção.

O segundo capítulo aborda a metodologia e suas respectivas descrições e justificativas que fundamentam e norteiam a proposta metodológica da pesquisa.

O terceiro capítulo apresenta a aplicação da proposta de intervenção.

O quarto capítulo foca nas discussões e resultados alcançados nesta pesquisa.

O quinto capítulo traz as considerações finais, seguidas das referências e anexos (A e B; Apêndice A), contendo a carta de aceite da escola para a aplicação e execução do projeto de pesquisa, o questionário, o infográfico, um pequeno encarte das produções dos alunos, bem como sobre o uso do material coletado e examinado durante o processo de investigação.

Para maiores informações sobre o questionário e o infográfico, os mesmos encontram-se completos nos anexos, já que apenas alguns dados foram descritos na



discussão dos resultados, tendo em vista que o tema e objetivo da pesquisa relacionam-se com o hábito de ler. Os demais itens foram utilizados com a finalidade de favorecer a compreensão de alguns aspectos identificados como necessários para entender o contexto de leitura dos investigados.

## 2 GÊNERO CRÔNICA COMO INCITAMENTO À PRÁTICA LEITORA

Neste capítulo apresenta-se as concepções teóricas que fundamentam a pesquisa com o gênero crônica. Para tal propósito, esse capítulo será subdividido em seis seções: gênero crônica no ambiente escolar a serviço da prática leitora; relação entre leitura de mundo e a leitura crítica e reflexiva; ensino inovador e multimodal; leitura como viés para o protagonismo na vida social; hábito de leitura; produção e recepção do gênero.

As percepções que respaldam esta tese estão intimamente ligadas ao tema tratado neste trabalho – *Gênero crônica como instrumento de incentivo à leitura para os alunos do 9º ano “1” do Ensino Fundamental II*, aspirando desenvolver a prática leitora, por meio de uma abordagem criativa e estratégica de recepção ativa do texto, com o fito de favorecer o hábito da leitura, levando em consideração os estudos e as atividades realizadas dentro do contexto desta pesquisa. A turma observada inicialmente era composta por 20 alunos, com faixa etária de 13 a 15 anos.

Nesse ambiente, foi detectado uma defasagem no que tange à prática leitora. Mediante a circunstância, a pesquisa buscou desenvolver uma proposta efetiva e inovadora para o incitamento e alumbramento da leitura sobre uma perspectiva reflexiva, crítica e participativa, a partir do uso do gênero textual crônica. Porém, a última ação desenvolvida em sala de aula foi a aplicação do questionário. Nesta atividade específica, 19 alunos responderam aos questionamentos de forma escrita, pois um aluno da turma teve que se ausentar para tratar da saúde física.

Para atingir melhor resultado, a professora pesquisadora optou por trabalhar com uma única turma para que a pesquisa tivesse maior apoio e suporte justo. Dito isso, a pesquisa dispôs de concepções teóricas que amparassem o estudo, as quais passam a ser dissertadas.

### 2.1 GÊNERO CRÔNICA NO AMBIENTE ESCOLAR A SERVIÇO DA PRÁTICA LEITORA

A prática leitora tem sido alvo de discussão dentro e fora do ambiente escolar, porém, mesmo que muitas mudanças tenham ocorrido positivamente ao longo da história, ainda é necessário melhorar bastante essa realidade. Para Cereja (2005, p. 11), tais discussões fazem supor que o ensino de leitura e a abordagem do texto literário não tem sido objeto central das aulas de literaturas.

O desempenho das escolas públicas brasileiras, por exemplo, é verificado por meio do Sistema de Avaliação da Educação Básica (Saeb) que, além de avaliar a qualidade da Educação Básica, oferece subsídios para a formulação, reformulação e monitoramento de políticas educacionais a partir dos resultados coletados e calculados pelos programas nacionais de avaliação escolar. Para Jurado (2003, p. 162 *apud* Cereja, 2004, p. 16), os sistemas de avaliação “têm diagnosticado que o baixo desempenho dos alunos nas provas se deve à ausência do domínio da leitura compreensiva”.

Cereja (2005, p. 11) menciona que, no relatório pedagógico do Saeb (2001), o indicador é divulgado a cada dois anos, e combina dados com as informações do censo escolar, que tem como público-alvo os alunos dos anos finais do Ensino Fundamental I e II das escolas públicas e do terceiro ano do Ensino Médio. Ainda segundo Cereja (2005, p. 11), o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep) apresenta os resultados e a distribuição percentual dos alunos em cada nível da escala de proficiência, por área do conhecimento, para a escola, Município e Estado, bem como os demais extratos de interesse da avaliação e os indicadores sobre as condições em que ocorrem o trabalho pedagógico escolar. Mediante o resultado dessa avaliação no ano de 2001, observou-se que, embora os alunos tenham consolidado algumas habilidades de leitura, ainda não se tornaram leitores críticos.

O debate tem sido acalorado nos últimos anos pelo país, porque estudos apontam que algumas competências e habilidades não correspondem ao ano e ou série proporcional. Mudar essa conjuntura requer posicionamentos e comprometimento com o ensino, com o planejamento e investimento educacional. Para Soares (2017), o Brasil precisa melhorar, mesmo que o resultado tenha indicado melhora nas avaliações externas nos anos fundamentais iniciais do respectivo ano. Todavia, no Ensino Médio os níveis são insuficientes. Para Soares (2017), é necessário garantir a cada um dos jovens brasileiros a educação de qualidade.

As escolas, dentro de suas possibilidades, têm criado e recriado várias estratégias na intenção de obterem mudanças auspiciosas. A tentativa em contornar esse cenário tem sido uma batalha diária e constante, principalmente para os professores de Língua Portuguesa, que são instigados a dar uma resposta categórica. Para Antunes (2003, p. 15), o momento nacional é de luta, de renovação e incita à

mudança, a favor de uma participação cada vez maior, de toda a população e de um exercício cada vez mais pleno da cidadania.

O desempenho nas escolas do país em 2017, divulgado pelo Ministério da Educação (MEC<sup>5</sup>), por exemplo, foi considerado baixíssimo pelo Saeb, no tocante ao percentual de alunos brasileiros às vésperas de concorrer a uma vaga em nível superior com conhecimento adequado em Língua Portuguesa. A informação se reporta ao fato de que apenas 1,62% dos alunos da terceira série do Ensino Médio, que fizeram os testes desse componente curricular no Saeb de 2017, alcançaram níveis de aprendizagem classificados como adequados pelo Ministério da Educação. O índice era equivalente a 20 mil estudantes de um total de 1,4 milhão que fizeram a prova no ano referente.

Diante dessa realidade, estimular a prática leitora tem sido uma tarefa que traz consigo um conjunto de mecanismos agregados para atingir um sentido maior, quando interligados às ferramentas associadas a essa dinâmica podem ou não contribuir na construção desse processo na vida do indivíduo. Para Cereja (2003, p. 11-12), o ensino de literatura não tem alcançado plenamente os objetivos aos quais se propõe atingir, que é a formação de leitores competentes, de textos literários ou não, e a consolidação de hábitos de leitura. Para o autor, há uma necessidade de rever essa prática escolar, bem como redefinir o papel do ensino de literatura na disciplina de Língua Portuguesa.

Quando a escola dispõe de ferramentas necessárias para o manuseio apropriado de metodologias ativas e amparo às particularidades, o educador pode administrar e desenvolver resultados extremamente decisivos, porém, do contrário, a ausência de aparatos e utensílios podem desencadear efeito indesejável.

Segundo Bordini (1986, p. 116), a prática leitora como produtora e construtora humana e social [...] completa e engrandece o leitor, tornando-o conivente com outras vidas e outros mundos e obriga-o a se emocionar, a ser rejeitado e a se apaixonar, sem, no entanto, perder o controle consciente sobre a situação de leitura, que é provavelmente o seu maior apelo, porque possibilita um diálogo igualitário.

Para Solé (1998), a escola que nutre esperança de dias melhores depende de uma política comprometida com a educação, com o assistencialismo, que esteja preocupada com a equidade, manutenção e, principalmente, com ações qualitativas

---

<sup>5</sup> Ministério da Educação (MEC); dados liberados pelo *site* responsável em 2017.

que garantam uma prática leitora eficaz e não meros decodificadores de sinais gráficos.

O desejo de extrapolar esta condição medíocre também está associado à instituição que, por sua vez, precisa promover uma formação leitora que ocasione conhecimento cultural, que alimente a imaginação e desperte o prazer de ler, fazendo com que a informação se mantenha em zona prioritária.

Porém, o procedimento é mais complexo do que muitos imaginam. Por isso, ao refletir sobre as barreiras e dificuldades dentro do ambiente escolar, o uso do gênero crônica como instrumento de incentivo à leitura foi um recurso de estímulo à uma prática leitora reflexiva, crítica e participativa, por meio de propostas que proporcionem uma compreensão maior.

Nesse ensejo, coube orientar e levar para a sala de aula textos que pudessem aguçar e despertar nos estudantes o interesse pela leitura para além dos livros didáticos. Avivar ou reavivar esse despertar.

A crônica, nesse sentido, foi utilizada como um instrumento de motivação, descontração, e não só por causa disso, mas também, como destaca Scliar (2001), porque reflete sobre as mais diversas temáticas sociais e culturais, já que o gênero tem a capacidade de abordar outros segmentos, tais como: políticos, de divulgação científica, desportiva e noticiário, como ocorrem habitualmente na modalidade ora estudada.

Além disso, Scliar (2001) afirma que o gênero crônica como mecanismo utilizado para leitura, sugere um aprendizado leve e sutil, porém, não menos comprometido, sério e reflexivo. Já Silveira (2009, p. 238) destaca que a crônica se presta muito bem ao uso de oficinas de leitura e produção de texto e, se o professor realizar uma boa prática metodológica, poderá despertar no aluno o tão desejado prazer do texto.

Nessa perspectiva, explorou-se o gênero crônica, pois ao manter um vínculo com fatos cotidianos, ao utilizar uma linguagem simples, de fácil entendimento, se cria uma atmosfera interativa, visto que estreita a distância entre mundo real e mundo imaginário.

Para Scliar (2001), o gênero crônica suaviza a leitura, porque apresenta leveza no vocabulário, sem perder a profundidade da mensagem; mostra que produzir faz parte de um processo que exige reflexão e diálogo com o mundo externo e interno, ainda que se faça necessário o uso de uma linguagem simbólica. Assim, os assuntos

tematizados podem estar ao redor, e os processos de leitura, interpretação e produção podem ser conduzidos de maneira acessível. Assim sendo, esse processo enxerga que tal ação pode ser realizada a partir de seus conhecimentos e experiências, quando esta for aplicada ou orientada da forma correta.

As Diretrizes Curriculares da Educação Básica (Paraná, 2008) mostram a leitura como um ato dialógico, interlocutório, tendo em conta as necessidades sociais, históricas, políticas, econômicas e ideológicas de momentos específicos. Levando em conta esses argumentos, pode-se perceber que, para que o aluno se sinta parte deste ato de diálogo, deve passar por um processo de ensino-aprendizagem que vai além da leitura como decodificação, e chegar à leitura como “um processo de interação entre o leitor e o texto” (Solé, 1998, p. 22).

Nesse panorama, Souza compreende ainda que:

O ensino e a promoção da leitura, compreendida como algo mais que a alfabetização, têm mobilizado atenção e esforços de diversas forças sociais, entre educadores, agentes sociais e lideranças políticas. Assume-se francamente que a capacidade de ler e a prática da leitura teriam implicações importantes na participação social dos indivíduos, contribuindo decididamente para sua maior produtividade, intervenção política e social, organização da vida prática etc (Souza, 2009, p. 187).

Assim, entende-se que no contexto escolar se deve priorizar a concepção de leitura como prática social e interacional (leitor-autor-contexto). O professor deve propiciar ao aluno atividades que favoreçam a sua percepção, embora gradativa, e que essa construção seja um processo ativo, determinado por seu conhecimento e experiência individual e de mundo.

Segundo Marcuschi (2002), os gêneros textuais são atribuições sócio-discursivas que servem para a comunicação e interação no dia a dia dos discursadores. Dessa forma, o uso do gênero crônica como mecanismo de incentivo à leitura pode despertar no discente o interesse pela análise, pela elaboração, pelas implicações textuais e pela compreensão do texto, visto que o leitor, em processo desembaraçado, cria possibilidades de aumentar seu nível de cognição cultural e linguístico, além de aguçar o senso crítico a partir das reflexões realizadas ao longo de cada temática abordada nos textos.

Schneuwly e Dolz (2004) argumentam que optar por trabalhar gêneros textuais na escola oportuniza uma variedade de propósitos para o desempenho da aprendizagem, e que o sistema metodológico adotado pelo professor pode adicionar

não somente a ação criativa, mas a prática da leitura, uma vez que será definida a comunicação e relação social.

Partindo do pressuposto de que o dinamismo da fala e escrita são duas práticas sociais interacionistas, este pode desencadear em sala de aula, feitos extraordinários, quando suscita atividade agradável, sob orientação do educador, num processo consensual. O discente, por exemplo, ao optar pela leitura que deseja realizar coloca em prática a capacidade de tomar decisões sem interferência e, por conseguinte, desenvolve habilidades inerentes ao ato de ler, tais como: interpretar, analisar, compreender, recriar, redigir, construir e reconstruir, de forma coerente e coesa, a linguagem de texto de acordo com a análise do gênero textual.

Em vista disso, Schneuwly e Dolz (2004) enfatizam que utilizar o gênero literário no ambiente escolar inspira uma diversidade de metas para o processo de ensino aprendizagem. Uma delas é administrar os comandos sobre o gênero exposto no momento da proposta de intervenção para melhor conhecê-lo, compreendê-lo e assim, produzi-lo de maneira positiva, dentro ou fora da escola, isso sem desconsiderar a capacidade cognitiva individual do estudante.

## 2.2 RELAÇÃO ENTRE LEITURA DE MUNDO E LEITURA CRÍTICA E REFLEXIVA

A interação homem e meio inicia desde o nascimento. As normas, direitos, deveres, costumes, crenças, cultura, ideais são alguns exemplos de pactos e acordos formalizados pelas convenções, estabelecidas por grupos com interesses afins. Segundo Bourdieu (1996), essas normatizações advêm de uma política que, revestida de poder, manipula as classes desfavorecidas, estipulando conduta de segregação não só linguística, mas também econômica e social.

Os conhecimentos obtidos dentro do ambiente familiar são regados de valores que influenciam as atitudes e comportamentos no decorrer da vida; outros serão adquiridos e configurados pelas percepções externas.

Para Freire (1996), as entidades de ensino que utilizam concepções convencionais, sem considerar as experiências e vivências do sujeito, desvalorizam sua história. Descontextualizar essas circunstâncias, muitas vezes, cria entraves no aspecto da compreensão e do entendimento do mundo ficcional sobre o real e vice-versa.

Para Marcuschi (2002), os gêneros textuais são diversos e estão presentes no cotidiano do indivíduo. Eles variam de acordo com a intenção comunicativa e com as particularidades em relação à linguagem, à estrutura e ao conteúdo. Seu uso em sala de aula pode explorar não só temáticas atuais, mas relacionar saberes adquiridos das interações que se estabelecem ao longo da vida, com os conhecimentos científicos, com o ensino que distingue e não rejeita, que mescla as realidades, que minimiza a ideia de distanciamento entre leitor e texto. As informações que pressupõe o leitor precisam ser consideradas como suporte de leitura, pois é também uma forma de associar o conhecimento.

Dessa forma, Freire (1996, p. 122) declara que “o reconhecimento e o respeito à leitura de mundo do educando é fundamental”, pois a resistência do professor, por exemplo, em respeitar a ‘leitura de mundo’ com que o aluno chega à escola, é obviamente determinada pela cultura de classe e revelada em sua linguagem, que pode ou não se constituir em um obstáculo à sua experiência de conhecimento.

Ainda neste seguimento, Kleiman (2004, p. 25) enfatiza a relevância desse conhecimento para a compreensão do leitor: “[...] a ativação do conhecimento prévio é, então, essencial à compreensão, pois é o conhecimento que o leitor tem de um tema que lhe permite tirar conclusões aceitáveis para conectar várias partes díspares do texto em um todo coerente”.

Seguindo ainda Kleiman (2004), o conhecimento de mundo explica a experiência que o leitor adquiriu ao longo de sua vida. Os estágios de aprendizado fazem parte do conhecimento prévio do leitor. Elas são as veredas percorridas ao longo da trajetória de vida, tatuadas como ensinamentos e reflexões circunstanciais.

A disciplina de Língua Portuguesa detém como um dos eixos fundamentais o ensino da leitura, tal como expressa os Parâmetros Curriculares Nacionais (1998). Sem a competência dessa prática, há o comprometimento na apropriação dos demais eixos, como, por exemplo: a oralidade e, principalmente, a escrita. Dessa forma, “a área do conhecimento deve organizar-se tomando o texto (oral ou escrito) como unidade básica de trabalho considerando a diversidade de textos que circulam socialmente” (Brasil, 1998, p. 59).

Por outro lado, é importante incentivar a compreensão e a reflexão sobre os escritos diversos, e saber usá-los e analisá-los para aproximar-se, desenvolver o conhecimento e o potencial individual como agente social. A partir de ações



planejadas o aluno pode atingir o domínio da leitura, a escrita e a capacidade de fazer uso dessas habilidades nas mais diversas circunstâncias comunicativas.

Nesse sentido, o ensino da leitura exige uma ação contínua, pois configura-se como melhor leitor aquele que adquirir hábitos de leitura para a vida, uma vez que se vive em uma sociedade sobrecarregada de códigos. Assim, ao indivíduo cabe usá-la de forma reflexiva e participativa, a fim de induzir a mobilidade social, o diálogo com o conhecimento prévio, os propósitos e finalidades que atendam às interposições textuais e os contextos sociais.

Assim, Sabino (2008, p. 1) ressalta que a leitura reflexiva é uma das melhores formas de compreender a realidade. Ler o texto sem pensar não é a forma de compreender a conjuntura. Muitas vezes, as pessoas leem de forma mecânica e ao final da leitura, é impossível resumir as ideias principais que o texto pretende transmitir. Portanto, não basta extrair informações do texto. Além de compreender, é necessário passar para outro estado de leitura: criticá-lo com base em hipóteses diferentes e procurar novas conclusões e novas implicações. É preciso analisá-lo criticamente, o que exige operações mentais mais complexas do que apenas a obtenção de informações. Para criar conhecimento, ler e pensar sobre o que você lê é essencial.

Para Sabino (2008, p. 1), a leitura consciente direciona às faculdades cognitivas do ser humano, desenvolve posicionamentos e atos sólidos, é a melhor forma de entender a realidade social.

Barbosa, Rodrigues e Oliveira (2011, p. 163) apontam que quem lê constrói significado. Ler é combinar conhecimentos sobre o mundo e formas de pensar sobre os temas discutidos no texto. A leitura é o resultado da interação de informações visuais e não visuais em um texto e é considerada um ato cognitivo.

Entre outras funções, a leitura materializa o abstrato, torna real o imaginário e vice-versa, a depender da proposta que se pretende alcançar. É interessante que, mediante o desejo de se atingir quaisquer que sejam as metas, não se pode fugir do domínio de conhecimento do leitor, pois assim, o sujeito saberá utilizá-lo conforme suas necessidades.

A leitura deve ser uma movimentação dialógica, dinâmica, em que o leitor não se limita apenas a aceitar a informação, mas edifica habilidades intelectuais, origina motivação, experiência e alicerça conhecimentos.

## 2.3 ENSINO INOVADOR E MULTIMODAL

Ao refletir sobre a leitura é possível compreender sua grandeza, isso porque ela não só transfere informação, mas derruba muros e constrói pontes; destrói preconceito e liberta a alma; minimiza o individualismo e maximiza a plurissignificação da coletividade; renega anti-valores e mobiliza ações sociais; ressignifica atitudes e molda comportamento humano; ilumina ideias e conseqüentemente, transforma o mundo. Nesse sentido, Lajolo (1995, p. 121) argumenta que, se uma escola consegue, nas atividades de leitura que promove, simular a distribuição social dessa tarefa fora do contexto escolar, há uma probabilidade mínima concreta de que essa incumbência, fora dos muros, assuma o significado que deveria ter.

Para Lajolo (1995), reconhecer que a leitura provoca mudança no indivíduo permite aprendizados e reflexões profundas no comportamento humano. Com o surgimento de novos elementos de composição e novas formas de organizar e expor o texto, o ser humano pode (re)conectar-se a outras possibilidades de gêneros textuais que emergem por meio do universo tecnológico.

Pensar na inovação pedagógica tem se tornado uma busca incessante, em que as trocas de experiências e saberes entre os sujeitos valoriza ainda mais esse processo. Segundo Correia (1989, p. 14),

[...] para se reproduzir e reproduzir a estrutura social onde se insere, a escola não pode limitar-se a assegurar a sua reprodução. Ela tem de produzir inovações, têm de reproduzir na inovação e reproduzir inovações. [...] inovações que não sejam inovantes, que não desencadeiam um movimento “incontrolado” e “irracional” de produções de inovações (Correia, 1989, p. 14).

A inovação destacada refere-se, em suma, a inovações fragmentadas, segmentadas, racionais e controladas, cuja implementação não questiona o contexto institucional em que surgem. A novidade pedagógica é necessária para a aplicação de novas ações didáticas e educacionais.

Vive-se tempos em que, para muitos, a educação que prima por uma aprendizagem significativa, efetiva e ativa não se nega em adequar o ensino aos novos elementos midiáticos que permeiam a sociedade moderna. Mediante essa realidade, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2018) faz referência ao uso da tecnologia como ferramenta que norteia a elaboração do currículo pedagógico, com o propósito de formar estudantes com conhecimentos e habilidades consideradas

essenciais para o novo século. Essa nova proposta é uma maneira de legitimar e potencializar a aprendizagem do discente mediante a realidade que o cerca.

Masetto (2000, p. 145) propõe que o sistema adote uma mudança educacional, de forma organizada, planejada, para que assim os resultados sejam significativos. O papel do professor regente frente a essa nova ferramenta de inteligência artificial, mediante a prática pedagógica, deve ser de mediação e ligação entre o aluno e a aprendizagem.

Para Teixeira (2010, p. 4), independente da forma como o processo de inovação é realizado, “introduzir uma inovação educativa implica uma mudança planejada com propósito de dotar de capacidade a organização, instituição ou sistema para satisfazer aos objetivos que motivam a própria inovação”. A autora ainda afirma que:

Inovação educacional pode ser entendida como a busca de respostas aos desafios presentes na dinâmica dos processos escolares, a partir da análise e reflexão que se faz do contexto sociocultural e efetivas contribuições que tais inovações podem oferecer para enfrentar estes desafios (Teixeira, 2010, p. 4).

Os rápidos e muitas vezes, violentos efeitos manipulados pelo indivíduo através do uso de recursos tecnológicos têm os mais variados propósitos e finalidades. Os objetivos e os resultados ditam a prática e a ação humana. Moran (2000, p. 8) diz que: “sem dúvida, a tecnologia nos atingiu como uma avalanche e envolve a todos”. O autor leva a refletir sobre o sucesso ou a sequela que essa realidade produz na construção do indivíduo. Pensar na prática pedagógica em sala de aula tem se tornado um desafio, visto que a educação vive seus momentos de instabilidade, ocasionado pelo descumprimento dos novos acontecimentos sociais.

A BNCC (2018), na teoria, incentiva a modernização dos recursos e práticas pedagógicas, sobre os quais o manuseio da tecnologia enseja reduzir as desigualdades educacionais do país, não apenas nivelando, mas elevando a qualidade do ensino em todas as escolas, independentemente da sua localização. Em uma de suas competências gerais, especialmente a de número cinco, o documento traz detalhes de como aplicar a tecnologia na prática, de maneira que:

[...] compreender, utilizar e criar as tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva” (BNCC, 2018, p. 9).

A BNCC (2018) orienta que no Ensino Fundamental, o uso da tecnologia seja norteado de forma crítica, consciente e responsável em todos os componentes curriculares, e articulados a outras áreas do conhecimento. Entretanto, é preciso implementar a tecnologia no dia a dia educacional dos estudantes. Assim, ofertar recursos midiáticos nas escolas para os professores é um meio de vincular os assuntos, por exemplo: dar aulas de literatura nas atividades de planejar, exercitar, adequar, dirimir e elaborar propostas didáticas de incentivo à formação de indivíduos críticos, criativos, participativos e sobretudo conscientes. Isso talvez, reduza em parte, as lacunas existentes entre teoria, a prática no campo educacional e a realidade de algumas regiões do país.

Dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio<sup>6</sup> (PNAD, 2019) apontam que as regiões Norte e Nordeste são as mais afetadas pelo *déficit* de pessoas em idade de trabalhar que não concluíram o Ensino Fundamental – etapa da Educação Básica. Isso dificulta não só o desenvolvimento do indivíduo na idade adequada, mas influencia as taxas de desemprego entre outros prejuízos.

Por esse motivo, tem-se refletido muito sobre ações que possam incorporar a inserção de novos planos para a Educação Básica, como a utilização de recursos e técnicas no âmbito da ação/prática pedagógica visando alcançar novos objetivos e/ou resultados, proporcionados pela realidade atual.

Dessa forma, os planos devem estar combinados para o “bem fazer” para guiar, orientar, organizar o Ensino Básico, introduzindo novos materiais e recursos tecnológicos, no sentido de equiparar a qualidade de ensino e a prática pedagógica a outras realidades.

Assim sendo, o sistema de ensino, por exemplo, pode seguir estratégias de apoio de várias ordens nesse processo de interatividade, seja de caráter visual, sonoro ou oral. O importante é que esteja integrado ao dinamismo multimodal do mundo moderno para que outros resultados a partir de imagens, leitura reflexiva/participativa, dinâmica texto/contexto e escrita se obtenha, sobretudo o desenvolvimento de um cidadão consciente, crítico e responsável. Nesse sentido, Moran (2000, p. 27) completa: “as tecnologias nos ajudam a realizar o que já fazemos

---

<sup>6</sup> Disponível em:

[https://www.em.com.br/app/noticia/especiais/educacao/2019/05/29/internas\\_educacao,1057527/norte-e-nordeste-sao-as-regioes-com-o-menor-numero-de-concluintes-do-e.shtml](https://www.em.com.br/app/noticia/especiais/educacao/2019/05/29/internas_educacao,1057527/norte-e-nordeste-sao-as-regioes-com-o-menor-numero-de-concluintes-do-e.shtml).

ou desejamos”. Hoje, não dá para separar as tecnologias das tarefas diárias. A cada ano, novas ferramentas aperfeiçoam-se, o que, por seu turno, se deve ao fato do ser humano estar sempre em busca de informação e novidade, e quanto mais rápido o educador tiver acesso a ela, melhor será.

A inserção da tecnologia possibilita maiores contatos com os textos multimodais, cada vez mais presentes nos textos impressos, visuais ou virtuais, e que representam muitas ações humanas, pois os indivíduos tornam-se dia a dia mais multimidiáticos. O papel da escola é preparar o aluno para atuar no meio social, por isso, ela deve desenvolver estratégias e técnicas que configurem essa nova realidade, e não as ignore. Para Rojo (2011, p. 99), “ocorre que, se houve e se há essa mudança, as tecnologias e os textos contemporâneos, deve haver também uma mudança na maneira como a escola aborda os letramentos requeridos por essas mudanças”.

Ainda, nesse sentido, Rojo (2011) afirma que a multimodalidade não é apenas um processo de adição de linguagens, mas a interação entre linguagens diferentes em um mesmo texto.

É preciso considerar que, apesar de ter se tornado uma potência por meio dos diversos aparatos tecnológicos atuais, mesmo antes, quando se falava apenas da linguagem verbal (oral e escrita), já se fazia uso desses mecanismos, como destaca Dionísio:

Se as ações sociais são fenômenos multimodais, conseqüentemente, os gêneros textuais falados e escritos são também multimodais porque, quando falamos ou escrevemos um texto, estamos usando no mínimo dois modos de apresentação: palavras e gestos, palavras e entonações, palavras e imagens, palavras e tipografias, palavras e sorrisos, palavras e animações etc (Dionísio, 2014, p.133).

Para tanto, segundo Dionísio (2014), o professor, mesmo que em sua formação, não tenha sido preparado para trabalhar com a multimodalidade, ao analisar os elementos que compõem os textos, seja nas telas, revistas, livros, televisão, deve verificar o papel de cada linguagem num texto; detalhar o sentido que as linguagens interligadas produzem; compreender no atual contexto, como é importante oferecer aos alunos situações que os aproximem do convívio e realidades sociais, bem como formar propostas de leitura e produção de textos e gêneros em que a multimodalidade se faça presente.

Ainda segundo Dionísio (2014), quando há uma qualidade de (re)teorização de troca de mensagem textual que busque incluir dispositivos multimodais, os textos

adquirem *status* renovadores. Quando isso fica claro e definido, a proposta gera possibilidades de leitura mais amplas.

Assim, para Brasil (2017), o uso dos gêneros para desenvolvimento de atividades no ensino de Língua Portuguesa, são caminhos coerentes, pois estão presentes no cotidiano, desde o momento em que se manuseia uma crônica, uma receita culinária, bula de remédio, por exemplo, até quando se consulta as redes sociais. Por isso, os gêneros devem estar inseridos no ensino de Língua Portuguesa, porque assim, é possível trazer para a sala de aula textos de diversas fontes, plataformas e/ou redes sociais, realidade vivenciada por muitos discentes.

#### 2.4 LEITURA COMO VIÉS PARA O PROTAGONISMO NA VIDA SOCIAL

Verifica-se com Almeida (2018, p. 54) que a história da educação foi marcada por conflitos, lutas, crises, avanços e até alguns retrocessos, ao longo das vivências. Embora muitas mudanças tenham ocorrido, percebe-se que há muito o que melhorar, principalmente em relação à prática e ao papel do professor em sala de aula.

Há docentes que insistem em efetuar métodos que remetem a aspectos, ainda que disfarçados, tradicionais. O conteúdo é transmitido aos alunos que adotam posturas receptivas e reproduzem o modelo. O professor assume uma postura indiferente frente às novas metodologias.

É necessário inovar e refletir acerca da prática em sala de aula, pois o ambiente escolar deve ser um espaço atrativo, prazeroso e, ao mesmo tempo, desafiador. Ao colocar o aluno como o sujeito principal, o trabalho docente deve promover situações que o instigue a agir, pensar e refletir sem desconsiderar suas experiências para que o resultado seja eficaz.

De acordo com Weisz (2004, p. 60), o aprendiz é um sujeito protagonista no seu próprio processo de aprendizagem, alguém que realiza uma transformação que converte informação em conhecimento. Essa construção do aluno não ocorre sozinha e não é gratuita, pois se baseia em situações nas quais ele pode influenciar o objeto de seu conhecimento, refletir sobre ele, receber ajuda e ser chamado a pensar.

Diesel, Baldez e Martins (2017) destacam a importância de os professores buscarem novas metodologias de ensino que promovam a formação crítica, reflexiva e autônoma dos estudantes. Um docente consciente entende que o aluno é um sujeito único, criativo, inovador, transformador, capaz de alcançar e produzir aprendizagem

relevante. Trabalhar a leitura em sala de aula com práticas ativas garante ao sujeito uma efetiva participação no seio da sociedade, porque possibilitará que ele se comunique, tenha acesso à informação, possa expressar e defender o seu ponto de vista, entre outras práticas que o fazem um ser crítico e atuante.

Rojo (2009) afirma que uma das funções da escola é possibilitar aos alunos a participação das várias práticas sociais que usam da leitura e da escrita de forma ética, crítica e democrática, já que a sociedade de hoje convive com múltiplas práticas de leitura e escrita favorecidas pela tecnologia.

Para Rojo (2009), a vida em sociedade requer que o cidadão participe atuando mediante os critérios estabelecidos por ela. A leitura pode ser este viés que desenvolva o indivíduo com maestria para o protagonismo na vida social. A depender da circunstância, o cidadão pode desempenhar tarefas e performances, pois os textos que circulam no contexto social estabelecem propósitos, intenções e funcionalidades específicas. Assim, torna o cidadão um instrumento de comunicação importantíssimo em todas as esferas da vida social, desde a interação à aquisição de conhecimento, num processo de evolução humana.

Britto (2012, p. 5) afirma que:

[...] a leitura demanda engajamento em práticas de leitura de textos literários e de expressão cultural que instigam a indagação, a criatividade [...]; tenho a obrigação de reconhecer que a leitura congrega a possibilidade de uma “experiência”, isto é, um processo de autoconhecimento e de afirmação subjetiva: é experiência [...] (Brito, 2012, p. 5).

Seguindo ainda Brito (2012), a ideia de o professor administrar aulas a partir do uso dos gêneros textuais, por serem exemplos de textos em que se apresentam situações do dia a dia, recria um elo entre leitor e texto, estreitando o distanciamento e a abstração, promovendo situações reais. A proximidade texto e contexto social assegura uma melhor compreensão da análise textual, reflexão e transformação social. É importante reconhecer que enquanto prática social, a leitura é a forma fundamental de participação coletiva, cultural e política.

Para Brasil (2017, p. 22),

O ensino da leitura requer, também, a aprendizagem de certos comportamentos por parte das crianças e dos adolescentes para se constituírem como leitores proficientes. Desse modo, no acompanhamento pedagógico de Língua Portuguesa, deve-se atentar que ensinar a ler precisa ser prática que possibilite criar situações nas quais os estudantes reconheçam, identifiquem, analisem e se posicionem diante dos valores e apreciações veiculados nos textos, carece de ser prática por meio da qual se

aprenda a participar de hábitos sociais de leitura que existam fora da escola também. Logo, ensinar a ler requer garantir uma grande quantidade de situações e textos de diferentes gêneros para que os alunos tenham inúmeras oportunidades que necessitam para se constituírem em leitores críticos de nossa cultura (Brasil, 2017, p. 22).

Nesse sentido, a BNCC (2018) enfatiza que para se desenvolver um leitor crítico, a prática da leitura é essencial; uma forma de leitura que permita ao leitor discutir o texto e criar oportunidades de compreensão do seu conteúdo. E na leitura posterior, criar novas alternativas para construir significados com maior autonomia é um exercício que posiciona o leitor frente a um texto como algo variável, inacabado, um dispositivo em produção. Diversificar a prática de leitura é proporcionar oportunidade de conhecer e reconhecer situações que estabelecem vínculos nos mais variados contextos. Circunstâncias essas que são entrepostas e constroem saberes, porque as vivências asseguram pareceres e inspiram novos aprendizados. Por isso, valorizar situações diversas favorece reflexões e tomadas de decisões dentro da conjuntura social.

A Base Nacional Comum Curricular (Brasil, 2018), ao referenciar os objetos de conhecimento nas práticas de leituras para ser trabalhado no 9º ano do ensino fundamental, destaca a:

[...] relação entre os gêneros em circulação, mídias e práticas da cultura digital; apreender os sentidos globais do texto; [...] Relação entre contexto de produção e características composicionais e estilísticas dos gêneros; [...] Reconstrução da textualidade e compreensão dos efeitos de sentidos provocados pelos usos de recursos linguísticos (BRASIL, 2018, p. 174-180).

Assim, para a BNCC (2018), a escola deve conhecer e valorizar as realidades e as diversidades linguísticas e analisar situações e atitudes humanas frente às diversas situações de uso para garantir uma ampliação do repertório, interação e trato com o diferente, a fim de contribuir para uma participação mais efetiva e crítica nas práticas linguísticas contemporâneas, produzindo novos sentidos, por sua vez, associados à criatividade e análise consciente.

O mundo atual reconstrói uma dimensão abrangente de gêneros textuais, mediado pelo contexto globalizado. Bakhtin (1992, p. 279) relaciona os gêneros textuais a “todas as esferas da atividade humana [...] sobre o uso da linguagem” e observa que cada uma dessas áreas “contém um repertório de gêneros discursivos”. O autor traz uma série de estudos referentes à compreensão dos gêneros textuais. Nesse contexto atual, as abrangências sobre os gêneros textuais são inesgotáveis,



pois as produções aceleradas vinculadas ao novo cenário, ganham adeptos de todas as idades que, junto às diversidades estilísticas, estão associados aos valores linguísticos cada vez mais próximos de suas realidades.

Para Marcuschi (2008, p. 149), os gêneros são “fenômenos históricos, profundamente vinculados à vida cultural e social” e se constituem como “formas descontroladas de ação”, cuja função é “ordenar e estabilizar as atividades cotidianas”.

Mediante as proposições mencionadas pelos autores, os gêneros textuais estão associados à comunicação, pois sem eles não seria possível o uso da língua, o que, por um aspecto, pode ser interpretado como algo positivo, mas que, por outro, pode gerar um conflito entre o ambiente escolar e o ambiente externo, caso a escola não esteja preparada para essa nova conjuntura.

## 2.5 HÁBITO DE LEITURA

Os benefícios em cultivar o hábito da leitura são inúmeros, segundo Rangel e Rojo (2010, p. 87). Os indivíduos que aderem se tornam cidadãos ativos, participativos, reflexivos, informados, inteligentes, comunicativos, mediadores de conflitos. Eles adquirem conhecimento, aumentam o poder de persuasão; não ignoram nenhuma opinião, compreendem, entendem, respeitam o ponto de vista do outro; melhoram a linguagem, a escrita, o raciocínio, a memória; se conectam ao mundo, além de outras vantagens. Observa-se que em qualquer situação, ela é de extrema importância. Rangel e Rojo (2010, p. 87) destacam ainda, que o ato de ler tem um aspecto social. A pessoa lê para entrar em contato com outra, a que escreveu o texto, para saber o que ela quis dizer. Mas também se lê para responder perguntas e aclarar objetivos.

Nesse sentido, compreende-se que a leitura é necessária para a realização de diversas tarefas, porque influencia na forma de pensar, agir e organizar as ideias, mediante os fatores circunstanciais que envolvem o indivíduo.

Todavia, há quem diga que a inserção da tecnologia agita algumas missões educacionais, pois pesquisas, por exemplo, que eram feitas convencionalmente com auxílio de livros e enciclopédias, atualmente são realizadas via internet, muitas oriundas de vídeos, imagens, áudios e videoconferências. Mediante essa nova dinâmica, ressurgem a necessidade de recriar e desenvolver estratégias coerentes que

possibilitem ao sujeito estruturar sua imaginação, sua descoberta e seu conhecimento. A verdade é que não se pode mais ignorar que essas tecnologias são parte integrante da vida da maioria dos indivíduos, tal como registra Quevedo (2002, p. 73). O que pode e deve ser feito é inseri-las ao ambiente escolar, incluí-las como aliadas, como suportes que desencadeiam os processos e geram o interesse pela leitura da palavra escrita.

Hoje, o perfil da maioria dos alunos que as instituições recebem são crianças, adolescentes e jovens nascidos no contexto tecnológico, que manuseiam com familiaridade esses instrumentos para interação, informação, entretenimento e construção de saberes.

Ao pensar na informação no contexto escolar, Kenski (2012) percebe que os comportamentos se alteram com a influência da era tecnológica, e faz refletir sobre os tradicionais modos de fazer educação, gerando necessidade de mudanças nas formas de ensinar e aprender.

Quando as formas ou modelos de práticas são inseridas em ações pedagógicas com personalidade e competência, podem levar a resultados satisfatórios em sala de aula, no que se refere ao desempenho do aluno. Porém, se o docente não tiver base sólida da concepção de ensino para adotar em sua prática pedagógica, bem como metodologia definida, pode limitar as possibilidades de uso dessa ferramenta no ambiente escolar. Nesse viés, Levy (2011, p. 7) observa que estão surgindo novas formas de pensar e de viver em conjunto, no mundo das telecomunicações e das tecnologias da informação. Nas relações humanas, o próprio trabalho e a inteligência dependem da constante metamorfose de todos os tipos de dispositivos de informação. Escrever, ler, ver, ouvir, criar e aprender são agora adquiridos através de tecnologias de informação cada vez mais avançadas. Um aparato complexo, que redistribui as antigas fronteiras entre experimentos teóricos, tornou-se parte integrante da pesquisa científica.

O hábito de leitura inicia a partir de estímulos, ofertas e possibilidades, que instigam mudança, transformação e interação do leitor à realidade ou a questões significativas para ele. Segundo Aguiar e Bordini (1993), a familiaridade com a obra literária gera predisposição para a leitura e o consequente desencadeamento do ato de ler; isso, porque ela tem o poder de seduzir, divertir, descobrir, despertar a imaginação, criatividade, ampliar vocabulário e dialeto. Daí, a importância de incentivar desde cedo, pois sua contribuição é demasiada e imperiosa para o

desenvolvimento integral das habilidades e das competências muitas vezes ocultas no indivíduo.

Para que se expanda as inquestionáveis vantagens da leitura, é importante que os ambientes de convívio sejam propícios à aquisição, pois esse hábito contribui significativamente para a formação do cidadão, ação fundamental para o desenvolvimento do saber, principalmente quando ministrado e respeitado o nível sociocultural do leitor.

Nesse sentido, Zilberman (1995) observa que a leitura ocorre quando se desenvolve conceitos de produção voltados para a compreensão da narrativa e que somente a interação dos interlocutores com o discurso, as condições e fatores adequados determinam o relato, possibilitam o discurso e um processo de leitura eficaz. Para a autora, a leitura constitutiva, baseada na experiência, significa reconhecer as diferenças sem decifrá-las, permitindo ao leitor constituir-se a partir da participação nelas, representar-se e ver-se como sujeito ativo e participante de um determinado grupo social a se identificar.

O ambiente escolar, segundo Orlandi (1995), é atualmente, um dos principais cenários responsáveis pela aquisição da prática da leitura, tendo como mediador o professor que, por sua vez, deve desenvolver estratégia inteligente para que a formação de leitores seja realizada de forma consciente, utilizando-se de práticas leitoras concretas e eficazes, pois somente aqueles que se identificam com os livros como instrumento valioso, terão o poder de gerar novos e bons leitores. O autor destaca que a leitura do texto representa fonte de conhecimento sobre a realidade e conecta a classe com a sociedade, é uma revelação ideológica que reifica o ambiente escolar e abre caminho para a inovação linguística.

Para tal propósito, o professor como facilitador desse processo de mudança de hábitos, deve explicar a seus alunos que na leitura, há um extenso exercício mental, que os torna indivíduos praticantes dessa categoria, pessoas cultas, justas, sábias agentes críticos, pensantes e racionais. Orlandi (1995) postula que o elemento leitura influencia o comportamento do mediador, que representa o alicerce necessário a partir do qual se inicia a jornada de um indivíduo no cenário da leitura dentro do espaço da sala de aula.

Ao mediar novas práticas de leitura, segundo Orlandi (1995), o professor possibilita novas oportunidades para melhorar significativamente as estruturas textuais disponíveis na vida cotidiana e para refinar o seu próprio conhecimento

literário. A escolha de bons livros, sobretudo os literários, promove a capacidade de desenvolver claramente a individualidade cultural e de combiná-la com outras práticas básicas de leitura.

Para tal, o uso da linguagem, adquirido ao longo da formação do sujeito, seja ela obtida em nível formal ou informal, a leitura e a escrita ainda são ferramentas imprescindíveis na construção do conhecimento que transforma e modifica a sociedade.

Outro local importante que contribui com o processo é o ambiente familiar, que ajuda também ao estimular tal aquisição (Aguiar; Bordini, 1993). O processo de interação começa cedo, com cantigas de ninar, músicas, desenhos, imagens, história (contos), jogos didáticos entre outros. Essas experiências, consolidadas ao longo de suas caminhadas, servirão de condução e interatividade entre autor-texto-leitor. Nesse sentido, Lajolo (1996) propõe a prática de leituras completas, eficazes e conscientes na escola e na sociedade, bem como o reconhecimento daqueles que perseguiram os objetivos traçados, revendo os fundamentos teóricos e os aspectos metodológicos do texto em todos os seus aspectos, sua tradição, de acordo com as práticas sociais e educativas existentes.

Segundo Aguiar e Bordini (1993), o ensino da leitura e da escrita tem sido um dos maiores desafios do sistema educacional. Não tem sido fácil atingir as reais intenções do sistema, porque o domínio das práticas está atrelado não somente à competência, mas ao conhecimento que instiga a participação ativa e consciente na sociedade.

Freire (1996) ressalta que a família e toda organização competente tem um importante papel para que o cidadão atinja níveis desejáveis nesse processo de leitura e escrita, que são necessárias para a inserção e participação sociocultural. Nesse contexto, a educação é tarefa de todos.

No entanto, cabe às autoridades públicas criarem condições que melhorem a qualidade do processo de ensino-aprendizagem, e estabelecerem políticas educativas e culturais que proporcionem a todos os cidadãos oportunidades efetivas para desenvolverem suas competências e capacidades de ler e escrever, de compreender e interpretar o que é lido. Cabe também às autoridades criarem políticas e estratégias que visem garantir a democratização do acesso à leitura, através da promoção do livro, da expansão das bibliotecas existentes e da criação de novas bibliotecas,

dotando-as e dotando-as de recursos literários adequados, com os recursos que as novas tecnologias de informação permitem.

Essa responsabilidade do setor público deve ser complementada por iniciativas de diversas organizações sociais que visam generalizar o acesso à cultura. Conforme Freire (1996, p. 73), o professor tem o dever de dar suas aulas, de realizar sua tarefa docente. Para isso, precisa de condições favoráveis, higiênicas, espaciais, estéticas, sem as quais se move menos eficazmente no espaço pedagógico. Às vezes, as condições são tão perversas que nem se move. Considera-se a falta de respeito por esse espaço educacional como um insulto aos alunos, professores e à prática educativa.

Há um conjunto de desafios que interferem nesta relação dinâmica que vincula linguagem e realidade. É necessário, que o processo seja vivenciado como uma prática concreta de libertação e de construção cultural e social. A tarefa deve ser integradora, num caminho para a construção de uma sociedade pacificamente humana e transformadora.

Para Infante (2000, p. 57), a leitura é o meio que se dispõe para adquirir informações e desenvolver reflexões críticas sobre a realidade. Nesse sentido, a leitura literária, em especial, nos dias atuais, adquiriu essa função, passou a ocupar o lugar de uma prática transformadora que justifica e possibilita a emancipação e assimilação dos valores da sociedade – em nova convicção de texto escrito, aberto a múltiplas leituras, reflexões e questionamentos. Mediante esse posicionamento, a atividade é considerada inovadora, pois está vinculada em parte ao surgimento dos recursos multimidiáticos que influenciam decisivamente no comportamento humano nos diversos segmentos sociais, culturais, artísticos e digitais.

Vale ressaltar ainda que a leitura literária em particular, tem o poder de seduzir e emocionar, porque envolve a razão pelo seu processo de escrita, pela estética da palavra e pela instigação da emoção, quando oportuniza ao leitor a experiência com a subjetividade e o exercício da imaginação. Na visão de Tfouni (2010), a leitura não somente muda pensamentos, atitudes, como também proporciona compromisso e responsabilidade para lidar com o desconhecido e com o inesperado, de maneira prazerosa e compromissada.

Os textos literários fogem do padrão prevalecente de escritos que circulam no cotidiano, buscando sempre atingir o leitor, tanto na forma quanto no conteúdo. Por sua vez, também vale destacar que ele não é o único responsável pela construção de

sentido. O leitor é também responsável pela produção de significação e acepção. Como destaca Moran (1999), aprender depende também do aluno, de que ele esteja pronto, maduro e considere o verdadeiro significado desta informação para ele, e conecte-a empírica e emocionalmente.

Para incorporar um hábito é necessário a repetição frequente que leve o indivíduo ao costume, à assimilação, e que o faça aprender. Por isso, é importante que a leitura inicialmente, tenha relação com o contexto do indivíduo para estreitar as experiências entre o mundo ficcional e o mundo real, que haja mediação para estimular a reflexão e meditação, pois formar leitor crítico e participativo é essencial em um meio com tantas diferenças.

De acordo com Silva (1988, p. 16), “professores e alunos precisam ler porque a leitura é um componente básico da educação e a educação sendo um processo, aponta, para a necessidade de buscas constantes do conhecimento”. Assim, o professor precisa ser um dos principais motivadores da leitura, para que, desse modo, consiga transformar os alunos em leitores.

Nessa perspectiva, independente das modalidades, as leituras formais e as realizadas via internet são envolvidas por dinâmicas aditivas e complementares, pois, uma vez que se agregam, resultam num processo construtor. A BNCC (2018, p. 72) orienta que a “Leitura [...] é entendida em um sentido mais amplo e refere-se não apenas ao texto escrito, mas também a imagens fixas (foto, pintura, desenho, esquema, gráfico, diagrama) ou dinâmico (filmes, vídeos etc.) e ao sonoro (música) [...]”.

Essa realidade está cada vez mais imersa em práticas comunicativas inovadoras. Os PCNs (Brasil, 1998, p. 23,) sugerem que, entre outras coisas, em língua materna, o ensino deve priorizar atividades que desenvolvam nos alunos a competência comunicativa, expandindo as várias possibilidades do uso da linguagem, em qualquer forma e contexto de realização. O ambiente escolar deve corporificar os novos formatos de aprendizagens.

Diante desse contexto, a escola não pode desconsiderar essa nova realidade, que se intensificou ainda mais nesses últimos anos, com as aulas remotas. Desse modo, ignorar esses conhecimentos adquiridos pelos alunos é eliminar a oportunidade de desenvolver técnicas e habilidades de produção proporcionadas pelo novo contexto social.

## 2.6 PRODUÇÃO E RECEPÇÃO DO GÊNERO

Dondis (2007) menciona que um produtor de linguagem tem uma performance semelhante à de um artista ou de um inventor que planeja, projeta, articula, compõe e avalia, assim, suas ações se assemelham ao fato de organizar sua obra cautelosamente.

Nessa conjuntura, organizar um texto requer planejamento, reflexão, tempo, dedicação e, às vezes, inspiração. Não basta o domínio de técnicas, mas um conjunto de elementos extra e intra linguístico, social, histórico, político e cultural. Nesse viés, se confirma o nível de interatividade, dialogicidade e dinamicidade do texto escrito, que Antunes destaca,

A atividade de escrita, é então, uma atividade interativa de expressão (ex-, “para fora”), de manifestação verbal das ideias, informações, intenções, crenças ou dos sentimentos que queremos partilhar com alguém, para, de algum modo, interagir com ele (Antunes, 2003, p. 45).

Nessa dimensão, a escrita torna-se um espaço de interação, comunhão de ideias, informações e outras intenções. A escrita é considerada uma ação minuciosa, porque é uma prática estruturada, complexa, que marca elementos específicos, seguida de mediadores com os quais se faz a ponte entre quem fala, quem escreve e quem lê.

Nessa lógica, Vieira (2005, p. 29) afirma que se faz uso tanto da escrita quanto da leitura também para “agir e interagir com os outros, para nos informar e nos entender”. Ele também enfatiza que a escrita serve para:

- Resolver nossas necessidades materiais;
- Influenciar os outros, mudando seu comportamento ou crenças;
- Estabelecer ou refletir relações com outras pessoas;
- Revelar como percebemos a nós mesmo, expressando sentimentos;
- Buscar novos conhecimentos;
- Exercitar a imaginação;
- Descrever e criticar situações ou ideias;
- Divertir;
- Estabelecer concordância ou expectativa;
- Rememorar o passado (Vieira, 2005, p. 29).

Nesse enquadramento, destaca-se ainda, os recursos multimodais, por serem facilmente encontrados nas redes sociais, nos meios de comunicação, em suas várias formas, feitos, funcionalidades, os quais adquirem aceitação para o que corresponde ao ato de receber e enviar mensagens e informações, atender às necessidades, divertir, influenciar, buscar novos conhecimentos. Nesse universo, uma boa parte da

sociedade juvenil contemporânea faz manuseio dessa nova forma de linguagem, ancorada na mobilização de distintos modos de representação. Esses recursos, adicionalmente utilizados na prática docente, contribuem para um sistema de intercomunicação e produção de sentido, pois são considerados como suporte de conhecimento e de novas ideias.

O uso do gênero textual a partir da utilização de instrumentos tecnológicos pode despertar engajamento na leitura, porque sua construção se materializa mediante múltiplas e diversificadas semioses. Segundo Moran (2013, p. 12), as escolas devem reaprender a serem uma organização eficaz, inovadora e empreendedora. Ela é, segundo o autor, demasiado previsível, burocrática e desinteressante para bons professores e bons alunos. Não existem receitas ou remédios fáceis. Mas a escola está envelhecendo nos seus métodos, procedimentos e programas.

Considerando essa reflexão, a integração da tecnologia como recurso a ser explorado no ambiente escolar é garantido por lei dentro do sistema educacional, mas existe um distanciamento enorme entre o que é idealizado e o que é proporcionado pelo ensino público. O autor completa esse argumento: “o estímulo positivo pode facilitar a aprendizagem” (Moran, 2013, p. 29). Isso, porque para o autor, a aprendizagem se dá quando é possibilitado viver, experimentar, sentir, criar novos sentidos, quando existe interação e interesse. O prazer constrói o aprendizado.

O uso da tecnologia deve instigar a curiosidade e promover a reflexão do aluno acerca do assunto estudado. Os PCNs já referendavam a habilidade de “saber utilizar diferentes fontes de informação e recursos tecnológicos para adquirir e construir conhecimento” (PCN, 1998, p. 8), como um dos objetivos do ensino fundamental.

Atualmente a definição de gênero envolve desenhos, vídeos, gravação audiovisual. São estes alguns exemplos de possibilidades para desenvolver a produção e recepção do gênero em sala de aula. Essas possibilidades acontecem porque a escrita exerce diferentes funções sociais, varia na sua forma por força da presença dos diversos gêneros textuais que, por sua vez, colaboram para a efetivação dessa função. Segundo Antunes (2003, p. 50), essa operação reveste as realizações linguísticas porque “elas são diferentes, multiformes, mutáveis, em resposta à variabilidade dos fatores contextuais e dos valores pragmáticos neles contidos.” Por isso, o professor atua como aquele que orienta, já que a escrita exige etapas, como planejamento, operação (colocar a ideia no papel) e revisão, afinal, o texto escrito



assume diferentes formatos a fim de cumprir suas diferentes funções no meio sociocultural. Sobre esse aspecto, Antunes (2003) faz uma consideração:

Embora um texto escrito é uma tarefa cujo sucesso não se completa, simplesmente pela codificação das ideias ou das informações, através de sinais gráficos. [...]. Supõe, ao contrário, várias etapas, independentes e intercomplementares, que desde o planejamento, passando pela escrita propriamente, até o momento posterior da revisão e da reescrita (Antunes, 2003, p. 54).

A proposta é que os alunos efetivem as atividades de escrita de forma supervisionada, para que o texto atinja a forma e a função pretendida. A tentativa de compreender as diferentes formas de atividades planejadas e as respectivas funções textuais podem resultar ou redirecionar a uma prática leitora mais consciente. Muitos alunos são perspicazes quanto ao manuseio de técnicas e ferramentas modernas, assim, a utilização adequada de metodologias ativas pode incentivar a leitura e auxiliar a compreensão e a produção textual.

Para Neves et al. (2007), no trabalho com a leitura, cabe ao professor

[...] criar, promover experiências, situações novas e manipulações que conduzam à formação de uma geração de leitores capazes de dominar as múltiplas formas de linguagem e de conhecer os variados e inovadores recursos tecnológicos, disponíveis para a comunicação humana presentes no dia a dia (Neves, et al., 2007, p. 14).

O gênero textual crônica foi apresentado na aplicação deste trabalho como fonte de estudo, e utilizado como instrumento de incentivo à leitura. Por sua vez, ele subsidiou o processo enquanto construção da leitura e do conhecimento. As motivações e orientações sucumbidas durante o desenvolvimento das atividades levaram os estudantes a exporem opiniões, reflexões sobre os assuntos que permeavam as temáticas dentro dos textos analisados, disponibilizando uma comunicação e percepção frente às questões sociais e cotidianas, de maneira comunicativa em diversos formatos de linguagem.

Para tanto, essa pesquisa buscou estruturar-se sob uma conjuntura metodológica que favorecesse a aplicação de uma proposta didática relevante, aplicável e realizável, tal como se descreve na segunda seção a partir de agora apresentada.

### 3 CONJECTURAS METODOLÓGICAS, ORGANIZAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Este capítulo tem por finalidade apresentar o desdobramento da organização dos procedimentos metodológicos necessários para a sustentação e dinamismo da pesquisa, bem como os processos e organização utilizados para obtenção dos objetivos propostos pelo projeto e, por conseguinte, a proposta de aplicação didática.

#### 3.1 ABORDAGEM

A pesquisa é fundamentada e metodologicamente construída objetivando a resolução ou esclarecimento de um problema, pois este é o ponto de partida para uma análise investigativa. Segundo Kerlinge (1980, p. 35), o problema “é uma questão que mostra uma situação necessitada de discussão, investigação, decisão ou solução”. Geralmente, surge de uma inquietação que exige grande esforço e determinação para ser solucionada ou atenuada.

Sistematicamente, a abordagem de análise da pesquisa se desenvolveu a partir de um enfoque qualiquantitativa, pois foi aplicada uma proposta didática e um questionário (disponibilizado nos anexos deste trabalho) para se obter os dados em sala de aula, mediante a observação, a interação participativa, interpretação do discurso dos sujeitos, além das informações, organizadas por meio de técnicas fornecidas pelos símbolos numéricos (Knechtel, 2014, p. 106), para melhor conhecer e compreender a realidade.

Nessa toada, Gatti (2004, p. 21) aponta as abordagens qualiquantitativa como complementares, que oportunizam compreender melhor os fenômenos investigados. Para o autor, o universo da produção humana, que pode ser resumido como um mundo de relações, representações e intencionalidades, é objeto de pesquisas qualitativas limitadas, e pode ser traduzido em números e indicadores quantitativos.

Dessa maneira, subentende-se que todo dado quantitativo vem atrelado a sua descrição e ilustração, ao ponto que, nas pesquisas qualitativas, oportunizam analisar a frequência dos fenômenos observados. Por isso, a pesquisa descreveu as estratégias e os critérios de análise e a investigação direcionada para a sala de aula de uma rede pública estadual em uma turma de 9º ano “1”, no município de Ipixuna/AM.

Vale ainda ressaltar, que a abordagem qualitativa, sob a ótica de Marconi e Lakatos (2011), oportuniza a uma pesquisa que identificar, compreender e interpretar as características sociais inseridas em um determinado contexto. Em razão disso, a pesquisa se inclinou para um ambiente específico que focou nos resultados apresentados por uma sequência didática aplicada nesta realidade delineada.

### 3.2 NATUREZA

Com menção aos pressupostos metodológicos analisados nesta pesquisa, sua natureza foi classificada enquanto competência aplicada, pois, segundo Appolinário (2011, p. 146), uma pesquisa com este caráter é realizada no intuito de “resolver problemas, necessidades específicas ou imediatas, ou ainda, de aplicar trabalhos com finalidade de adquirir novos conhecimentos para uma determinada ação prática, soluções para um problema concreto ou problemas específicos”.

Nesse sentido, o ambiente observado foi uma sala de aula, por ser espaço visivelmente diversificado e fértil para este tipo de sondagem. O público alvo foi uma turma de 9º ano “1” da escola estadual no município de Ipixuna-AM. A turma era composta inicialmente por 20 alunos, com faixa etária entre 13 a 15 anos de idade. O exame da realidade levou a optar por trabalhar com uma única turma para que o estudo tivesse maior apoio e suporte justo.

Para Gil (2010, p. 26), a pesquisa aplicada “abrange estudos elaborados com a finalidade de resolver problemas no âmbito das sociedades em que os pesquisadores vivem”. Nesse viés, no espaço averiguado foi identificada uma defasagem no que tange à prática leitora. Mediante tal verificação, a pesquisa buscou desenvolver uma proposta efetiva e criativa para o incitamento e alumbramento da leitura sob uma perspectiva reflexiva, crítica e participativa, a partir do uso do gênero textual crônica na turma de 9º ano “1” do Ensino Fundamental II.

### 3.3 OBJETIVOS

Quanto ao objetivo desta pesquisa, foi alicerçado no reconhecimento de uma barreira identificada no interior do ambiente escolar que, por sua vez, mostrou a necessidade de se buscar melhor desenvolver a habilidade e desenvolvimento da prática leitora crítica e reflexiva, por meio de estratégias que favorecessem o hábito

da leitura. Nesse sentido, o projeto buscou desenvolver a partir do uso do gênero crônica e por meio de uma abordagem criativa e estratégica de recepção ativa do texto, uma boa aplicação.

Esta investigação foi tipificada de caráter descritiva, pois, de acordo com Vergara (2000), tende a expor detalhes sobre determinada população ou fenômeno. O mesmo autor reforça em outro estudo (2004, p. 47), que a descrição destaca características ou certas peculiaridades de uma população, que também pode estabelecer correlações entre variáveis e determinar sua natureza. O pesquisador não tem a obrigação de explicar as especificidades que descreve, mesmo que constituam a base de sua declaração.

A indagação minuciosa fixou-se em descobrir novos conhecimentos que a análise propusera mediante as inúmeras atividades. As ações foram descritas de forma proximal aos fatos e aos fenômenos que constituíam a realidade investigada, mescladas ao ato de explicar após a identificação do problema e, conseqüentemente, concentrou-se na tentativa de buscar possíveis explicações e soluções que desencadearam um processo de correlações, além de expor de maneira descritiva, o objeto de pesquisa.

### 3.4 PROCEDIMENTOS DE PESQUISA

Quanto ao procedimento desta pesquisa, o projeto se fundamentou na pesquisa-ação, pois o método tem base em questão social e procura resolver o problema coletivo de maneira cooperativa ou participativa (Thiollent, 2009, p. 16). A partir desse entendimento foi identificado um fenômeno de interesse da pesquisadora em encontrar soluções para um problema referente à leitura no ambiente escolar no qual estava inserida. Segundo Thiollent (2009, p. 56), a colocação do tema é geralmente selecionada com base num tipo particular de envolvimento entre os investigadores e os elementos ativos da situação em estudo. Em alguns casos, o tema é ditado pela natureza e urgência do problema ante uma situação.

A problemática levantada neste projeto teve como referência uma investigação direcionada para uma Escola Pública Estadual, numa turma de turno matutino de 9º ano “1” do Ensino Fundamental II, no Município de Ipixuna /AM. A turma era composta inicialmente por 20 estudantes, 11 meninos e 9 meninas.

Para a realização da investigação, utilizou-se o gênero crônica como instrumento de incentivo à leitura, a fim de desenvolver a capacidade leitora crítica, reflexiva e participativa.

Nesse cenário educacional, Thiollent (2008, p. 80) afirma que os pesquisadores em educação estariam em condição de produzir informações e conhecimentos de uso mais efetivo, inclusive em nível pedagógico. Isso, porque a pesquisa de acompanhamento do processo ensino-aprendizagem promove a participação dos usuários do sistema escolar na busca de soluções para seus problemas. Em adição ao exposto, Thiollent (2009, p. 51) diz que o estudo de método de aplicação ajustável é facilmente adaptável.

O planejamento adotado na pesquisa era de caráter flexível, e não consistia numa série de passos estrita e rigorosamente ordenados. Pelo contrário, estruturou-se em trocas de opiniões entre os mais diversos temas, instigados pelas leituras motivadoras, considerando, adaptando dependendo da realidade e da dinâmica interna do grupo observado, desde sua relação até a situação perscrutada. Para Elliott (1997),

[...] a pesquisa-ação permite superar as lacunas existentes entre a pesquisa educativa e a prática docente, ou seja, entre a teoria e a prática, e os resultados ampliam as capacidades de compreensão dos professores e suas práticas, por isso favorecem amplamente as mudanças (Elliott, 1997, p. 15).

Dessa forma, o uso do gênero crônica foi o instrumento pedagógico fundamentado em referencial teórico que levou à sucessão de práticas na tentativa de aproximar o abstrato do concreto, uma vez que a teoria se concretiza na prática.

De acordo com Thiollent (2009, p. 18), na pesquisa-ação os pesquisadores querem desempenhar um papel ativo junto à realidade dos fatos observados. Nessa condição, a utilização do método de pesquisa-ação teve como perspectiva mudar a percepção da investigadora e do grupo a partir do resultado após a aplicação do procedimento.

Para Lewin (1965), os fenômenos sociais só se revelam aos pesquisadores quando os observadores estão dispostos a se engajar, observar, diagnosticar e intervir no objeto investigado. Para o autor, somente a pesquisa-ação pode oferecer condições válidas para tal experiência, pois os fenômenos analisados não podem ser explorados do exterior, nem de modo estático, mas no ambiente em que se

manifestam os acontecimentos estudados, só então, assume-se o papel de participante e de observador.

Nesse sentido, o pensamento de Lewin (1965) confirma que a pesquisa-ação engendra uma tarefa para a qual o sujeito se posiciona como ser ativo sobre os fenômenos sociais, em que se aproxima da realidade, onde arquiteta intervenções que transformam e modificam os processos identificados pelo observador.

### 3.5 CONTEXTO DA PESQUISA

O cenário desta investigação foi uma sala de aula com estudantes do 9º ano “1” do Ensino Fundamental II, na Escola Estadual do município de Ipixuna-AM. A cidade situa-se na mesorregião do Juruá; sua distância da capital amazonense é de 1.368 km em linha reta, e de 4.618 km por via fluvial. Geograficamente, é o município mais distante do Estado. Em conformidade com os dados socioeconômicos do Censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2021), esse município possui uma área territorial de 12.109,779 km<sup>2</sup>, e possui uma população estimada de 31.172 habitantes.

Neste atual contexto, a Escola Ipixuna tem um total de 597 alunos matriculados, distribuídos nas modalidades de Ensino Fundamental II, Ensino Médio Tecnológico, Projeto Avançar e Ensino Médio Regular. A instituição funciona durante os três turnos.

No turno matutino, oferece o Ensino Fundamental II para um total de oito turmas, assim subdivididas: duas de 6º ano, duas de 7º, duas de 8º e duas turmas de 9º ano.

No turno vespertino, a escola atende com o Ensino Fundamental II e o Ensino Médio, totalizando oito turmas. No Ensino Fundamental as séries são distribuídas da seguinte forma: uma de 6º ano e uma de 7º ano, uma turma de avançar 3ª fase e uma turma de 9º ano. No Ensino Médio vespertino, funcionam quatro turmas: duas de 1ª série, uma de 2ª série e uma turma de 3ª série.

À noite, a escola funciona com três turmas de Ensino Médio regular (uma turma de 1ª série, uma de 2ª série e uma turma de 3ª série), e ainda duas turmas de Ensino Médio Tecnológico (uma de 1ª série e outra de 2ª série).

A escola em que foi realizada a pesquisa está localizada na Rua João Jorge Barroso, na zona leste da cidade, número 504, bairro Conjunto Mário Cordeiro. Ela foi criada pelo decreto nº 22.566, de 9 de abril de 2002.

A entidade possui uma 1 quadra esportiva, 1 biblioteca, 1 sala de professores, 1 secretaria, 1 sala da diretoria, 8 salas de aula, 1 cozinha, 1 banheiro para os funcionários da escola, 1 banheiro masculino para os alunos, um 1 banheiro feminino para as alunas, 2 banheiros na sala da diretoria, 1 sala refrigerada para depósito de merenda, 1 refeitório, 1 sala de depósito dos livros didáticos.

O edifício público foi construído sobre uma área de baixo relevo, que mede 4.784 m<sup>2</sup>. Seu nome Ipixuna significa “rios de águas escuras”, em homenagem ao município onde está instalada. Seu funcionamento teve início no ano de 2003. Naquela ocasião, a escola atendeu com o Ensino Fundamental. No ano seguinte, recebeu as primeiras turmas do Ensino Médio. O quadro de professores da escola no período em que foi desenvolvida a investigação, era composto por 39 docentes.

O ambiente escolar atende alunos com diferentes situações socioeconômicas. Nas proximidades da escola existem casas residenciais, uma escola municipal, igrejas católicas e evangélicas. A missão da escola é assegurar um ensino de qualidade, garantir a participação ativa da comunidade escolar, compreender a cidadania como paradigma para o exercício de direitos e deveres políticos, civis e sociais; adotar no cotidiano atitudes de participação, solidariedade, cooperação; e também de mover repúdios às injustiças e discriminações; efetivar valores, como o respeito ao próximo e às diferenças individuais e sociais; formar cidadãos críticos, com potencial para compreender e transformar o meio em que vivem; e utilizar novos recursos tecnológicos sempre que necessário.

O Projeto Político Pedagógico da escola sempre tem impulsionado ações de intervenções com o objetivo de dirimir situações problemas, incluindo atividades concernentes à prática da leitura. Um exemplo dessa busca incansável foi o projeto “Prazer em Ler na Escola”, o qual fez uso do teatro, da dramatização, varal de leitura e roda de conversa. Essas práticas anteriormente utilizadas, tinham como meta aprimorar a leitura, a escrita e ampliar o conhecimento linguístico; isso, porque sempre foi questionada a ausência de algumas habilidades e competências, condição identificada por meio das avaliações escolares internas e externas.

### **3.5.1 Identificação dos sujeitos**

Foi detectado no interior da sala de aula da turma do 9º ano “1” do Ensino Fundamental II, do turno matutino, do ano de 2022, na Escola Estadual Ipixuna-AM,

uma defasagem quanto à prática leitora. Mediante essa realidade, a pesquisa buscou desenvolver uma proposta efetiva e criativa para o incitamento e alumbramento da leitura sob uma perspectiva reflexiva, crítica e participativa, a partir do uso do gênero textual crônica. A turma investigada era composta inicialmente, por 20 alunos, com faixa etária de 13 a 15 anos. Diante desse quadro, optou-se por trabalhar com uma única turma para que a pesquisa tivesse maior apoio e suporte justo, já que muitas vezes a escola não disponibiliza de recursos didáticos, dificultando o trabalho docente.

Tornar o aluno um leitor crítico, reflexivo e autônomo é o que propõem os objetivos desta pesquisa. Desse modo, o gênero crônica foi utilizado como um instrumento de incentivo, mediante procedimentos submetidos às sucessões de práticas, na tentativa de desenvolver a leitura como uma atividade de construção de sentido a partir das várias leituras, análises, compreensões, interpretações, investigações, discussões, esquadrinhamentos, apontamentos, direcionamentos, participações, contribuições relacionadas às suas vivências individuais e coletivas, e produção.

Em consonância com o que se expôs e segundo Marcuschi (2008, p. 229-230), a leitura precisa ser ensinada, porque compreendê-la exige habilidade, interação (autor-texto-leitor) e trabalho, visto que a compreensão não é uma tarefa simples e muito menos uma etapa única. Assim, Koch e Elias (2006, p. 11) explicam que a leitura é, portanto, uma atividade geradora de significado, muito interativa e complexa, baseada nos elementos linguísticos presentes na superfície do texto e na sua forma de organização, mas que exige a mobilização de enormes quantidades de conhecimento dentro do evento expressivo.

Essa complexidade decorre de inúmeros fatores, dentre eles, a do leitor relacionar informações do texto com seus conhecimentos prévios, reflexões e conhecimento crítico. Suas experiências vividas são fontes de conhecimento ancoradas aos textos lidos e relidos.

Os estudantes foram observados a partir da aplicação da sequência didática de 38hs/aula, apoiados pelo suporte teórico adotado, com acompanhamento em sala, em horário de aula e em horário extra sala de aula, utilizando-se de *whatsapp* como instrumento de acompanhamento metodológico.

Dessa forma, dos 20 alunos que realizaram a produção textual, 16 entregaram os trabalhos na data combinada. Então, resolveu-se fazer um pequeno encarte, que vai junto com a dissertação, sem o suporte teórico, apenas o metodológico. Vale



destacar, que quatro alunos levaram seus trabalhos para casa para revisão e reescrita, porém, o ano letivo foi antecipado porque a escola foi interditada pela defesa civil do município, para que fosse realizada a construção de uma fossa séptica na escola, devido à precariedade da atual. Diante dessa situação, os quatros alunos atrasaram a entrega do resultado final de suas produções, impossibilitando sua constatação juntamente com as demais.

Além disso, foi realizada a aplicação de um questionário para a turma (que segue em anexo). Nesse contexto, salienta-se que o questionário delineado foi a última ação desenvolvida pela pesquisadora. No entanto, dos vinte alunos que compõem a turma, 19 responderam o questionário, isso porque um dos alunos da turma teve que se ausentar por motivos de saúde.

Para que a pesquisa tivesse maior apoio e suporte justo, optou-se por trabalhar com uma única turma de 9º ano do Ensino Fundamental II, pois, como já mencionado, essa decisão foi tomada porque muitas vezes, a escola não disponibiliza de recursos didáticos suficientes, dificultando o trabalho docente.

### **3.5.2 Dados da pesquisa**

Os dados desta pesquisa foram coletados na Escola Estadual Ipixuna-AM, numa turma de 9º ano “1” do turno matutino do Ensino Fundamental II do ano de 2022. As atividades foram, inicialmente, desenvolvidas a partir de uma ação extraclasse sobre o gênero crônica, em que os alunos foram conduzidos pela professora orientadora. Os estudantes do 9º ano “1” do turno matutino levaram para sala de aula textos selecionados por eles mesmos (ver subtópico 2.6.1.1., Quadro 1: textos eletivos). Depois, realizou-se uma sondagem investigativa a partir dos textos escolhidos, o que sequencialmente, norteou a prática pedagógica pelos objetivos prognosticados pela temática do projeto, com base em indícios circunstanciais, identificados em sala de aula.

Assim, foi organizada uma proposta de aplicação didática para que os objetivos da pesquisa fossem alcançados e, para isso, algumas ações foram desenvolvidas como: questionamentos a respeito das escolhas textuais, incitamento reflexivo de caráter habitual sobre a indicação dos textos motivadores e suas respectivas temáticas. Essas atividades comprovam o que afirma Antunes (2003, p. 67), pois muito, mas muito mesmo do que se consegue apreender do texto faz parte de um

“conhecimento prévio”, ou seja, é anterior ao que lá está, e que passa a ter sobre cada um de seus leitores efeito diverso. Muitas das opções dos estudantes estavam associadas direta ou indiretamente, ao estado de conhecimento e entendimento deles, envolvendo julgamento dos méritos preferenciais. Corroborando com isso, Antunes (2003, p. 69) explica que,

[...] as predileções se agregam ao saber prévio do leitor que se completa aos sinais (palavras e outros fenômenos linguísticos) que estão na superfície do texto e são elementos imprescindíveis para sua compreensão e, neste jogo, perfaz-se a reconstrução de sentido e das intenções pretendidas pelo texto (Antunes, 2023, p. 69).

Dado o exposto, partiu-se para as análises e reflexões para interpor ao texto, considerando os percursos iniciais incluídos pela proposta, até o instante final em que os alunos foram requisitados a produzirem suas próprias crônicas. Vale destacar aqui que a proposta precípua é colocar a leitura sempre em primeiro plano. Por essa razão, foi feito o uso de uma perspectiva interacionista, dialógica e flexível, em que a inclusão de novos trabalhos didáticos, embora já definidos, fossem maleáveis, a depender das opções substanciais e metodológicas do professor. O importante é que o texto seja o objeto central, e que a partir dele se articulem todas as outras atividades didáticas, inclusive as produções discursivas. Isso se deve ao fato de o texto ser um rico material tanto para a aquisição do conhecimento quanto para a discussão e reflexão em torno de assuntos que envolvem o estado do ser humano no mundo.

Em resumo, isso é possível porque o texto literário tem um papel mais que comunicativo. Ele é “humanizador”, pois, como diz Cândido (1989, p. 117), a criatividade literária de todos os tipos e em todos os níveis, satisfaz as necessidades humanas básicas, principalmente através desta inclusão, que enriquece a percepção e visão do mundo. Cândido (1989) destaca ainda que, independentemente da intenção do texto, seja para aquisição de conhecimento ou para discussão e reflexão em torno de um tema, há uma humanização e enriquecimento da personalidade e do grupo, através da resultante expressão do conhecimento, por sua vez, decorrente da força da linguagem enunciativa.

Cândido (1989, p. 117) vai explicar o que entende por humanização, já que sua exposição direciona-se ao processo que confirma no homem aqueles traços reputados como essenciais, como o exercício da reflexão, do conhecimento, boa atitude para com os outros, refinamento das emoções, capacidade de aprofundar os

problemas da vida, senso de beleza, percepção da complexidade do mundo e dos seres vivos, cultivo do humor. A literatura desenvolve o nível de humanidade, porque torna as pessoas mais compreensivas e abertas à natureza, à sociedade e aos outros.

É nesse contexto de fala do autor que didaticamente, pauta-se ações, porque há sintonia com a percepção de ensino que se intenciona transmitir, afinal não se pode ver nas leituras dos textos literários apenas sua camada superficial, ideológica ou de conteúdo, mas observar que, por trás da partilha, análise, reflexão, discussão, tem-se um papel formador, no sentido de ensinar uma leitura comprometida com a formação para a cidadania.

Foi nesse intento que se realizaram as atividades de leitura do gênero narrativo literário aplicado neste processo metodológico, buscando desenvolver habilidades essenciais para a formação de um leitor autônomo e competente.

Para garantir apoio, estabeleceu-se diálogo com a equipe pedagógica da escola, onde foi elucidado o propósito e a importância de corporificar a proposta, administrando o tempo e as etapas didáticas estruturadas pelo projeto de pesquisa em sala de aula. Após pontuar a finalidade da pesquisa, deu-se início à realização da aplicação das etapas.

Durante os preparativos finais, a equipe escolar pedagógica promoveu uma reunião, como é de praxe, para tratar do desenvolvimento de um projeto escolar interdisciplinar para findar o ano letivo, intitulado “Feira do Conhecimento”. Durante o encontro, todos os docentes tiveram a oportunidade de apresentar ou rascunhar a ideia que gostariam de desenvolver nesse plano. Em auxílio ao desdobramento da ideia supramencionada, houve acordo de que o trabalho de mestrado já aplicado em sala de aula, apresentaria alguns resultados para a comunidade escolar, como um requisito parcial para obtenção de nota para o quarto bimestre, já que a turma do 9º ano “1” matutino do Ensino Fundamental II vinha de uma intensa sequência de práticas didáticas. Então, foi nessa circunstância, que se apresentou os resultados do projeto de pesquisa de mestrado para a comunidade escolar, em forma de culminância.

Figura 1 – Projeto Interdisciplinar “Feira do Conhecimento”.



Fonte: Dados da pesquisa.

As ações desse projeto interdisciplinar foram desenvolvidas nas salas de aulas e no refeitório da escola. Os alunos transitavam nos espaços e participavam das brincadeiras, apresentações e exposições, conforme o cronograma das práticas, momento em que estiveram participativos e atuantes na execução e realização do trabalho.

Os educadores coordenaram e instruíram o processo de construção de atividade de acordo com a disciplina ministrada e a titularidade de professor conselheiro da turma, definido em reunião pedagógica. Nessa oportunidade, a turma do 9º ano “1” do turno matutino do ano de 2022 apresentou alguns resultados de algumas atividades desenvolvidas nas etapas explicitadas em subtópicos pelo Projeto: “Gênero crônica como instrumento de incentivo à leitura para os alunos do 9º ano “1” do ensino fundamental II”, realizado anteriormente ao projeto interdisciplinar, em um curto espaço de tempo.

A equipe escolar foi muito acolhedora e de trato agradável, caracterizando-se por serem compreensivos, afetuosos e por se preocuparem com o bem estar do outro e com o fazer pedagógico, porque entendem que a função do professor é formar o estudante para exercer sua cidadania e, para isso, ele precisa se expressar cada vez mais numa sociedade democrática.

### 3.6 DESCRIÇÃO DA PROPOSTA DE APLICAÇÃO DIDÁTICA DO GÊNERO CRÔNICA EM SALA DE AULA

Esta proposta de aplicação define ações de intervenção efetivadas por intermédio de procedimentos planejados a partir do uso do gênero crônica como instrumento de incentivo à prática leitora numa proporção reflexiva, crítica e participativa. Foi desenvolvida em forma de sequência didática, mediante a organização do tema e dos objetivos definidos no projeto, motivado pela vivência de sala aula na disciplina de Língua Portuguesa.

O encadeamento instrutivo, bem como toda proposta orientada pela pesquisadora, foi desenvolvido pelos alunos e serviu para exposição e exibição do resultado final da pesquisa.

### **3.6.1 Etapas da proposta de aplicação didática**

A turma do 9º ano “1” do Ensino Fundamental II do turno matutino do ano de 2022, da Escola Estadual Ipixuna-AM, foi observada mediante metodologia sistemática para dar veracidade dos fatos por meio de dados quantitativos, sendo a sala de aula o local em que ocorreu o fenômeno caracterizado. A pesquisa dedicou-se em descrever os sujeitos e as ações metódicas e organizadas durante o processo. Os encontros foram concretizados diariamente durante o processo de aplicação para acompanhar de perto o resultado e reunir as informações necessárias. Por isso, se pensou na sequência didática desenvolvida em cinco etapas, com duração total de 38 horas/aula, cada hora/aula equivalente a 48 minutos. Isto posto, distribuiu-se a proposta.

#### **3.6.1.1 Sequência didática 1**

1º Momento – Levantamento dos conhecimentos prévios para identificar o que a turma conhece sobre o que será tratado, associado direto ou indiretamente, ao estado de conhecimento e entendimento dos alunos; na sequência, realização das leituras dos textos selecionados, seguidas de ações como compreensão, reflexão do gênero crônica e estudo sobre a estrutura do texto.

Público-alvo: Turma do 9º ano “1” do Ensino Fundamental II.

Objetivo: realizar leituras e reflexões sobre o gênero crônica, por meio de textos selecionados pelos estudantes, considerando seus conhecimentos prévios e os elementos constituintes da crônica.

Duração: a atividade foi desenvolvida num período de 6 horas / aula, sendo que cada hora / aula era equivalente a 48 minutos.

Os textos foram levados para a sala de aula a partir de uma seleção feita pelos alunos. Esta autonomia trouxe a eles uma reflexão acerca do seu conhecimento de mundo, pois acredita-se que as escolhas, geralmente, estão interligadas a situações com as quais os alunos se identificam. Essa liberdade provoca uma dinâmica nesse encontro, dado que as informações prévias com que o leitor chega ao texto, derivadas de seu próprio conhecimento de mundo e das relações simbólicas que aí estabelece, e que também cumprem um papel fundamental na atividade de compreensão do texto.

Nessa etapa inicial, realizou-se questionamentos para averiguar e valorizar os conhecimentos prévios. De acordo com o glossário Ceale (UFMG, 2014), os conhecimentos prévios são saberes e informações guardados na mente, que vão sendo acionados mediante a necessidade. Piaget (1978, p. 215) identificou as estruturas mentais como condições prévias para aprender. Para o autor, não há como iniciar a abordagem de um conteúdo sem antes, identificar o que a turma conhece a respeito do assunto tratado; além de leituras (de texto verbal, não verbal), seguidas de reflexões, com indagações desprovidas de propósito unicamente avaliativo, a atividade permite compartilhar e socializar sobre o conhecimento de mundo, paralelamente às informações contidas nos textos a partir de uma exposição (escrita, oral e imagética) com finalidade evidentemente, interacionista e comunicativa.

Após cada leitura, coordenou-se os questionamentos mais particulares, como a motivação da escolha do texto e a posteriori, questões direcionadas ao próprio texto, porque, como afirma Antunes (2023, p. 80), todo texto é um lugar de encontro: entre quem escreve e quem lê. Desse modo, a compreensão e o sentido são pontos privilegiados para que aconteça, de fato, a interação a partir das intenções de sentido pretendidas.

Nessa intenção, dirigiu-se questionamentos e reflexões sobre os temas abordados ora individual, ora coletivo, a partir dos textos selecionados pelos alunos (Quadro 1).

Quadro 1 – Textos selecionados pelos alunos.

<b>Crônica:</b>	<b>Autor:</b>
O escrete de loucos	Nelson Rodrigues
Um mundo lindo	Marina Colasanti
Grande Tonho	Juliano Martinz
Adeus <i>facebook</i>	Gregório Duvivier
Aprenda a chamar a polícia	Luís Fernando veríssimo
Brincadeira	Luís Fernando veríssimo

Fonte: Dados da pesquisa.

A leituras foram seguidas de contextualizações para minimizar os espaços entre as informações concretas e abstratas ou as incógnitas entre o dito e o não dito no texto, além de uma busca por definir e elencar os elementos constituintes da crônica. Também se apresentou a estrutura, características, finalidade e contexto para que os alunos tivessem uma maior compreensão do gênero. Para finalizar esta primeira sequência didática, foram dirigidas novas leituras (ver item 3.1), quando foram apontados os elementos que integram o gênero, a fim de reforçar e fixar os estudos precedentes (Marinho, 2023).

### 3.6.1.2 Sequência didática 2

2º Momento – Representação visual da narrativa escrita, momento em que os alunos utilizaram uma caixa de papelão para representar de forma visual, o enredo e os elementos da narrativa a partir do uso dos textos selecionados na 1º sequência didática.

Público-alvo: Turma do 9º ano “1” do Ensino Fundamental II.

Objetivo: desenvolver atividades práticas que tornem a leitura uma ação efetiva e prazerosa, a fim de incentivar o pensamento crítico, o desenvolvimento da oratória e a articulação.

Duração: esta atividade foi desenvolvida durante um período de 15 horas /aula, sendo cada hora /aula equivalente a 48 minutos.

Nesta segunda sequência, desenvolveram-se atividades práticas com o intuito de tornar a leitura uma ação dinâmica, interativa e construtiva. Neste prosseguimento, os alunos arquitetaram em dupla a narrativa do texto lido em formato visual, projetada numa caixa de papelão, seguindo cronologicamente os fatos narrados.

Em seguida, os alunos apresentaram o resultado do trabalho em formato de exposição oral em sala de aula, para seus colegas de turma. Após as demonstrações, os alunos foram direcionados pela professora a refletirem e a se posicionarem em

relação à temática apresentada por cada dupla. Esta atividade tinha como finalidade incentivar a reflexão e o pensamento crítico, possibilitando o desenvolvimento da oratória e articulação, pois acredita-se que uma educação de qualidade, antes de qualquer ato, busca orientar e conscientizar o aluno das vantagens e importância do ato de ler, pois é um exercício que confere autonomia e cidadania.

### 3.6.1.3 Sequência didática 3

3º Momento – Linguagem visual como forma de comunicação (desenhos, pinturas e imagens)

Público-alvo: Turma do 9º ano “1” do Ensino Fundamental II.

Objetivo: mudar a percepção dos sujeitos envolvidos na pesquisa, mediante os novos procedimentos e resultados obtidos no decorrer da experiência.

Duração: esta atividade foi desenvolvida durante um período de 5 horas/aula, com cada hora/aula equivalendo a 48 minutos.

Nesta sequência, os alunos retomaram as crônicas selecionadas na sequência didática 2.6.1.1 e as transformaram em narrativas visuais, já que cada dupla havia escolhido duas crônicas para leituras, criando desenhos, pinturas e imagens em cartolinas, considerando o enredo da narrativa, os personagens, o tempo, o espaço e a ordem dos fatos. Após a confecção do material, os alunos apresentaram para turma o resultado do trabalho da linguagem visual, como forma de comunicação. Essa ação foi aplicada porque foi esclarecido para os alunos que a linguagem visual também é capaz de transmitir e comunicar, isto é, as imagens podem sozinhas, contar uma história.

Diante dessa prática foi realizada uma exposição, seguida de discussões, reflexões e considerações. Esta atividade desenvolvida pelos alunos foi fotografada e, posteriormente, publicada no *feed* do *Instagram* da turma, recurso este originado especialmente, para a exposição dos resultados. Para que o produto final tivesse melhor resultado, foi criado um grupo de *whatsapp* para orientação, correção, envio e reenvio das atividades, quando fosse necessário; foram feitas ainda, exposições de imagens, textos, vídeos e desenhos. Em momentos específicos, alguns desses materiais foram também abordados em sala de aula, visando despertar a reflexão, interação e participação da turma.



A finalidade desta sequência era desencadear mudança na percepção não somente dos alunos envolvidos na investigação, mas também na percepção de quem idealizou a pesquisa, já que o procedimento metodológico do projeto se fundamenta na pesquisa-ação e analisa as mudanças em todos os envolvidos no processo, mediante os resultados obtidos no decorrer da experiência.

#### 3.6.1.4 Sequência didática 4

4º Momento – Aprofundamento da Leitura.

Público-alvo: Turma do 9º ano “1” do Ensino Fundamental II.

Objetivo: direcionar nova leitura para que os educandos possam conduzir de forma autônoma, suas produções textuais.

Duração: usou um tempo estimado de 2 horas/aula, cada uma com 48 minutos.

Considerando os planejamentos anteriores, a professora pesquisadora direcionou uma nova leitura do texto “A Foto”, de Luís Fernando Veríssimo. Nessa seção, realizou-se apontamentos para que os educandos conduzissem de forma autônoma, suas futuras produções textuais. Foram utilizados a sala de aula e o grupo de *whatsapp* para intensificar as orientações e correções necessárias, pois as atividades seriam postadas no grupo da turma no *Instagram*, incluindo as produções textuais.

Além da crônica “A foto” de Luís Fernando Veríssimo, foram analisadas outras crônicas, as quais nortearam o trabalho, tal como o texto “Tire fotos, muitas fotos”, com autoria de Deusa Urbana; e a crônica “A outra Noite”, de Rubem Braga. As crônicas apontadas nos itens 2.6.1.1 e 2.6.1.4, foram importantes para motivar os alunos para a prática leitora neste trabalho.

Para encerrar a presente sequência foi realizada uma retomada de falas no sentido de compreender melhor o gênero crônica, sua estrutura, características, finalidade e contexto para que os alunos tivessem uma compreensão sólida sobre esta modalidade.

#### 3.6.1.5 Sequência didática 5

5º Momento – Produção escrita do gênero crônica.

Público-alvo: Turma do 9º ano “1” do Ensino Fundamental II.

Objetivo: solicitar aos alunos uma produção textual do gênero crônica a partir dos conteúdos estudados nas etapas anteriores.

Duração: esta atividade foi desenvolvida num período estimado de 10 horas/aula, contendo 48 minutos cada uma.

Nesse momento, foi solicitado ao aluno/a uma produção textual do gênero crônica a partir dos conteúdos estudados nas aulas anteriores. Os estudantes foram orientados a relatarem, de forma breve, um acontecimento simples da vida diária, um fato, um elemento/fenômeno da natureza, ou até mesmo, uma situação imaginária, observando cada aspecto estudado e discutido em sala de aula. Para tanto, considerou-se que para uma boa produção é necessário planejar a escrita do texto, considerando sua finalidade – buscar junto aos acontecimentos diários a temática, envolver-se neles e descobrir suas belezas – bem como o leitor que se quer atingir.

Desse modo, os discentes foram conduzidos a atentarem-se para alguns critérios, como:

a) Produzir um texto, individualmente, colocando em prática os conteúdos estudados. Nesta etapa, os alunos narraram, de forma breve, um acontecimento simples da vida diária, observando as características estudadas e selecionando os recursos linguísticos adequados à situação comunicativa. Na produção textual, os alunos projetaram os aspectos mais relevantes para sua escrita, como personagens, enredos, ambiente, espaço, narrador, linguagem informal;

b) Tematizar fatos do cotidiano;

c) Utilizar linguagem simples, clara, objetiva;

d) Compor o texto escrito contendo no mínimo 3 parágrafos e no máximo 5;

e) Fazer a correção e revisão das crônicas para retificar a etapa da proposta. Neste quesito, as correções das produções textuais devem considerar os elementos linguísticos (coerência e coesão), elementos estruturais (narrador, personagens, enredo, tempo, espaço, parágrafos);

f) Concretizar a reescrita da versão final das crônicas para a publicação na página da turma no *Instagram*, intitulada “O Khronos”. Também foram publicados todos os trabalhos realizados no decorrer da pesquisa para que os próprios alunos compartilhassem e deixassem registradas as suas experiências e resultados desenvolvidos em cada etapa do projeto. Esses trabalhos foram divididos em cinco

sequências didáticas, descritas nos tópicos 2.6.1; 2.6.1.1; 2.6.1.2; 2.6.1.3; 2.6.1.4; 2.6.1.5. Seguidas das análises nos tópicos 3.1; 3.2; 3.3; 3.4 e 3.5.

As produções dos alunos foram incluídas em uma pasta, por sua vez, arquivada para serem apresentadas quando necessário.

#### 4 APLICAÇÃO DA PROPOSTA

Como planejado, os alunos foram avaliados durante todo o processo de aplicação da proposta, desde a participação do primeiro ao quinto segmento, incluindo leitura, compreensão, interpretação, produção, exposição, articulação, e todo o aspecto alinhado ao longo do trabalho desenvolvido em sala de aula e fora dela. O último prosseguimento permitiu analisar se os alunos compreenderam a estrutura e as características do gênero crônica a partir da recepção de sua produção escrita segundo as características desse gênero estudado.

Vale enfatizar que a utilização do gênero crônica como incentivo à leitura, adicionada a uma proposta didática, ajudou a gerenciar práticas pedagógicas mais dinâmicas, incluindo o manuseio de ferramentas tecnológicas (internet, *Instagram*, *WhatsApp*). O planejamento também promoveu a utilização de recursos multimodais, incorporados a textos verbais e não-verbais (desenhos, pinturas, imagens, texto escrito) para atingir não somente a leitura do óbvio, do que está explícito e necessário à informação, mas privilegiou-se a leitura das “entrelinhas”, do implícito, do discurso do “não dito”, em uma leitura mais reflexiva e crítica da realidade que o cerca.

Perante a ideia exposta, Orlandi (1988) declara que a leitura percorre além da informação, que incrementa a formação do senso crítico, a sagacidade, aspectos fundamentais à formação do ser humano.

No viés metodológico, Morán (2015) salienta que o indivíduo aprende com maior facilidade quando a metodologia direciona para um ensino ativo, dinâmico, atividades práticas, projetos relevantes, gerenciando características individuais e coletivas para que o protagonismo e a aprendizagem se tornem mais ricos e favoráveis.

No aspecto planejamento, destaca-se Diesel *et al.* (2017), pois enfatizam que o procedimento e organização devem ser focados nas atividades dos alunos, visto que a aprendizagem é o principal objetivo da educação.

Foi nesse cenário em que os recursos utilizados na aplicação desta proposta pedagógica, em conformidade com os objetivos traçados, foram realizados, numa retrospectiva das ações por meio de relatos e análises das sequências desenvolvidas em sala de aula nos tópicos posteriores. Esses tópicos, a priori, iniciaram com sucessivas leituras e reflexões para ativar os conhecimentos prévios, leituras motivadas (geralmente presa a um interesse), seguidas de questionamentos, leituras

interativas (encontro entre quem escreve e quem lê), leituras orientadas, leitura crítica, exposição dos elementos que compõem o gênero crônica, produções textuais, interferência e revisão das produções. Todas com o apoio da utilização de recursos midiáticos, aplicação de um questionário e algumas informações que sucederam durante a aplicação da proposta didática, mas também, considerando a compreensão do contexto sociocultural dos estudantes que passaram pelo processo para legitimar e elucidar a análise realizada.

Em consonância com a situação, e para validar o uso e exposição do material desenvolvido no ambiente escolar pelos alunos, optou-se por apresentar à direção da escola uma “Carta de Aceite”, certificando a instituição da realização do projeto de pesquisa, bem como da importância de inteirar os pais sobre o teor da proposta.

Esse comprovativo foi assinado pela diretora da escola para viabilizar os procedimentos dentro dos meios legais e éticos para a execução das atividades, permitindo o uso de informações e imagens para divulgação do projeto, desde que utilizadas para fins estritamente acadêmicos, culturais e científicos. Os pais foram informados em reunião bimestral, sobre o desenvolvimento do projeto de pesquisa, de que o material coletado seria agregado à dissertação, como parte de aplicação do processo, e ainda sobre um outro projeto interdisciplinar da escola que seria desenvolvido de maneira quase paralela e anexado em forma de subseção pela professora pesquisadora.

O comunicado foi afável pelos responsáveis, e as ações foram operantes mediante a aceitação.

#### 4.1 RELATO E ANÁLISE: LEVANTAMENTO DOS CONHECIMENTOS PRÉVIOS, SEGUIDO DE LEITURAS, COMPREENSÃO, REFLEXÃO DO GÊNERO CRÔNICA E ESTRUTURA DO TEXTO

Ao iniciar a aplicação da proposta, definiu-se uma tabela de pontuação (Quadro 2), correspondente a cada aspecto a ser avaliado no decorrer daquilo que foi proposto.

Quadro 2 – Ficha de Pontuação, por atividade.

<b>Aspectos avaliados</b>	<b>Valor</b>
1. Leitura	1,0
2. Compreensão	1,0
3. Interpretação	1,0
4. Apresentação oral da crônica na caixa	1,5
5. Estrutura e elementos da narrativa	1,0
6. Elementos gramaticais (pontuação, ortografia, concordância verbal)	1,0
7. Elementos linguísticos (coerência e coesão)	1,0
8. Produção da crônica, temática, criatividade.	2,5
Total	10,0

Fonte: Dados da pesquisa.

O quadro 2 auxilia nesta seção para se analisar os aspectos avaliativos das atividades da turma em estudo, em que a distribuição de valor foi equivalente a cada laboração no decorrer das ações. Os alunos foram orientados por parte da professora regente, de forma minuciosa, sobre o funcionamento das tarefas a serem executadas. Para que fosse alcançado o propósito, foi realizada uma atividade de pesquisa em dupla e extraclasse. Na ocasião, os alunos tiveram participação na seleção dos textos, pois entende-se que autonomia e liberdade de escolha traz uma reflexão acerca do conhecimento de mundo. As escolhas, geralmente, estão interligadas a situações afins, que os alunos se identificam ou vivenciam. Esse posicionamento, muitas vezes, vai de encontro às atividades de leituras desenvolvidas em sala de aula, já que é comum os professores utilizarem os textos propostos pelo livro didático ou determinarem a leitura, em detrimento do que classificam como importante.

O resultado da pesquisa foi considerado positivo. Os textos foram retirados via internet. Os alunos que tinham acesso à rede e ao artifício midiático se dispuseram a realizar a pesquisa com colegas desprovidos daquele recurso, equiparando o desenvolvimento das atividades.

No momento da organização e formação de grupos, estavam presentes os 20 alunos. Neste primeiro momento, a prática foi executada num período total de 6 horas/aula, distribuídas de acordo com as necessidades das atividades desenvolvidas nessa sequência. Vale ressaltar que os textos motivadores (ver o subtópico 2.6.1.1), indicados pelos alunos para as leituras, eram realizados num tempo correspondente a 48 minutos.

Assim sendo, foi observado que algumas amostras dos textos selecionados pelos alunos variaram, desde cronistas renomados a autores menos notáveis. A posteriori, foram realizados alguns exercícios, como:

- a) Levantamento dos conhecimentos prévios, reflexões, seguidas de leituras em voz alta para compartilhar as informações contidas nos textos a partir de uma exposição oral efetivada pelas duplas;
- b) Após cada leitura, coordenou-se questionamentos, desde a motivação da escolha do texto a questões direcionadas ao próprio texto;
- c) Direcionou-se questionamentos mais específicos, de forma individual e coletiva, provocando reflexões sobre os temas abordados nos textos;
- d) O contexto foi apresentado para minimizar os espaços entre as informações concretas e abstratas ou as incógnitas entre o dito e o não dito no texto;
- e) Foram definidos e elencados os elementos constituintes da crônica, apresentando-lhes a estrutura e características, finalidade e contexto para que os alunos tivessem uma maior compreensão do gênero;
- f) Direcionou-se e apresentou-se novas leituras, apontando os elementos que compõem o gênero, a fim de reforçar e fixar os estudos.

Assim, convém discorrer mais detalhadamente sobre o funcionamento da dinâmica.

As análises iniciaram a partir dos títulos dos textos, quando se percebeu o quanto eram distintos. Ao final de cada leitura compartilhada, a professora mediou as discussões e reflexões, valorizando o conhecimento prévio por intermédio de questionamentos orais acerca dos temas abordados para sondar as experiências de mundo. O desenvolvimento das atividades teve o intuito de despertar a prática da leitura, apropriando-se do gênero crônica para melhor compreensão e reflexão sobre as situações do cotidiano, pois é nesse momento que o papel do professor se torna primordial, porque ele irá atuar como um mediador.

Nessa ocasião, optou-se por realizar várias leituras, de forma amíúde, para que a prática leitora fosse motivada durante o período de execução do projeto com a finalidade de desenvolver o hábito, conforme as reflexões prévias aqui apresentadas.

- 1) O que motivou a escolha do texto?
- 2) O que mais lhe chamou atenção?
- 3) A leitura proporcionou alguma reflexão?
- 4) O que narra a história?
- 5) Como você agiria diante das circunstâncias vivenciadas pelo personagem?
- 6) A história se assemelha a alguma situação vivenciada no seu dia a dia?
- 7) Que aprendizado a leitura nos propõe?
- 8) Sobre o personagem, qual sua opinião?
- 9) Você concorda com as atitudes e comportamento do personagem?
- 10) Qual sua atitude ou comportamento na posição do personagem principal?

### 11) Você já conhece o autor da crônica?

Essas reflexões foram empreendidas como pretexto para que os alunos percebessem que os temas abordados pelas crônicas estão relacionados às vivências costumeiras e habituais, que podem ser entendidas como um retrato verbal particular dos acontecimentos urbanos. Levando-os a compreender que é no dia a dia, por meio de suas impressões, ideias ou visões da realidade ou não, que costumam tratar os assuntos prediletos do gênero crônica, de forma leve e simples. Sequencialmente, elencou-se os elementos constituintes da crônica, apresentou-se a estrutura, características, finalidade e contexto para que os alunos tivessem uma maior compreensão do gênero estudado. Para isso, foram distribuídos o material impresso para os alunos da turma.

#### **Características da crônica**

Tratar de assuntos cotidianos e factuais, a crônica tem “vida curta”;  
 O assunto em pauta hoje não será o mesmo de amanhã;  
 Aspecto similar ao jornalismo, visto que ambos buscam inspiração nos acontecimentos do dia a dia;  
 Linguagem simples despojada;  
 A crônica relata de forma diferenciada as ocorrências, seja de forma artística, em tom crítico ou com humor;  
 Visa prender a atenção do leitor;

#### **Tipos de crônica**

Existem diversos tipos de crônicas – desde as apenas narrativas, passando pelas crônicas jornalísticas, até chegar em crônicas poéticas, que flertam com o literário.

**Crônica narrativa** – é aquela que contém apenas elementos da narração em sua estrutura, ou seja, que apresenta personagens, tempo, espaço e enredo. Nessas crônicas, não há longos trechos reflexivos ou argumentativos, como é comum naquelas publicadas em jornais. O assunto da crônica narrativa é, em via de regra, um tema vinculado ao cotidiano das cidades.

**Crônica jornalística** – pode ser caracterizada como um gênero que mistura fragmentos narrativos – em geral, pequenos fatos cotidianos são contados para, em seguida, promover-se uma reflexão sobre eles – e trechos mais longos de reflexão e argumentação sobre o fato narrado. Por ser publicada em jornais, é esperado que o tema da crônica jornalística seja de interesse de um grupo social e não apenas do próprio cronista. Normalmente, os principais acontecimentos do dia ou da semana anterior são os assuntos redigidos nas crônicas jornalísticas.

**Crônica humorística** – uma das marcas das crônicas narrativas e jornalísticas é, em geral, ter um enfoque humorístico acerca das cenas e acontecimentos cotidianos. Para atingir esse grau de comédia, cada cronista adota um estilo particular – há aqueles que usam da ironia para marcar sua linguagem, há outros que abordam assuntos cômicos por natureza, ou ainda os cronistas que constroem discursos engraçados, por meio de associações inusitadas. Quanto mais original e criativa, melhor será a crônica (Marinho, 2023).



Após a exposição desse material, foram delimitados os estudos sobre a crônica narrativa, pois durante pesquisas anteriores, os alunos se identificaram com a proposta e a estrutura do “contar história”.

Para que os alunos realizassem nova leitura, foi disponibilizado em forma de cópia impressa fisicamente, o texto “Tire fotos, muitas fotos!”, de autoria de Urbana (2007). Sequencialmente foi solicitada a leitura silenciosa e depois a oral, observando e considerando os aspectos expostos na proposta anterior. Os alunos foram orientados sobre a pronúncia e articulação correta quanto à presença da pontuação no texto (final, interrogação e exclamação).

Ao final da leitura, os alunos foram convidados a fazerem uma reflexão sobre o texto, guiados pelos questionamentos:

- 1) Qual o seu posicionamento em relação às questões abordadas no texto?
- 2) Na sua opinião existe um padrão de beleza fixo? Justifique.
- 3) É comum encontrarmos pessoas insatisfeitas com características específicas do seu corpo.
- 4) Até que ponto a busca pelo padrão de “beleza ideal” pode ser benéfico ou prejudicial para o indivíduo?

Depois de ouvir seus posicionamentos, os alunos responderam a atividade interpretativa no caderno em sala de aula, após a leitura da crônica.

#### **TIRE FOTOS, MUITAS FOTOS!**

Não gostar do que se vê nas fotos... Humm! Isso dá muito que pensar. Eu não gostava do que via nas minhas. Achava-me feia. Um dia percebi que eu mesma não fazia meu próprio tipo. Nada mal, já que não teria que casar comigo, nem olhar para mim mesma o tempo todo. Isso é bom! Nada pior do que quem se olha “full time”. Olhando tantas belezas alheias, percebi que muito do que eu achava belo não era apreciado por outras pessoas, então, eu não gostar da minha cara e da minha boca de palhaço triste não era um julgamento definitivo e correto em relação à minha beleza.

Vi que tinha gente que me admirava, independentemente do que eu achava ou não, e seria eu bela sim, por uma questão de opinião! Mas, se a gente se treina a vida inteira para não se importar com que os outros dizem, isso complica muito as coisas... Bom motivo para eu aprender a respeitar a opinião alheia.

Sócrates estava muito certo: entender é fazer perguntas e buscar respondê-las.

Nada mais horrível do que pessoas sem opinião, mesmo que erradas. Filosofar é tentar achar razão em cada coisa e dizer com propriedade porque nada é totalmente incorreto. Ninguém é de todo errado. É preciso buscar caminhos, pelo menos os nossos. O meu não foi o da estética, mas o de lustrar meus valores até que eles chegassem aos olhos e esses assumissem expressão visível. Foi este o meu modo de acreditar naqueles que diziam que eu era bela. Uma plástica quase que espiritual, quântica, metafísica muito útil ao meu processo doentio de timidez.

Como tímida, eu tive que deixar de achar que os “aparecidos” estressam, só por que minha timidez não me permitia aparecer. Ser tímido é amar a música,

querer se jogar na pista, fazer altas performances na nossa imaginação enquanto que o corpo só bate o pezinho...

Larga esse conceito para lá que você vai ver que tem muitas coisas que os belos têm. Então por que você não é bela também?

Não é você que tem que se ver nas fotos. Elas são para quem admira você! Num tempo mais antigo serviria para os inimigos dá-las de comer aos sapos, mas em tempos de efeito estufa os sapos são raros e acredito que inimigos para você também! Um ou outro invejoso qualquer que, sem motivo e por pura dor de cotovelo te manda um ar de desdém e só.

Tire fotos, muitas fotos! Primeiro, porque a gente acaba se acostumando. Segundo: porque a gente acaba gostando. Terceiro, porque depois que o tempo passa é muito bom vê-lo aprisionado numa imagem colorida. É como ter a felicidade numa caixinha. Quarto: a velhice deixa a gente enxergando mal à “pacas” e quando as rugas se tornam densas e o corpo cansado percebemos como era bom o tempo passado. Esse foi o papo do dia. Tô esperando o próximo chope (Urbana, 2007, grifos da autora).

Para melhor entendimento e fixação, na sequência, os alunos realizaram uma atividade de compreensão e interpretação textual pós-leitura. Respondendo aos seguintes questionamentos:

- a) O texto “Tire fotos, muitas fotos!”, você considera coerente com a proposta da autora? Seria possível dar-lhe um novo título? Sugira pelo menos dois.
- b) Há relação da filosofia de pensamento da autora com o meio social?
- c) “(...) Aprender a respeitar a opinião alheia”. Explique essa afirmativa, contextualizando-a em nosso dia a dia.
- d) “Olhando tantas belezas, percebi que muito do que eu achava belo não era apreciado por outras pessoas”. O que a autora quis dizer com essa afirmação?
- e) A afirmativa “Nada é totalmente incorreto” pode ser aplicada em qualquer situação?
- f) A quem a autora se referia quando anunciou que: “o meu não foi o da estética, entretanto o de lustrar seus valores até que cheguem aos olhos e esses assumissem expressão evidente”.
- g) A autora enumera quatro motivos para se tirar fotos. Quais outros motivos você enumeraria?
- i) Pesquise no dicionário o significado de palavras desconhecidas.
- j) Por que o texto “Tire fotos, muitas fotos!” se classifica como gênero crônica?
- l) Onde circulam geralmente, os textos enquadrados no gênero “Crônica”?

A leitura da crônica “Tire fotos, muitas fotos!” de Deusa Urbana, promoveu a participação da turma, dado que a temática está diretamente vinculada a comportamentos, atitudes, julgamentos e conflitos internos, como a aceitação do corpo físico. Muitos se identificaram com o texto lido; alguns relataram que tiravam várias fotos, que testaram filtros até aprovarem o resultado; outros não gostavam de tirar fotos, porque não gostavam do que viam; pouquíssimos foram os que admitiram que a consideravam uma prática prazerosa.

Mediante as diversas opiniões sobre o texto, abriu-se um espaço para falar do valor e importância da autoestima, já que suas avaliações subjetivas eram

intrinsecamente negativas. As contribuições e constatações foram as mais diversas possíveis no decorrer das reflexões. Porém, ao final da atividade, todos consideraram que a foto é um registro importante: uma das formas de guardar lembranças de um tempo que só será possível enquanto memória, que o tempo é efêmero e que as marcas da idade e as limitações do corpo chegariam para todos, porque é a ordem natural da vida, e a juventude resultará em recordações.

Essa análise foi relevante para se construir novos posicionamentos sobre a vida, saúde física e mental, emoções, crenças, comportamentos, autoimagem e a imagem que os outros têm sobre nós, já que o texto remete não só a uma meditação filosófica, mas sobretudo, a uma crítica sobre algumas atitudes específicas e comportamento humano. Tudo isso está diretamente ligado às competências gerais da educação básica que a BNCC (2018, p. 9-10) propõe: exercitar a empatia, o diálogo, a resolução dos conflitos e a cooperação, praticando e promovendo o respeito ao outro e aos direitos humanos, aceitar e valorizar a diversidade dos indivíduos e dos grupos sociais, os seus conhecimentos, as suas identidades, as suas culturas e as suas potencialidades, sem preconceitos.

A nona competência da BNCC leva a refletir sobre situações que demandam conciliações, aceitação, compreensão, considerando ideias e sentimentos dos outros nas suas atitudes e decisões.

Nesse contexto, o gênero crônica buscou promover essa escuta, porque é um texto que faz referência a situações corriqueiras, que pode apresentar por uma ótica crítica, humorística, reflexiva e irônica, os assuntos abordados, além de proporcionar reflexões a respeito do comportamento humano nas mais diversas situações sociais.

O tempo estimado para o desenvolvimento dessa prática específica foi de 2 horas/aula.

Figura 2 – Momento de leitura, compreensão e interpretação de texto.



Fonte: Dados da pesquisa.

Ainda nessa atmosfera, explora-se outro texto, de Rubem Braga, intitulado “A Outra Noite”. Essa atividade em particular, teve um tempo estimado de 2 horas/aula presenciais, cada uma com 48 minutos.

Nessa etapa foram apresentados os objetivos e os conteúdos do roteiro da sequência didática, a ser executada durante as próximas aulas. Houve também um processo investigativo para que a exposição do conteúdo fosse explorada positivamente sobre o gênero crônica.

- 1) O título do texto chama a atenção? Por quê?
- 2) Pelo título, o que você imagina que vai acontecer na história?
- 3) Que assunto você imagina que vai ser tratado no texto?
- 4) Você ficou interessado em ler o texto? Por quê?
- 5) Liste no caderno situações que você espera encontrar no texto.
- 6) Você tem algum conhecimento sobre crônicas?
- 7) Você lembra de alguma crônica que já tenha lido? Qual?

Em seguida, os alunos realizaram a leitura do texto e, por conseguinte, a professora pesquisadora direcionou questionamentos a respeito dos elementos que constituem a narrativa lida, tais como o tema, o espaço, tempo, personagens e a linguagem, mas também, incentivou a análise crítica e reflexiva sobre o tema, num tom dialógico conforme o tempo atual.

Após as interações e indagações, os alunos realizaram a interpretação respondendo às atividades no caderno a partir de uma análise detalhada sobre o que é uma crônica, suas características, os tipos de crônica e seus elementos constituintes, de forma expositiva para melhor compreensão.

- 1) Leia o texto e responda às atividades em seu caderno:

**A outra noite**

Outro dia fui a São Paulo e resolvi voltar à noite, uma noite de vento sul e chuva, tanto lá como aqui.

Quando vinha para casa de táxi, encontrei um amigo e o trouxe até Copacabana; e contei a ele que lá em cima, além das nuvens, estava um luar lindo, de Lua cheia; e que as nuvens feias que cobriam a cidade eram, vistas de cima, enluaradas, colchões de sonho, alvas, uma paisagem irreal.

Depois que o meu amigo desceu do carro, o chofer aproveitou um sinal fechado para voltar-se para mim:

– O senhor vai desculpar, eu estava aqui a ouvir sua conversa. Mas, tem mesmo luar lá em cima?

Confirmei: sim, acima da nossa noite preta e enlameçada e torpe havia uma outra - pura, perfeita e linda.

– Mas, que coisa. . .

Ele chegou a pôr a cabeça fora do carro para olhar o céu fechado de chuva. Depois continuou guiando mais lentamente. Não sei se sonhava em ser aviador ou pensava em outra coisa.

– Ora, sim senhor. . .

E, quando saltei e paguei a corrida, ele me disse um "boa noite" e um "muito obrigado ao senhor" tão sinceros, tão veementes, como se eu lhe tivesse feito um presente de rei.

(BRAGA, Rubem. A outra noite)

01. Quem é o autor do texto?
02. A noite vista pelo taxista era a mesma descrita pelo amigo do narrador e para o narrador?
03. Como foi a reação do taxista (no final), após ouvir o fenômeno?
  - a)  sensibilizado;
  - b)  curioso;
  - c)  grato com o presente;
  - d)  cismado com o pagamento;
04. O título do texto se refere a qual noite? A vislumbrada somente pelo narrador ou aquela que o taxista e seu amigo avistavam?
05. Como se explica as diferentes noites anunciadas pelos personagens?
06. O texto lido trata de uma crônica narrativa. Por quê?
07. Você já teve alguma experiência natural igual ou parecida com as dos personagens?
08. No texto temos um narrador?
  - personagem
  - onisciente
  - observador

A sequência didática foi finalizada com os questionamentos supracitados.

Esse momento inicial foi importante para que os alunos tivessem uma melhor compreensão do gênero crônica a partir das várias leituras utilizadas, pois a prática requer atividades intencionalmente pensadas e elaboradas pelo mediador para que o aluno aprenda como um leitor se relaciona com o texto e como o compreende. Essa atuação requer o uso de estratégias por ser um trabalho complexo. Mediante esse cenário, Saviani (1991) afirma que é função da escola transmitir os conhecimentos culturalmente criados pela humanidade ao longo do tempo e, dentre eles, o mais elaborado é a leitura.

Nesse sentido, é essencial que a escola, como espaço estratégico, provoque e estimule no leitor, a partir dos textos lidos, um diálogo com seu contexto e conhecimento de mundo; a construir e inferir sentido, relacionar e utilizar seu repertório vivido, porque a escola é uma das responsáveis por “promover nos alunos a utilização de estratégias que lhes permitam interpretar e compreender autonomamente os textos escritos” (Solé, 1998, p. 17). Quando, nesta situação, se utiliza as técnicas adequadas, aprende-se a dominar necessidades de interação com o texto, retomá-lo quando conveniente, realizar inferências, buscar significado de vocábulos desconhecidos, ler e reler para compreender e, quando porventura, julgar a leitura como despreziosa, adotar uma postura consciente nesse processo para filtrar-lhe o verdadeiro sentido.

## 4.2 RELATO E ANÁLISE DA REPRESENTAÇÃO VISUAL DA NARRATIVA ESCRITA

Ao observar o dinamismo e função da escola, resolveu-se por desenvolver sucessões de atividades que, ativadas mediante o segundo encadeamento didático (subseção 2.6.1.2.), tornam a leitura cada vez mais, significativa e interacionista. Porém, é importante lembrar que não é uma questão exclusiva de métodos, sendo necessário que os professores criem condições para que os alunos desenvolvam o aprendizado, analisando as conexões entre o autor do texto e passando pela participação ativa do leitor. Essa atitude está de acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa (PCN-LP 1997, p. 57): “o significado, no entanto, constrói-se pelo esforço de interpretação do leitor, a partir não só do que está escrito, mas do conhecimento que traz para o texto”.

Nesse sentido, o PCN-LP apoia a ideia de que o leitor competente excede a decodificação, melhor, entende o que lê e observa que o texto tem informações implícitas, pode estabelecer relações com outros discursos e denotar sentidos múltiplos. Diante dessa orientação, os Parâmetros Curriculares de Língua Portuguesa sugerem ainda que o ensino da leitura parta do contato com a diversidade dos gêneros textuais.

Firmando-se nessa visão, escolheu-se o gênero crônica, por considerá-lo relevante para o desenvolvimento desse trabalho, já que privilegia a seleção de textos que favorecem a formação de leitores e escritores críticos e ativos, uma vez que há espaço para a troca de experiências e de significações.

Acautelados mediante a concepção, destinou-se aos alunos a tarefa de operar a partir dos conhecimentos adquiridos, a seleção de um dos textos expostos em sala de aula pelos próprios alunos, para complementar as próximas ações metodológicas. Buscou-se aprofundar as apreciações utilizando-se de atividades mais específicas, a fim de tornar a leitura uma ação interacionista, já que o uso de uma língua está submetido à interação entre o seu usuário e o social, gerando um processo de negociações e de reciprocidade entre ambos.

Nessa prossecução, os alunos arquitetaram a narrativa do texto selecionado pela dupla, conectados à primeira sequência didática, em uma ação em que o texto lido ganhava forma de texto visual, seguindo cronologicamente os fatos narrados, projetando numa caixa de papelão, o enredo. Os estudantes utilizaram inúmeros

materiais, inclusive recicláveis, com propósito não apenas de reduzir a quantidade de lixo, mas também, para economizar nos gastos.

Essa atividade foi desenvolvida durante um período de 15 horas/aula, pois o processo de construção foi demorado e minucioso. Seu objetivo era desenvolver, por intermédio da atividade prática, uma leitura interativa, prazerosa e crítica, além de promover a oratória, a articulação e trabalhar o gênero crônica de forma interligada e multimodal no contexto atual, mediante as diferentes situações comunicativas. Dessa forma, Marcuschi (2008) afirma que:

Gênero textual refere-se aos textos materializados em situações comunicativas recorrentes. Os gêneros textuais são os textos que encontramos em nossa vida diária e que apresentam padrões comunicativos característicos definidos (Marcuschi, 2008, p. 155).

Mediante a definição de Marcuschi, destaca-se a essência de um trabalho com os gêneros em sala de aula, cuja finalidade é auxiliar as práticas sociais comunicativas do dia a dia.

Para a realização do processo de motivação à prática leitora enquanto ação social comunicativa, os alunos utilizaram a caixa de papelão como base para a montagem do trabalho, e aplicaram materiais como papel-cartolina, imagem impressa, linha de náilon, cola, massa de modelar, seixo, areia, material reciclável, EVA, palito de picolé, pincéis, giz de cera, lápis de cor, caneta, copo descartável, entre outros. A confecção foi resultado de uma prática artesanal (Figura 3). Os alunos consideraram esse trabalho desafiador, porém, uma forma de representar novos conceitos, novas estratégias, novas formas de leituras, exposições, organizações, articulações de composições textuais que circulam no meio social.

Figura 3 – Representação da narrativa em prosa em narrativa visual do texto em forma de maquete.



Fonte: Dados da pesquisa.

Na sequência, as duplas apresentaram o resultado do trabalho em formato de exposição oral. Após submeterem à apreciação, os discentes foram direcionados a refletirem e a se posicionarem em relação à temática apresentada por cada colega de classe. Essa atividade foi considerada importante, pois além de incentivar a reflexão, o pensamento crítico, possibilitou trabalhar o gênero crônica de forma conectada e multimodal no contexto atual, resultando em comportamentos que favoreceram a articulação, a comunicação oral e escrita do leitor (estudante) nas diferentes situações sociocomunicativas.

Para finalizar essa atividade, foi realizada uma revisão do conteúdo exposto durante o percurso, a fim de que fosse possível a turma identificar os elementos essenciais que compõem a estrutura do gênero crônica para que a produção escrita obtivesse o melhor resultado possível.

#### 4.3 RELATO E ANÁLISE DA LINGUAGEM VISUAL COMO FORMA DE COMUNICAÇÃO

A linguagem visual foi desenvolvida durante um período de 5 horas/aula, cada uma contendo 48 minutos. Nesse momento, os estudantes usaram o gênero crônica para produzirem e apresentarem narrativas visuais, reconsiderando a ordem cronológica dos fatos narrados. A atividade foi seguida de mediações e discussões após cada exposição, pois acredita-se que o tipo de linguagem ora mencionado é uma forma de manifestação comunicativa autêntica e criativa.

Desde tempos remotos, a técnica visual é muito utilizada. Dessa forma, as histórias eram passadas oralmente ou através das imagens. A missão da linguagem visual cumpriu-se muito bem, já que era capaz de transmitir uma ideia de maneira direta e instantânea. Na antiguidade, por exemplo, a civilização grega costumava retratar em vasos, as aventuras vividas por deuses e heróis. Na história da arte ocidental, narrativas visuais eram retiradas de mensagens bíblicas, tal como a *via-crúcis*<sup>7</sup>, temática representada pela Igreja Católica Apostólica Romana. Segundo Calado (1994, p. 55), “[...] as imagens [...] enquanto sistemas simbólicos são ricos e instáveis”, querendo dizer que comportam um grande número de níveis de significação.

---

<sup>7</sup> A Via-Crucis, também chamada de Via-Sacra, refere-se ao trajeto percorrido por Jesus Cristo carregando a cruz, desde o Pretório até o Calvário, onde faleceu (disponível em: <https://pt.wikipedia.org>).



Sabe-se que as imagens têm sua importância desde a Pré-História, como meios de comunicação. Produzidas por diferentes meios e materiais ao longo do tempo, foram sendo aprimoradas pelo homem, usando-as como forma de linguagem. Elas se conectam ao contexto em que estão inseridas e ao modo de pensar de uma sociedade.

Atualmente, as imagens adquirem uma importância na educação, seja voltada para a discussão das fontes de pesquisa trabalhadas por um pesquisador, de leituras de imagem em sala de aula, ou em propostas consideradas relevantes para um determinado estudo. O que se observa é que as imagens ganharam amplitude, pois a linguagem visual passou a assumir um papel expressivo enquanto representação do meio social. Nesse sentido, pode-se referir a um conhecimento capaz de reconstituir memórias “visuais” de uma determinada realidade ou à capacidade de o indivíduo compreender e se expressar por meio de um sistema de representação comunicativo.

Esse recurso, hoje em dia, é utilizado em forma de história em quadrinhos, símbolos, cores, jogos interativos etc. Nesse contexto, elas foram encarregadas de incorporar a mensagem proposta pelo texto. As aplicações desenvolvidas pelos alunos foram fotografadas para serem publicadas no grupo da turma no *Instagram*, medidas apontadas como necessárias à execução da tarefa.

Além disso, criou-se também, um grupo de *whatsapp* para orientação, correção, envio e reenvio das atividades, imagens, vídeos, textos e desenhos. Para essa ação, disponibilizou-se de horas extracurriculares.

É importante enfatizar que os alunos que não tinham acesso à internet eram orientados em sala de aula, quando necessário; nesse momento, formavam duplas com os colegas que tinham o recurso para que todos tivessem a mesma oportunidade. Esse material foi exposto e apresentado em sala de aula, visando a uma maior participação, interação e reflexão sobre os assuntos abordados nos textos observados. Nessa operação, o objetivo era promover mudança na percepção não somente dos sujeitos envolvidos na pesquisa, mas também, da professora observadora, por intermédio de novos procedimentos e resultados obtidos no decorrer da experiência.

Figura 4 – Momento de interação do grupo no *whatsapp* da turma do 9º ano “1” do turno matutino.



Fonte: Dados da pesquisa.

Na figura 4, demonstra-se a interação do grupo de *whatsapp* da turma. Alguns alunos, ao finalizarem seus trabalhos, registravam e enviavam os resultados ao grupo para se ter uma prévia das apresentações em sala de aula. As imagens expostas geravam euforia, animação e entusiasmo. Na data combinada, os alunos levaram seus trabalhos para o ambiente escolar para as apresentações e exposição.

Ao se concluir a metodologia para o terceiro segmento, percebeu-se que a proximidade da temática à realidade do aluno favoreceu a leitura, o entendimento, a compreensão e a interpretação dos textos abordados. Essa fazedura elucidou a ideia de que incitar as experiências e os conhecimentos prévios, anteriormente às abordagens mais teóricas provocam ações significativas, por meio de atuações concretas e dinâmicas, tal como destaca Bazerman (2021),

Cabe a nós, professores, ativarmos o dinamismo da sala de aula de forma a manter vivos, nas ações significativas de comunicação escolar, os gêneros que solicitamos aos nossos alunos produzirem. Isso pode ser feito tomando-se como base a experiência prévia dos alunos com os gêneros, em situações sociais que eles consideram significativas, ou explorando o desejo dos alunos de se envolverem em situações discursivas novas e particulares, ou ainda tornando vital para o interesse dos alunos o terreno discursivo que queremos convidá-los a explorar (Bazerman, 2021, p. 49-50).

Os alunos dialogam com os textos explicitados, pois assemelhavam-se às suas vivências no cotidiano, o que torna o processo acessível e motivador para a realização das práticas e inovações metodológicas. Tanto assim, que a partir dessas experiências, utilizou-se novos elementos de composição, novas formas de organizar e expor o texto, dispôs-se de novas possibilidades de interação de ordem visual e oral para ressignificar a leitura no contexto atual, implicações pedagógicas decorrentes dos princípios e objetivos que se almejava alcançar.

Na prática docente, a inovação metodológica é um ato necessário, pois qualquer mudança dentro do processo educacional que contribua para o ensino-aprendizagem de qualidade, é acolhedor.

Figura 5 – Momento da apresentação das crônicas em forma de narrativas visuais.



Fonte: Dados da pesquisa.

Assim, considerando o princípio de que não existe aula sem leitura, entende-se a necessidade de dar atenção aos textos lidos em sala de aula, sejam eles escritos, visuais ou orais, visando à construção e formação de um sujeito capaz de perceber a multiplicidade de usos e de funções a que a língua se presta, na variedade de situações em que acontece.

Sendo assim, os professores devem atribuir à leitura objetivos sólidos e consistentes para serem alcançados com os alunos; podem apontar caminhos alternativos de ensino, que contribuam efetivamente para o desenvolvimento da capacidade leitora, mediante as mais variadas modalidades de textos, com o intuito de ampliar a competência comunicativa do aluno para falar, ouvir, ler e escrever textos fluentes, adequados e socialmente relevantes. Não devem levar textos para que eles tomem conhecimento exclusivamente, de algum conteúdo do currículo, mas para que tenham a capacidade de entender e pensar criticamente acerca do assunto presente ali e ainda, analisar os conhecimentos de acordo com a realidade, para que sejam capazes de inferir nova percepção a partir do que fora apresentado no texto. Esses passos são importantes para a construção de um aprendizado significativo, dentro e fora do contexto escolar.

#### 4.4 RELATO E ANÁLISE DE APROFUNDAMENTO DA LEITURA

Na quarta sequência, selecionou-se a leitura da crônica “A Foto”, de Luís Fernando Veríssimo<sup>8</sup>. Proporcionou-se cópias físicas dos textos para assegurar a leitura em sala de aula, seguidas de reflexões e mediações para que a compreensão do gênero garantisse não somente uma boa leitura e interpretação, mas também, para que os educandos conduzissem de forma autônoma suas produções textuais vindouras, por intermédio das exposições realizadas ao longo das atividades desenvolvidas nas etapas anteriores. Essa atividade foi desenvolvida num período de 2 horas/aula.

Crônica: **A Foto**

Luís Fernando Veríssimo

Foi numa festa de família, dessas de fim de ano. Já que o bisavô estava morrendo, decidiram tirar uma fotografia de toda a família reunida, talvez pela última vez. A bisavó e o bisavô sentados, filhos, filhas, noras, genros e netos em volta, bisnetos na frente, esparramados pelo chão. Castelo, o dono da câmera, comandou a pose, depois tirou o olho do visor e ofereceu a câmera a quem ia tirar a fotografia. Mas quem ia tirar a fotografia?

– Tira você mesmo, ué.

– Ah, é? E eu não saí na foto?

O Castelo era o genro mais velho. O primeiro genro. O que sustentava os velhos. Tinha que estar na fotografia.

– Tiro eu – disse o marido da Bitinha.

– Você fica aqui – comandou a Bitinha.

Havia uma certa resistência ao marido da Bitinha na família. A Bitinha, orgulhosa, insistia para que o marido reagisse. “Não deixa eles te humilharem, Mário Cesar”, dizia sempre. O Mário Cesar ficou firme onde estava, do lado da mulher. A própria Bitinha fez a sugestão maldosa:

– Acho que quem deve tirar é o Dudu...

O Dudu era o filho mais novo de Andradina, uma das noras, casada com o Luiz Olavo. Havia a suspeita, nunca claramente anunciada, de que não fosse o filho do Luiz Olavo.

O Dudu se prontificou a tirar a fotografia, mas Andradina segurou o filho.

– Só faltava essa, o Dudu não sair.

E agora?

– Pô, Castelo. Você disse que essa câmara só faltava falar. E não tem nem timer!

O Castelo impávido. Tinham ciúmes dele. Porque ele tinha um Santana do ano. Porque comprara a câmara num duty free da Europa. Aliás, o apelido dele entre os outros era “Dutifri”, mas ele não sabia.

– Revezamento – sugeriu alguém – Cada genro bate uma foto em que ele não aparece, e...

A ideia foi sepultada em protestos. Tinha que ser toda a família reunida em volta da bisavó. Foi quando o próprio bisavô se ergueu, caminhou decididamente até o Castelo e arrancou a câmara da sua mão.

– Dá aqui.

– Mas seu Domício...

– Vai pra lá e fica quieto.

– Papai, o senhor tem que sair na foto. Senão não tem sentido!

– Eu fico implícito – disse o velho, já com o olho no visor. E antes que houvesse mais protestos, acionou a câmara, tirou a foto e foi dormir (Veríssimo, 2010).

<sup>8</sup> Disponível em: <https://armazemdetexto.blogspot>.

Para esse momento de atividade, recorreu-se à leitura, compreensão e interpretação textual, quando se dirigiu aos alunos alguns pontos de reflexão para entenderem melhor a crônica:

01. Você costuma tirar fotos em família?
02. Você considera importante registrar esses momentos?
03. Você se recorda de alguma situação em que tirou uma foto e guardou como forma de recordação? Se sim, compartilhe oralmente.
04. Na sua família, há álbum de fotos ou você utiliza mídia digital?
05. Qual sua opinião sobre a utilização de mídias digitais como armazenamento dos álbuns de fotografias?
06. Na crônica, os personagens decidem tirar de toda a família. Por quê?
07. Você considera a situação engraçada, embaraçosa ou conflituosa? Justifique.
08. Leia as informações a seguir sobre o narrador da crônica e indique a alternativa correta. Que elementos do texto permitem justificar a sua resposta?
  - I – O narrador, em 1ª pessoa, é Castelo, portanto o texto é um relato pessoal dele.
  - II – O narrador, em 3ª pessoa, apenas relata o que observa na reunião de família.
  - III – O narrador, em 1ª pessoa, é Domício e conta tudo com distanciamento.
  - IV – O narrador, em 3ª pessoa, conhece conflitos da família de Domício.
  - a) Somente a afirmação I é correta.
  - b) Somente a afirmação III é correta.
  - c) Somente a afirmação IV é correta.
  - d) As afirmativas II e IV estão corretas.
09. No texto, não há menção a datas, contudo é possível reconhecer a época em que a história está ambientada.
  - a) Em que época a história se passa?
  - b) O que permite essa constatação?
10. Tirar foto da família de seu Domício gerou um problema.
  - a) Qual?
  - b) Se a foto simboliza toda a família, o que esse problema representa?
11. Se você fizesse parte dessa família, resolveria o problema de outra forma? Qual?
12. Quais palavras utilizadas no texto não são conhecidas? Pesquise o significado.
13. Qual o tema do texto?
14. Onde se passa a narrativa?
15. Qual a linguagem predominante?
  - a) formal    b) informal
16. A leitura do boxe sobre interjeição, permite afirmar que nem toda interjeição vem acompanhada do ponto de exclamação. Observe o trecho:
  - a) Com base nessa explicação, identifique a interjeição que se encaixa nessa afirmação.
  - b) No contexto, que sentimento é expresso por essa interjeição?

Tal como nos textos anteriores, os alunos notaram que o tema abordado estava relacionado às práticas e situações cotidianas. Assim, além de enfatizar a estrutura e elementos narrativos, observou-se os elementos gramaticais, tais como pontuação, ortografia, concordância verbal, os recursos linguísticos, se havia coerência e coesão para se alcançar o resultado de uma boa produção. Por isso, foi preciso apresentar incisivamente, vários textos no decorrer das etapas para viabilizar os objetivos do

projeto. Por essa razão, recorreu-se a uma atividade interpretativa mais longa para abordar critérios essenciais para a produção textual.

Para encerrar essa sequência, realizou-se a retomada da abordagem do gênero crônica sua estrutura, características, finalidade e contexto para que os alunos tivessem uma compreensão mais solidificada do gênero.

#### 4.5 RELATO E ANÁLISE DA PRODUÇÃO ESCRITA DO GÊNERO CRÔNICA

Dentro desse prosseguimento, o grupo de *whatsapp* mais uma vez foi acionado para manter as orientações, correções necessárias e esclarecer possíveis dúvidas, pois as atividades seriam postadas no *feed* da turma no *Instagram*, incluindo algumas produções textuais. Circunstancialmente, fez-se uso de horas extracurriculares, pois os contatos eram constantes. Em sala de aula, reforçou-se as orientações de teor mais específico/particular e correções para que todos tivessem a mesma oportunidade e tratamento.

Esse momento de estudo teve um tempo estimado de 10 horas/aula, sendo que cada uma era correspondente a 48 minutos. Foi solicitado aos alunos uma produção textual do gênero crônica a partir dos conteúdos estudados nas aulas antecedentes. Os estudantes foram orientados a relatarem, de forma breve, um acontecimento simples da vida diária, um fato, um elemento/fenômeno da natureza, ou até mesmo uma situação imaginária, observando cada aspecto estudado e discutido em sala de aula. Para tanto, foi repassado que, para uma boa produção era necessário planejar a escrita do texto, considerando sua finalidade – buscar nos acontecimentos diários, a temática, envolver-se neles e descobrir suas belezas – e leitor que se quer atingir. Segundo Antunes (2023, p. 26), referindo-se “às atividades em torno da escrita, ainda pode constatar: a prática de escrever sem função, sem valor interativo, sem autoria e sem recepção, apenas para “exercitar”<sup>9</sup>, porque assim, não se estabelece a relação pretendida entre a linguagem e o mundo, entre o autor e o leitor do texto.

Desse modo, compreende-se que a prática da escrita, vinculada aos contextos comunicativos, aproxima os alunos daquilo que eles fazem naturalmente, porque interagem com aspectos extra e intratextuais, com outros assuntos, que também

---

<sup>9</sup> A autora aqui mencionada analisou as propostas de produção de texto de alguns livros didáticos e constatou que somente muito poucas delas cuidam de levar em conta os fatores interativos no ato de escrever um texto.

possuem unidade, começo, meio e fim, por meio do que expressam sentidos e intenções.

Para Antunes (2023), por incrível que pareça, ainda há na escola profissionais que “exercitam” a linguagem ao contrário, aquela linguagem que não diz muito ou quase nada. Nessa linguagem vazia os princípios básicos da textualidade são violados, porque o que muitas vezes, é ensinado, fragmenta o conhecimento, sem qualquer perspectiva de ordem ou de progressão, e sem responder a qualquer tipo particular de contexto social.

Toda atividade exige planejamento e revisão. Assim, Antunes (2003) propõe que

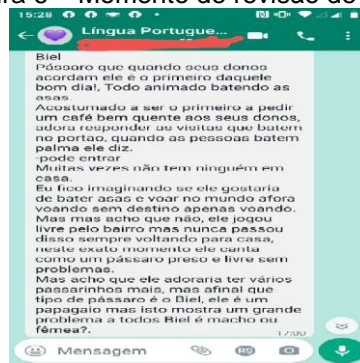
[...] se viva com o aluno uma escrita suficientemente motivada, que seja resultado de um estado de “querer dizer” o que se tem a dizer. Esse estado levará o aluno a pensar, criar, planejar, escrever, rever e refazer o texto, tal como a escrita madura prevê (Antunes, 2003, p. 153).

Então, para essa autora todas as reformulações seriam justificadas com base na estrutura da língua e nas convenções sociais, estabelecidas para o gênero particular do ato verbal em questão. Ainda a título de ilustração, a autora sugere que,

[...] “o fazer” da produção de texto seja objeto de ensino, o que significa dizer que seja matéria de aula. Ou seja, discussões sobre como “escrever um texto” não podem ocorrer na sala de aula apenas eventualmente, por acaso. Elas devem ser “o normal” da sala de aula, o esperado, cada dia, cada vez que se torna relevante (Antunes, 2003, p. 152).

Nesse trabalho de produção, o professor deve valorizar e estimular cada tentativa, cada conquista do aluno, validando esse momento, a construção de uma autoestima elevada, responsável, agora e sempre, pela disposição de falar e escrever, mesmo sob o risco da incompletude e da imperfeição. A troca de experiência nesse processo é um recurso altamente favorável.

Figura 6 – Momento de revisão de texto.



Fonte: Dados da pesquisa.

Nessa perspectiva, os discentes foram conduzidos durante a produção, a atentarem-se à ação de leitura desenvolvida, pois como afirma Antunes (2003, p. 67): a “atividade de leitura completa a atividade da produção da escrita”. Portanto, como sujeitos interacionistas, os alunos atuaram participativamente, buscando interpretar e compreender o conteúdo e as intenções pretendidas.

O texto intitulado “Biel”, na figura 6, apresenta implicações em que a professora deve intervir para que o trabalho com a escrita se enquadre dentro do padrão social em que o gênero circula. Percebe-se que alguns ajustes são necessários, pois não é somente a gramática que determina se o texto está bom ou não, mas as regras sociais presentes nos espaços de circulação do texto também definem sua qualidade.

Para Antunes (2003, p. 64), todas as providências devem ser tomadas para que os alunos tenham as necessárias condições de tempo e planejamento para construir seus textos. A autora diz que:

Os textos devem ser devidamente planejados, escritos e revisados, de maneira que a primeira versão tenha sempre um caráter de produção provisória, e os alunos possam viver, como coisa natural, a experiência de fazer e refazer seus textos, tantas vezes sejam necessárias, assim como fazem aqueles que se preocupam com a qualidade do que escreve essa revisão. Talvez seja preferível que os alunos escrevam menos, mas que possam revisar seus textos, até mais de uma vez, tornando-se essa revisão, assim, um hábito já previsto nas atividades escolares (Antunes, 2003, p. 64-65).

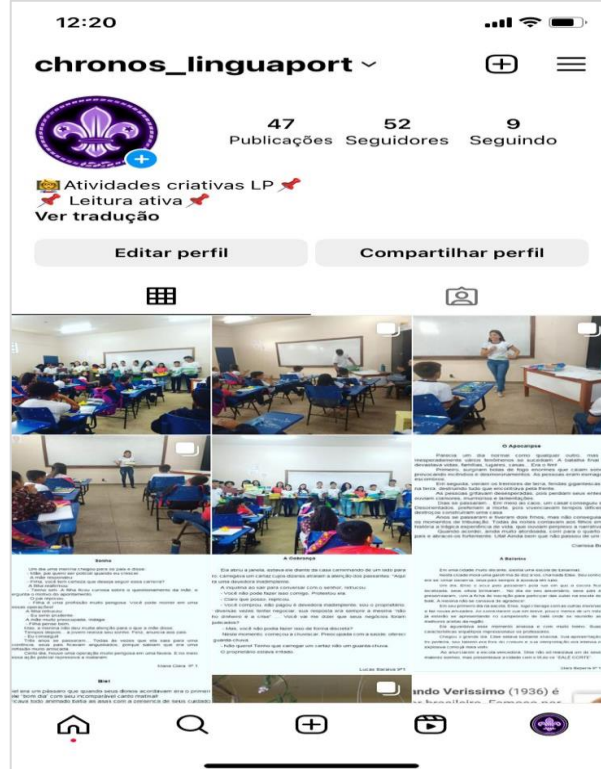
As produções dos alunos foram lidas, revisadas, reescritas e relidas para aproximar a etapa ao máximo, da meta e finalidade proposta. Todo o processo de revisão serviu para desfazer os possíveis equívocos sobre o resultado e dar qualidade ao texto.

Vale salientar, que as produções textuais foram realizadas individualmente, colocando em prática os conteúdos estudados. Assim sendo, os alunos narraram de forma breve, um acontecimento simplório, observando as características e selecionando os recursos linguísticos adequados à situação comunicativa. Os aspectos relevantes e essenciais para sua escrita, como personagens, enredos, ambiente, espaço, narrador, linguagem informal, foram discutidos. Além disso, pediu-se que o texto escrito fosse elaborado contendo no mínimo, 3 parágrafos e no máximo, 5. Sequencialmente, as atividades foram incluídas em uma pasta, arquivadas para serem apresentadas quando necessário, como resultado da pesquisa.



A correção e revisão das crônicas foram desempenhadas pela professora – considerando os elementos linguísticos (coerência e coesão) e elementos estruturais. Após realizar as interferências, recomendou-se a reescrita da versão final das crônicas para a publicação na página da turma no *Instagram*, criada exclusivamente para expor os resultados das atividades desenvolvidas ao longo da proposta didática (Figura 7). Os alunos desenvolveram as etapas como pré-estabelecidas. O contato com os vários textos no decorrer do trabalho desenvolvido, facilitou não somente a prática da leitura, mas sobretudo, contribuiu para o aprimoramento dos conhecimentos em torno da produção textual.

Figura 7– *Feed do Instagram da turma do 9º ano “1”.*



Fonte: Dados da pesquisa.

## 5 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Ao se discutir os resultados da trajetória percorrida pelos alunos no estudo, a partir do uso do gênero crônica como instrumento de incentivo à leitura para os alunos do 9º ano “1” do Ensino Fundamental II, verificou-se que as diversas práticas didático-pedagógicas e os recursos metodológicos contribuíram de maneira relevante para o desenvolvimento tanto da atividade de leitura quanto da escrita do gênero, para torná-los realizáveis; isso foi potencializado pela aplicação de um questionário que teve como intuito permitir uma percepção quanto ao contexto extra-escolar de cada estudante.

Dado o exposto, a presente seção apresenta os resultados produzidos pelos alunos ao longo da aplicação da proposta, bem como as discussões instaladas, por sua vez, originárias das ações efetivadas, tal como os recursos utilizados nas produções.

Aqui, vale ressaltar a problemática da pesquisa. Tendo em vista que por muitas vezes, as aulas de leitura não privilegiam práticas leitoras distintas, dificultando o desenvolvimento de habilidades, conhecimentos, criticidade, autonomia e protagonismo na vida social, de que forma a leitura a partir do gênero crônica, pode se tornar um hábito frequente numa turma de 9º ano do Ensino Fundamental II?

Pensando nisso, esta pesquisa usou algumas crônicas para motivar a prática leitora, entremeadas por uma proposta de aplicação didática que privilegia ações distintas. Dessa forma, os textos selecionados foram divididos em duas etapas: na primeira, as crônicas para leitura ocorreram por indicação dos estudantes (ver o subtópico 2.6.1.1); e a segunda etapa transcorreu por indicação da pesquisadora.

São aqui apresentados alguns exemplos das crônicas utilizadas para explorar a prática leitora e orientar as produções textuais dos alunos (Quadro 3).

Quadro 3 – Exemplos de textos selecionados pela professora regente

Tire fotos, muitas fotos!	Deusa Urbana
A outra noite	Rubem Braga
A foto	Luís Fernando Veríssimo

Fonte: Dado da pesquisa.

A partir desta reflexão introdutória da pesquisa, aplicou-se, por meio de uma proposta didático-pedagógica, ações consideradas como boas práticas ou práticas

interativas. Nesse sentido, mediante a participação dos alunos durante a aplicação e realização das atividades, compreende-se que, embora alguns tenham demonstrado desinteresse e outros, dificuldades no desenvolvimento de algumas tarefas, o resultado final considera-se como satisfatório, assim explicitados em seções subsequentes.

## 5.1 ATIVIDADE EXTRACLASSE

Iniciou-se a proposição distribuindo uma atividade para ser realizada em dupla e extraclasse, com cada uma recebendo orientações para a pesquisa, que deveria redundar na seleção de duas crônicas para leitura em sala de aula.

A circunstância foi considerada favorável para que os estudantes tivessem a liberdade de escolha quanto à temática. Ininterruptamente, foram realizadas as leituras dos textos eletivos em sala de aula, permeados por algumas reflexões, pois o respeito à liberdade de escolha proporcionou autonomia, autodeterminação, espontaneidade e intencionalidade. Paralelamente, foi criado um instante de reflexão pré-textual acerca do conhecimento e visão de mundo desses alunos, com referência ao tema retratado pelos autores dos textos. As duplas apresentaram para a turma, por meio de leitura, o texto escolhido, momento em que se direcionou questionamentos e reflexões de forma mais específica, sobre os mesmos. Houve bons apontamentos e posicionamentos. Os alunos opinaram em relação à temática, e foi notório que o encontro entre o universo do gênero crônica com as experiências cotidianas proporcionou as participações e contribuiu para minimizarem os espaços entre as informações concretas e abstratas ou as incógnitas entre o dito e o não dito no texto.

Os questionamentos foram mediados pela professora pesquisadora e tinham o intuito de levá-los a perceber claramente que os assuntos tratados nos textos estavam conectados a questões do cotidiano. Todos os textos indicados pelas duplas foram expostos e comentados pela turma.

Para validar os resultados a partir das práticas desenvolvidas no decorrer da pesquisa, decidiu-se por aplicar um questionário para conhecer as opiniões dos estudantes em relação às ações didático-pedagógicas e pessoais. Na ocasião, um discente havia se ausentado por questões de saúde. Assim, dos vinte alunos que compõem a turma, 19 responderam. No critério leitura do gênero crônica, obteve-se resultado ora exposto.

A partir desse estudo, os alunos perceberam alguns traços importantes quanto ao gênero do texto, como, por exemplo: a reflexão sobre fatos do cotidiano, que ganha um valor expressivo de acordo com o ponto de vista do autor, desconstruindo, muitas vezes, a “acidez” protagonizada pelas atitudes, comportamentos, pensamentos, ideias, julgamentos humanos, sob uma ótica mais leve e reflexiva. Esse caráter analítico, crítico e contemplativo que o gênero crônica tem a respeito da vida aproxima autor, texto e leitor.

Através das discussões e reflexões, os discentes elucidaram a verossimilhança narrativa, pois notaram que se assemelha ao que ocorre na realidade; que às vezes, nem precisa ser real. Basta ser possível e respeitar uma lógica interna. O texto, por exemplo, “Tire fotos, muitas fotos!”, da autora Deusa Urbana, que retrata questões atreladas à beleza, gerou profundos questionamentos, a depender do ponto de vista. Esse texto busca aclarar e minimizar comportamentos humanos que se encontram atados a uma ideologia estruturada em uma rede mercantilista, causando sentimentos de inferioridade e baixa autoestima, de invalidação, de falta de aceitação e negação, que, atualmente, estão muito associados ao corpo e sua forma. Diante dessas meditações, o texto considera válidos vários aspectos, principalmente, os valores intrínsecos que, muitas vezes, não são visíveis aos olhos humanos.

Ao se discutir e analisar o tema tratado dentro do texto, as percepções foram ressignificadas pelos alunos. Apresenta-se assim, um dos textos selecionados pelos alunos.

### **Brincadeira**

Luís Fernando Veríssimo (1995).

Começou como uma brincadeira. Telefonou para um conhecido e disse:

- Eu sei de tudo.

Depois de um silêncio, o outro disse:

- Como é que você soube?

- Não interessa. Sei de tudo.

- Me faz um favor. Não espalha.

- Vou pensar.

- Por amor de Deus.

- Está bem. Mas olhe lá, hein?

Descobriu que tinha poder sobre as pessoas.

- Sei de tudo.

- Co-Como?

- Sei de tudo.

- Tudo o quê?

- Você sabe.

- Mas é impossível. Como é que você descobriu?

A reação das pessoas variava. Algumas perguntavam em seguida:

- Alguém mais sabe?

Outras se tornavam agressivas:

- Está bem, você sabe. E daí?
- Daí nada. Só queria que você soubesse que eu sei.
- Se você contar para alguém, eu...
- Depende de você.
- De mim, como?
- Se você andar na linha, eu não conto.
- Certo.

Uma vez, parecia ter encontrado um inocente.

- Eu sei de tudo.
- Tudo o quê?
- Você sabe.
- Não sei. O que é que você sabe?
- Não se faz de inocente.
- Mas eu realmente não sei.
- Vem com essa.
- Você não sabe de nada.
- Ah, quer dizer que existe alguma coisa pra saber, mas eu é que não sei o que é?
- Não existe nada.
- Olha que eu vou espalhar...
- Pode espalhar que é mentira.
- Como é que você sabe o que eu vou espalhar?
- Qualquer coisa que você espalhar será mentira.
- Está bem. Vou espalhar.

Mas dali a pouco veio um telefonema.

- Escute. Estive pensando melhor. Não espalha nada sobre nada daquilo.
- Aquilo o quê?
- Você sabe.

Passou a ser temido e respeitado. Volta e meia alguém se aproximava dele e sussurrava:

- Você contou para alguém?
- Ainda não.
- Puxa. Obrigado.

Com o tempo, ganhou uma reputação. Era de confiança. Um dia, foi procurado por um amigo com uma oferta de emprego. O salário era enorme.

- Por que eu? – quis saber.
- A posição é de muita responsabilidade – disse o amigo. – Recomendei você.
- Por quê?
- Pela sua discrição.

Subiu na vida. Dele se dizia que sabia tudo sobre todos, mas nunca abria a boca para falar de ninguém. Além de bem-informado, um gentleman. Até que recebeu um telefonema. Uma voz misteriosa que disse:

- Sei de tudo.
- Co-Como?
- Sei de tudo.
- Tudo o quê?
- Você sabe.

Resolveu desaparecer. Mudou-se de cidade. Os amigos estranharam o seu desaparecimento repentino. Investigara. O que ele estaria tramando? Finalmente foi descoberto numa praia remota. Os vizinhos contam que em uma noite vieram muitos carros e cercaram a casa. Várias pessoas entraram na casa. Ouviram-se gritos. Os vizinhos contam que mais se ouvia era a dele, gritando:

- Era brincadeira! Era brincadeira!

Foi descoberto de manhã, assassinado. O crime nunca foi desvendado. Mas as pessoas que o conheciam não têm dúvidas sobre o motivo. Sabia demais.

Durante as discussões das crônicas, foi observado que os alunos demonstraram interesse em relação à temática. Com isso, foram elencadas várias ações, iniciando com questionamentos informais, seguidos de leituras silenciosas, orais, individuais, coletivas e, por conseguinte, das interpretações escritas sobre os textos lidos. No caso da crônica intitulada “Brincadeira”, de Luís Fernando Veríssimo, que integra o livro *Comédia da Vida Privada* (1999), o tema está ligado à arte de brincar e pregar uma peça em alguém, muito bem retratada no texto, mas essa atitude também pode ser perigosa, porque muitas pessoas levam as brincadeiras muito a sério. E dependendo da interpretação que se tem, pode desencadear atitudes negativas e, às vezes, conflituosas.

As discussões apontaram novas temáticas, como o *bullying*, que é uma intimidação muito comum em sala de aula, feita de modo repetitivo e intencional, que ocorre sem motivação evidente, as quais muitas vezes, são alegadas como “brincadeiras”. No entanto, é ato continuado, praticado por indivíduo ou grupo, contra uma ou mais pessoas, com o objetivo de constranger ou agredir, causando dor e angústia a quem se dirige, neste caso, uma vítima. Para muitos, pode parecer brincadeira, mas para quem se sente encurralado, é embaraçoso, isso porque não se brinca com a dor do outro.

As reflexões sobre o texto seguiam o fluxo e foi apontado que todo texto narrativo apresenta um personagem principal, ao qual se dá o nome de protagonista. E quando um personagem secundário se opõe às ações e aos interesses daquele que exerce o papel principal, é chamado de antagonista.

O início do texto mostra que o protagonista descobriu que tinha poder sobre as pessoas e que essas mesmas pessoas tinham medo de que seus segredos fossem descobertos. O protagonista adota uma postura de impostor, porque finge saber o que não sabe. As vítimas, mais do que com a própria verdade, se preocupam com o que as pessoas vão pensar ou dizer aos seus respeitos e, a partir dessa suposta informação sigilosa, aquele que as está molestando passa a ter poder sobre elas. Contudo, no momento em que ele se torna vítima de sua própria “brincadeira”, a pessoa que diz conhecer o segredo do protagonista é quem passa a ter poder sobre ele que, assustado, se esconde, e depois é encontrado morto. Surgem as hipóteses sobre quem o teria matado. Suspeitam de que poderia ter sido uma de suas vítimas, por imaginarem que seu desaparecimento estaria ligado ao fato de estar planejando algo que as comprometessem. Outra possibilidade é que o assassino do protagonista

o teria matado porque de fato, uma das vítimas estaria envolvida com algo ilegal e não queria correr o risco de ser chantageada ou revelada.

Contudo, o texto não revela o nome dos personagens, considerando que a história narra uma trama que joga com informação e poder, o que motiva a ocultação dos personagens para sugerir chantagem e segredo entre as vítimas e o protagonista. O texto revela a presença da ironia, porque desde o início, o protagonista não sabia de nada, mas sua “brincadeira” o levou à morte.

O texto propõe uma reflexão sobre atitudes e comportamentos indevidos, pois se pode gerar com eles problemas irreversíveis nas vidas dos sujeitos, no entanto, são necessárias atitudes mais fraternas e empáticas. Além disso, também foram sintetizadas as ideias principais do texto, uma delas sobre a condição de alguém possuir informações exclusivas, e de usar isso para exercer poder sobre outro indivíduo. As pessoas geralmente, guardam algum tipo de segredo que as comprometem socialmente. A sociedade se organiza a partir de um jogo de aparências, de falsos papéis sociais. Nesse jogo, a falsidade vale mais do que qualquer verdade.

O gênero crônica suscita esse e outros tipos de reflexões, quando utilizado para fins interpretativos. Daí, a importância de um planejamento que desenvolva, por exemplo, uma prática leitora por meio de uma abordagem criativa e estratégica de recepção ativa do texto. Esse é o objetivo principal da pesquisa, pois se utiliza do uso do gênero crônica como instrumento de incentivo à leitura.

Assim, diante desse propósito, foram feitas reflexões após cada leitura e apresentou-se as características do gênero crônica para que as próximas atividades fossem realizadas com maior apropriação, já que seus objetivos também estão atrelados à compreensão e reflexão de mundo, articulação, comunicação oral e escrita. A aplicação desta proposta de aplicação didática favoreceu o uso de procedimentos práticos e inovadores, apoiando-se em seus conhecimentos prévios, pois ao considerar esses aspectos, foi perceptível que os alunos demonstravam evolução nas atividades.

Delinear o estudo sobre a compreensão dos textos e dos elementos peculiares que compõem o gênero foi importante para que os alunos se sentissem não somente estimulados à leitura, mas também que se apoiassem em seus conhecimentos prévios como ferramenta para a produção escrita, configurada conforme os parâmetros fundamentais da criação do produto. Embora a produção textual não fosse o interesse

principal da pesquisa, é válido destacar que as leituras motivadoras concederam apoio à escrita, no sentido de fomentarem o desenvolvimento desta modalidade sobre as condições de produção e recepção do gênero. Como afirma Antunes (2003, p. 115), é importante exercitar a escrita que contextualiza, que faz sentido porque fala de quem escreve e de seu mundo. Para a autora, a escrita deve simbolizar o mundo da experiência ou da fantasia dos alunos.

## 5.2 NARRATIVA VISUAL: CRÔNICA NA CAIXA

No quesito procedimentos práticos e inovadores, a prática docente foi apoiada em ações com inserção de ferramentas tecnológicas, considerando a condição de uso dos estudantes, já que alguns apetrechos midiáticos fazem parte do seu cotidiano. Além disso, integrou-se atividades práticas de natureza incomum e atípicas, com o propósito de despertar o interesse e a curiosidade dos envolvidos no projeto, na tentativa de assegurar os objetivos delineados, visto que muitas práticas didáticas se resumem em metodologias estáticas e inertes.

Contrariamente à inércia, a atividade foi realizada a partir da seleção de um dos textos lidos em sala de aula. Posteriormente, os alunos foram direcionados a engendrarem, em forma de maquete, o enredo da narrativa. Sequencialmente, norteados a apresentarem o resultado do trabalho para a turma, serviram-se da comunicação oral na situação sociocomunicativa, pois acredita-se que desfrutar de práxis ativa integra, desinibe e promove aprendizado entre os indivíduos, por socializarem e compartilharem suas experiências adquiridas durante o processo de construção do conhecimento.

Já se foram 17 anos de magistério, tempo suficiente para poder observar que a maioria dos alunos se sentem desconfortáveis e estáticos quando colocados em situações em que devem transferir, argumentar, apresentar oralmente um determinado assunto. Acredita-se que a ausência de exercício que consolide a atitude de natureza ativa prejudica o desenvolvimento de uma boa articulação e oratória. É preciso criar oportunidades adequadas para que os alunos sejam cada vez mais, comunicativos, sociáveis, críticos e atuantes, seja qual for a situação sociocomunicativa.

A produção da figura 8, com o título “Conexão”, expressa as relações afetivas por intermédio do uso das redes sociais. Atualmente, o uso das redes sociais tem sido



constante, frenético e bem corriqueiro. Foi essa situação que motivou a estudante a narrar fatos cotidianos que, por seu turno, levou a refletir sobre as influências das redes sociais nos relacionamentos. Essa nova possibilidade de relacionamentos, como “paquera” ou namoro virtual, tem dividido opiniões, pois, enquanto para uns indivíduos pode se apresentar como algo benéfico, para outros, as experiências podem ser maléficas.

Nesse sentido, a temática tece uma análise crítica sobre o assunto, porque algumas pessoas podem não ser quem elas dizem ser, induzindo os jovens, por exemplo, a acreditarem que estão interagindo com alguém confiável, enquanto não passam de predadores sexuais, pedófilos, abusadores, assediadores morais ou abusadores emocionais.

O resultado dessa produção foi bem instigante e reflexivo, pois os alunos inferiram, no decorrer das discussões, posicionamentos, tais como: é certo que nem todos que encontram *on-line* terão intenções boas. Por motivo de segurança, é importante manter certas informações pessoais sigilosas para não se incorrer no risco de acreditar em algo que não é verdade.

A temática proposta pela produção do gênero crônica dialoga com os temas transversais, pois permite fazer conexão com experiências vivenciadas pelos estudantes em sua realidade, além de aproximar circunstancialmente os contextos e situações ligadas à contemporaneidade e aos objetos de conhecimento descritos na BNCC (2018).

Com a abordagem socioafetiva, tem-se a narrativa visual apresentada na figura 8.

Figura 8 – Resultado do trabalho narrativa visual: crônica na caixa.



Fonte: Dados da pesquisa.

A princípio, os estudantes se apresentaram timidamente, porém, ao final das apresentações em sala de aula, aproveitou-se para abrir diálogos a respeito de momentos de insegurança, que às vezes a vida coloca. Tentou-se criar vínculos de apoio para que barreiras como essas fossem vencidas, dia após dia. Abordou-se sobre a importância de serem indivíduos determinados diante daquilo a que se propõem fazer, mesmo que as circunstâncias os deixem retraídos ou inibidos.

Outro assunto considerado significativo, foi exaltar a importância da empatia para com o próximo, principalmente com os colegas que se prontificaram a expor o resultado de seus trabalhos, em que ninguém “vire alvo” de chacota e zombaria por nenhum membro da turma; que a atitude seja de acolhimento num momento em que para muitos é um verdadeiro desafio, pois expor a opinião ou apresentar trabalho resulta em um mix de emoção (medo, nervosismo, timidez, insegurança), provocado, muitas vezes, por risos ou gestos inadequados, originados dentro da sala de aula. O resultado desse diálogo foi bastante pertinente porque gerou conforto e segurança durante os trabalhos apresentados pelos alunos.

Essa abordagem foi necessária, já que a “aventura” estava apenas iniciando e outras etapas ainda estavam por vir. Esclarecer algumas regras de conduta e comportamento tornou o ambiente amistoso e propício para o desenvolvimento das atividades predeterminadas.

### 5.3 LINGUAGEM VISUAL: CRÔNICA IMAGÉTICA

Na sequência, os alunos produziram uma crônica narrativa imagética. A atividade foi desenvolvida com os alunos, que desenharam o enredo em cartolinas e apresentaram para a turma, também em forma de exposição. Nesse momento, a turma já se posicionava e articulava de forma mais tranquila, pois o diálogo ocorrido na etapa anterior, sobre a empatia, havia surtido efeito muito positivo. Ao final de cada etapa, recorreu-se aos questionamentos sobre os temas abordados para melhor compreensão e reflexão sobre o mundo à sua volta.

Esse estudo foi concretizado por meio da produção de imagem, motivada pelas leituras literárias e interpretação da mensagem do texto, por sua vez, selecionado na sequência didática 2.6.1.1. Os alunos optaram por um dos textos e os transformaram em narrativas visuais, já que cada dupla havia escolhido duas crônicas para leituras, criando desenhos, pinturas e imagens em cartolinas.

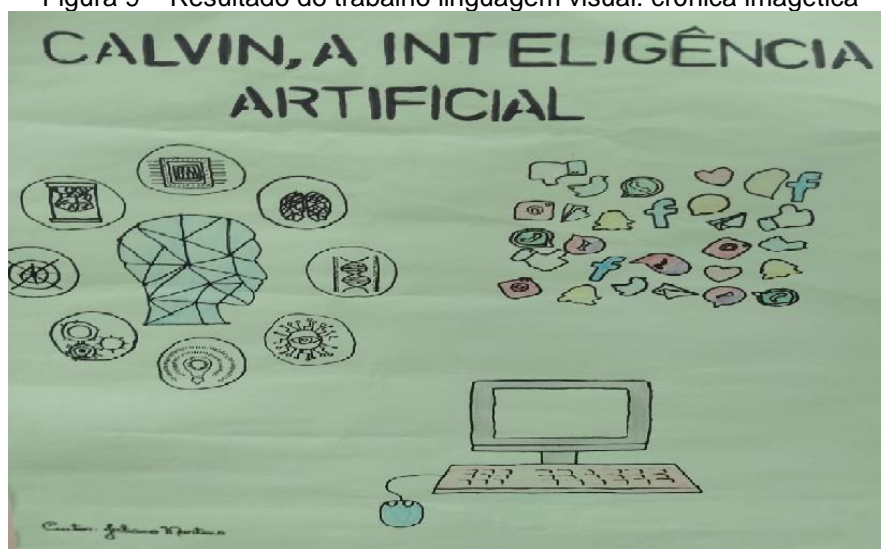
Nesta produção comunicativa, os estudantes consideraram o enredo da narrativa, os personagens, o tempo, o espaço e a ordem dos fatos relatados no discurso. Um exemplo de texto selecionado foi a crônica intitulada “Calvin, A Inteligência Artificial”, de Juliano Martinz, que aponta o futuro sendo dominado por robôs, com o esfriamento dos sentimentos e reflexões sobre a existência humana.

Após a confecção do material, os alunos apresentaram para turma o resultado do trabalho da linguagem visual como forma de representação comunicativa. Nessa ocasião, os alunos conseguiram exprimir e demonstrar a fertilidade de sua imaginação a partir da construção e materialização da imagem conceituada como elemento artístico e literário, mantendo relação dinâmica entre os dois códigos de pensamento e de comunicação: o imagético e o verbal.

Assim, pode-se dizer que o pensamento é originalmente imagético que permite ser traduzido, transcodificado e expresso por meio de palavras para comunicá-lo a outrem ou a si, e para refletir sobre o mesmo e o mundo.

A dimensão imagética diz respeito a muitos aspectos da atividade humana: orientação, movimento, equilíbrio, forma etc. Suas estruturas refletem as percepções de percurso, dimensão/conteúdo, parte/todo, ligação, centro, entorno, em cima, em baixo, frente, trás, entre outros, tal como na figura 9.

Figura 9 – Resultado do trabalho linguagem visual: crônica imagética



Fonte: Arquivo da pesquisa.

A leitura é realizada por interpretações de imagens, exercício que oportuniza a capacidade de desenvolver o raciocínio e conseqüentemente a visão crítica diante das inúmeras situações ao redor. Na figura 9, a crônica “Calvin, A Inteligência Artificial”

reconhece os temas contemporâneos transversais como relevantes para a atuação do indivíduo em sociedade, permite ao estudante contextualizar o uso das tecnologias digitais, pois atualmente são ferramentas vividas intensamente no dia a dia, posto que influenciam e são influenciadas, pois estão cada vez mais, presentes na sociedade atual.

Assim, vale ressaltar que as imagens, nessa proposta de produção, estimulam os estudantes a aprenderem a ler, interpretar o mundo a sua volta e a posicionarem-se criticamente sobre a sua realidade.

#### 5.4 ESQUADRINHANDO A LEITURA

O resultado da aplicação de forma aprofundada, da leitura da crônica intitulada “A Foto”, de Luís Fernando Veríssimo, foi baseado nas reflexões pré e pós-textuais, pois, como se mencionou no item 3.4, considera-se importantes para uma melhor fixação e compreensão do resultado que se pretende atingir. Definiu-se os elementos principais do gênero para que os alunos produzissem de forma autônoma suas futuras produções. Essa aplicação foi realizada em sala de aula, onde os alunos receberam a cópia física do texto para que a ação fosse efetivada com maior participação tanto na leitura quanto nas questões escritas.

Nesse momento, foram realizados alguns treinamentos específicos, como: reflexões proporcionadas a partir da leitura do gênero crônica; interpretação e compreensão do texto; disponibilizou-se o dicionário de língua portuguesa para dirimir eventuais dúvidas vocabulares; pesquisou-se sobre a vida do autor do texto; foram esmiuçados os elementos narrativos; tudo em nome de uma compreensão minuciosa.

Vale ressaltar que em cada entrega e dedicação, mediante as atividades desenvolvidas, o intento era o de melhoria da aprendizagem dos estudantes nos aspectos definidos em cada etapa do processo, para que o aperfeiçoamento da leitura ultrapassasse a aquisição da decodificação, aprimorasse a compreensão, interpretação e retenção<sup>10</sup> desse conhecimento e, conseqüentemente, o uso da língua escrita como prática social.

#### 5.5 PRODUÇÃO DO GÊNERO CRÔNICA

---

<sup>10</sup> A retenção exige que o leitor, após cada leitura ou leituras do texto, seja capaz de reter as informações os conhecimentos ou ensinamentos apresentados.

Não se pode negar que a escrita é um processo árduo, principalmente quando a leitura não está tão afinada. Mas, torna-se ainda mais dolorosa quando não se sabe o que escrever, nem como e para quem. Nessa condição, a atividade corre o risco de ser ineficaz pela falta de referência, isso tendo em conta a sua diversidade de uso, pois a leitura realiza funções comunicativas socialmente específicas, relevantes ou que se pretendem cumprir.

Nesse sentido, recorre-se a várias leituras motivadoras, como se fez com os textos trabalhados: “Tire fotos, muitas fotos”, de Deusa Urbana (subtópico 3.1); “A outra noite”, de Rubem Braga (subtópico 3.1); “A foto”, de Luís Fernando Veríssimo (subtópico 3.4), entre outras crônicas, para que os alunos tivessem referências para exercitarem suas produções escritas nos moldes propostos pela pesquisa.

Embora a produção de texto não tenha ligação explícita com o tema do projeto, mas com a prática de leitura, a atividade foi realizada repetitivas vezes para que a reflexão e compreensão para enriquecer a familiaridade e contato com outras leituras ajudassem na construção desse conhecimento.

Apesar das tarefas de leituras terem sido amiúde pelas etapas de aplicação das propostas desenvolvidas, os alunos ainda enfrentaram grandes desafios na organização da produção textual, quando se observou que na versão inicial da criação, surgiram inúmeros critérios a serem melhorados, treinados e exercitados, como: a estrutura do texto, problemas de paragrafação, pontuação, ortografia, alinhamento de ideias, erros de concordâncias frequentes. Esses fatores foram alguns dos pontos identificados durante as leituras das produções dos estudantes.

Nessa etapa, a proposta concedeu um tempo maior do que o esperado, já que o ato de rever, recompor, ampliar, diversificar o discurso do texto faz parte do processo para se chegar à versão final, uma vez que essa fase requer maior elaboração. Sua informalidade linguística está interligada aos contextos corriqueiros, por isso caracteriza-se por um vocabulário comum, restrito a esse tipo de gênero, o que não impede o emprego das unidades lexicais e as formulações sintáticas completas, de maneira mais criteriosa possível.

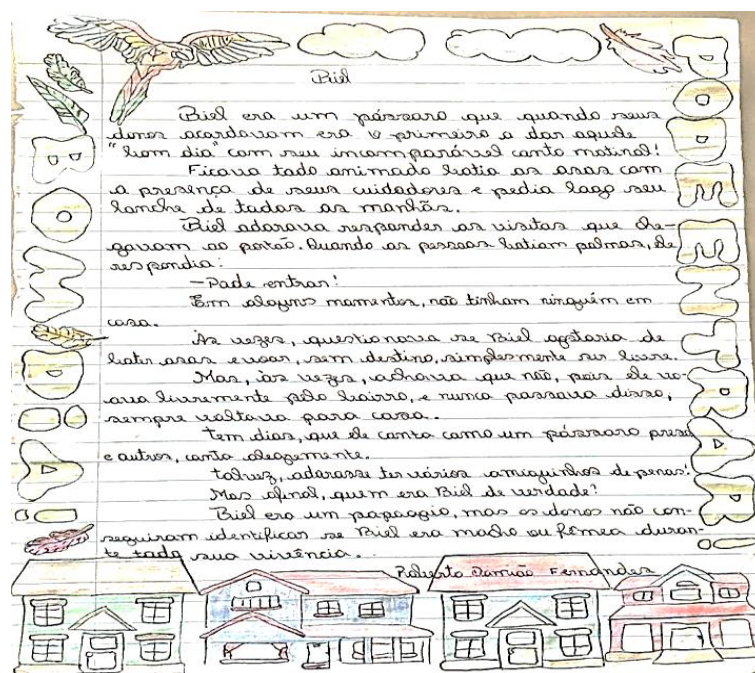
Tendo em vista que a organização textual não era o foco principal da pesquisa, privilegiou-se um trabalho de escrita minucioso, pois se pretendia alcançar um nível de produção relevante.

Os encontros foram predominantemente presenciais, mas sempre que necessário, era utilizado o grupo de *whatsapp* ou o modo privado de comunicação

para esclarecer algumas dúvidas mais específicas. Foi uma atividade trabalhosa, contudo, acompanhar a construção de aprendizagem nesse processo foi gratificante, pois assim, que os textos foram ganhando estruturas e formas substanciais, e era gratificante ver a reação de empolgação dos alunos.

Os textos produzidos pelos alunos abordavam questões do cotidiano, como: a relação do homem com os elementos da natureza, questões familiares, sentimentais, sonhos, paisagens, encontros, dor e profissão. Nesse sentido, apresenta-se algumas produções a partir das revisões e orientações. Resolveu-se não somente passar o texto para a folha definitiva, mas ilustrá-lo, tal como na figura 10.

Figura 10 – Resultado da crônica ilustrativa – Relação do homem com a natureza.



Fonte: Dados da pesquisa.

O texto intitulado "Biel" foi escrito pelo aluno Roberto Damiano Fernandes, da turma do 9º ano "1" do Ensino Fundamental II. Nesta produção escrita há o predomínio do uso da linguagem verbal informal, para gerar aproximação com o leitor, contando com a presença de elementos ilustrativos. O foco narrativo é 3ª pessoa (narrador-onisciente), pois, ao mesmo tempo que narra a história de fora, mescla-se a ela, isso porque possui proximidade com o personagem, detém conhecimento sobre ele e as situações que passa.

O texto manifesta o discurso indireto livre, porque ocorre uma fusão entre o discurso direto e indireto. O narrador apresenta a fala do personagem de forma sutil, misturando-a com a narração, sem o exagero da pontuação, presente no discurso direto.

O texto deixa evidente a presença da paragrafação bem definida, da acentuação e pontuação. Além disso, foi verificada a presença de elementos coesivos, como no emprego das unidades lexicais e as formulações sintáticas completas: “[...] pois ele voava livremente pelo bairro [...]”.

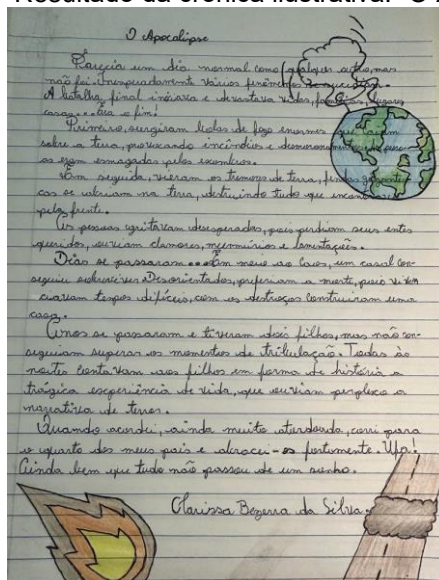
O escrito, inicialmente, faz referência a uma ave e sua rotina, mas é ao final do texto, que é revelada a espécie, embora no decorrer do texto, o narrador apresente pistas, como: “[...] pedia logo seu lanche de todas as manhãs [...]” ou “Quando as pessoas batiam palmas, ele respondia: – Pode entrar!”.

A produção apresenta o personagem principal, o lugar e o tempo. Na sequência, o enredo onde narra um acontecimento cotidiano que pode ter conflito ou não. E por fim, o desfecho, que não é necessariamente resolução da trama, pois é possível haver uma crônica narrativa sem conflito. Dessa forma, não há necessidade de ter uma amarração final. O autor é livre para encerrar o texto da maneira que julgar mais interessante. No caso do texto “Biel”, o autor faz um questionamento: “Mas afinal, quem era Biel de verdade?”. Na sequência, expõe a resposta sobre a espécie da ave, porém, permanece a dúvida, pelo fato de não ficar clara a identificação de seu gênero.

Considerando que o ser humano convive com animais silvestres, “Biel” retrata essa realidade. Sabe-se que os animais de estimação reduzem o estresse, diminuem o risco de depressão, são bons companheiros, tornam o lar mais alegre e leve. O papagaio, por exemplo, chama a atenção por seu carisma, inteligência e sua capacidade de pronunciar as palavras. É um dos animais que melhor entende a linguagem humana. Nessa região (Ipixuna, AM), é uma ave facilmente encontrada nos lares e geralmente, eles chegam ainda filhotes, fato que desenvolve uma dependência afetiva que interfere futuramente, para desfazer o elo, impedindo sua soltura. Esse assunto gera bastante discussão, pois, para muitos, nenhum animal silvestre deve ser criado como bicho de estimação, porque esses tipos de animais têm necessidades comportamentais não totalmente satisfeitas em cativeiros e, além disso, não estão adaptados para viver em ambiente humanizado. Essas reflexões foram realizadas após as apresentações das produções textuais.

Outra produção escrita aqui apresentada, a partir das revisões e orientações já realizadas em sala de aula, é o texto intitulado “O Apocalipse”, da aluna Clarissa Bezerra da Silva, também da turma pesquisada na Escola Estadual Ipixuna-AM.

Figura 11 – Resultado da crônica ilustrativa: “O Apocalipse”.



Fonte: Dados da pesquisa.

Mostrar a capacidade criadora a partir de conhecimentos atrelados às experiências cotidianas é dar vida à imaginação. Por isso, a escrita deve ser planejada, elaborada, revisada e reescrita considerando as tomadas de decisões durante o percurso. Durante o desenvolvimento das atividades, os alunos foram orientados a organizarem as ideias para delinear aquilo que se pretendia narrar, levando em consideração os aspectos linguísticos que o texto deve assumir, a registrarem o que foi planejado, observando a ordem lexical e a ordem sintático-semântica, em conformidade com o que foi traçado e as condições concretas da situação de comunicação.

O texto “O Apocalipse” teve como motivação as leituras realizadas anteriormente ao trabalho de escrita. Sua produção optou pelo foco narrativo em 1ª pessoa (narrador-personagem), porque conta a história, ao mesmo tempo em que participa ativamente dela. A autora do texto fala sobre tragédia, devastação, catástrofe, sofrimento mistério e enigma; revela o caos vivido, em questão de segundos. O que parecia real e eterno, no entanto, era dentro de seu sonho. A sensação de alívio foi imediata ao acordar, porém precisou de um abraço dos pais para aquietar-lhe o coração. Muitas vezes, o enredo de um sonho está vinculado aos



nossos medos, pensamentos e aspirações. Além disso, um sonho pode ser um reflexo fiel ou na maioria dos casos, simbólico daquilo que ocupa a mente.

Ao observar o texto percebe-se que o escrito é marcado pela brevidade de ações, ocorridas em tempo e espaço determinados. A produção textual revela o comportamento individual da personagem frente à sua memória provocada pelo sonho, enquanto dormia. Temas como: devaneios, fantasias, medos e desejos, para quem escreve a partir de uma perspectiva literária, ganha um novo sentido.

Para finalizar essa ação, foi realizada a etapa da revisão e reescrita, a fim de analisar se o que foi escrito atingiu a meta desejada; se o texto apresenta coerência e clareza ou ainda, se houve encadeamento das ideias, aplicação das normas da sintaxe e semântica, previstas pelas regras da língua, além da revisão de ortografia, pontuação, divisão do texto em parágrafos, e orientação em reformular, caso houvesse necessidade.

Para facilitar a compreensão das distintas etapas da produção da escrita do texto foi utilizado, neste segmento, o esquema descrito no quadro 4.

Quadro 4 – Etapas distintas e intercomplementares implicadas na atividade da escrita

1. PLANEJAR	2. ESCREVER	3. REESCREVER
<b>É a etapa para o sujeito</b>	<b>É a etapa para o sujeito</b>	<b>É a etapa para o sujeito</b>
<b>Ampliar</b> seu repertório	Pôr no papel o que foi planejado	<b>Rever</b> o que foi escrito
<b>Delimitar</b> o tema e escolher o ponto de vista a ser tratado	Realizar a tarefa motora de escrever	<b>Confirmar</b> se os objetivos foram cumpridos
Eleger o <b>objetivo</b> , a finalidade com que vai escrever; escolher os critérios de ordenação das ideias, das informações	Cuidar para que os itens planejados sejam cumpridos	Avaliar a <b>continuidade temática</b>
Prever as condições dos possíveis leitores		Observar a <b>concatenação</b> entre os períodos, entre os parágrafos; ou entre os blocos superparágrafos;
Considerar a situação em que o texto vai circular	Esta é uma etapa intermediária que prevê atividade anterior de planejar a outra posterior e de rever o que foi escrito.	Avaliar a <b>clareza</b> do que foi comunicado; avaliar a <b>adequação</b> do texto às condições da situação;
Decidir quanto às estratégias textuais que podem deixar o texto adequado à situação	-	Rever a fidelidade de sua formulação linguística às normas da <b>sintaxe e semântica</b> , conforme prevê a gramática da estrutura da língua
Estar seguro quanto ao que pretende dizer a seu parceiro; enfim, estar seguro quanto ao núcleo de suas ideias e de suas intenções	Normalmente, a escola tem concentrado sua atenção na etapa de escrever e tem focado apenas a escrita gramaticalmente correta	-

Fonte: Antunes (2003, p. 57-58).

Para Antunes (2003, p. 59) não basta o cumprimento das etapas, pois é necessário que se realize um planejamento prévio, uma diligente revisão em busca da melhor forma de dizer aquilo que se pretende comunicar, e uso de rasuras, pois cada fase tem uma função de grande importância para que as produções linguísticas se revistam de maneiras adequadas e relevantes.

A importância de oportunizar situações em que os alunos planejem e revejam suas produções sinaliza qualidade e maturidade na atividade de escrever os textos. Por isso, neste prosseguimento foi apontado o cuidado que os alunos deveriam ter no momento da escrita como ordenação das ideias, a fim de delinear o que se pretendia construir, registrar o que foi planejado para dar forma ao objeto projetado, em conformidade com as condições concretas da situação de comunicação, considerando aspectos como a atenção e a reflexão, no intuito de garantir a coerência, coesão e relevância.

Todo trabalho articulado serviu para que o momento da análise do que foi escrito atingisse a concentração temática desejada. Esse ciclo contribuiu para que as produções textuais obtivessem mais clareza e precisão.

Mediante o resultado da escrita dos alunos da turma do 9º ano “1” da Escola Estadual Ipixuna-AM, foi emitido um certificado (figura 12), como forma de reconhecer a participação dos alunos, visto que a escrita estabelece vínculos comunicativos.

Figura 12 – Resultado da confecção do certificado de participação da produção do gênero textual crônica.



Fonte: Dados da pesquisa.

Com os certificados prontos, foi definida hora e data para realizar a entrega do documento emitido pela professora organizadora do projeto. O comprovante foi assinado pela professora e pelos estudantes. O certificado foi confeccionado com duas colunas: à esquerda, foi inserida a produção textual com ilustração produzido(a) pelo(a) aluno(a); à direita, identificação da professora que elaborou o comprovante de participação e o nome do(a) aluno(a) que produziu o texto, como forma de reconhecimento de seu esforço e dedicação em cada etapa realizada e finalizada. Cada texto foi digitalizado e impresso em papel *vergê*.<sup>11</sup> Descrevendo ainda a figura 12, um exemplar dos certificados emitidos, tem-se à direita, o nome da aluna Antônia Evelyn Cruz da Silva e, à esquerda, o texto produzido por ela, intitulado “A dor” e aqui apresentado.

#### **A dor**

Tudo começou com um pequeno problema no pulmão, não houve cuidados e acarretou em outros riscos. Com o tempo agravou, a falta de ar era constante.

Seus filhos e netos o amavam. Depois que ficou doente, todos cuidavam dele com muita ternura, amor e carinho.

Foram noites sem dormir ao seu lado, sentíamos impotentes, não podíamos fazer mais nada, já não conseguia comer e nem beber.

Uma noite, ele pediu que todos os filhos ficassem ao seu lado e segurassem suas mãos. Seu falecimento foi inevitável, doeu como nunca... será inesquecível, vi minha vida sem sentido.

Meses se passaram e, até hoje, não houve um dia que não lembrasse de você.

A dor virou saudade, tem dias que pioram... sei que a vida é um trânsito mais dia, menos dias nos reencontraremos como uma grande família.

Autora: aluna Antônia Evelyn Cruz da Silva, da turma do 9º ano “1”.

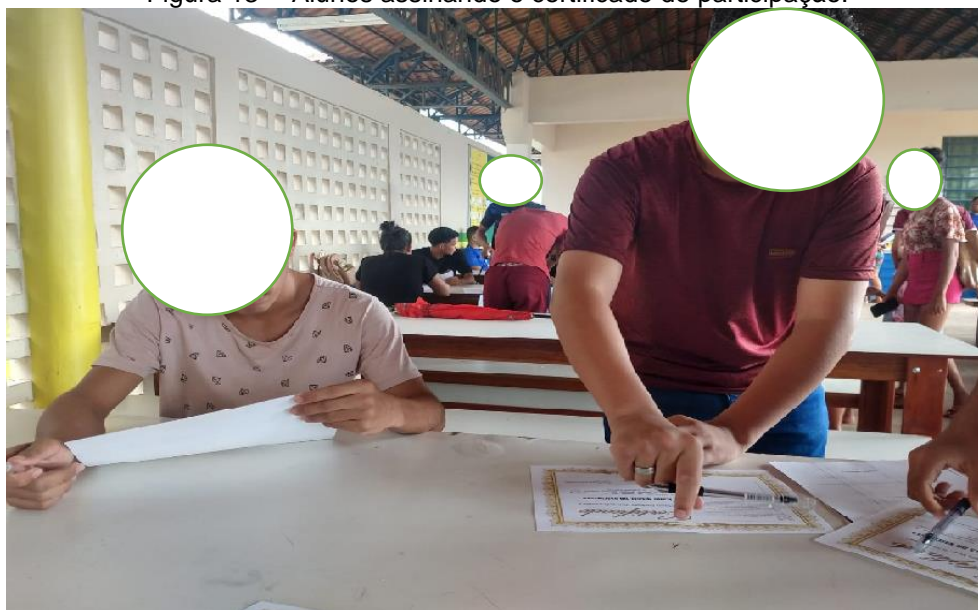
O texto expõe a dor de perder um ente querido; a mensagem exterioriza a saudade instalada pela ausência. Ao longo da narrativa, o problema de saúde é descrito de maneira gradativa, marcado por um tempo cronológico e com poucos personagens; possui espaço e uma linguagem simples que aproxima a realidade entre autor e leitor. Este tipo de crônica é considerado um texto ficcional, que narra acontecimentos cotidianos das pessoas como possibilidade real. Sua estrutura é sintetizada em apresentação, enredo e desfecho. O texto utilizou uma narrativa para contar a experiência de quem conviveu com o fato de perder um membro familiar, o que prova uma reflexão sobre a existência humana e sobre o sentido da vida.

Na figura 13, tem-se o registro do momento em que os alunos assinavam seus certificados.

---

<sup>11</sup> *Vergê* é um tipo de papel mais duro que o sulfite e mais macio e mais fino que a cartolina.

Figura 13 – Alunos assinando o certificado de participação.



Fonte: Dados da pesquisa.

## 5.6 ANÁLISE DO RESULTADO DA APLICAÇÃO DO QUESTIONÁRIO-INFOGRÁFICO

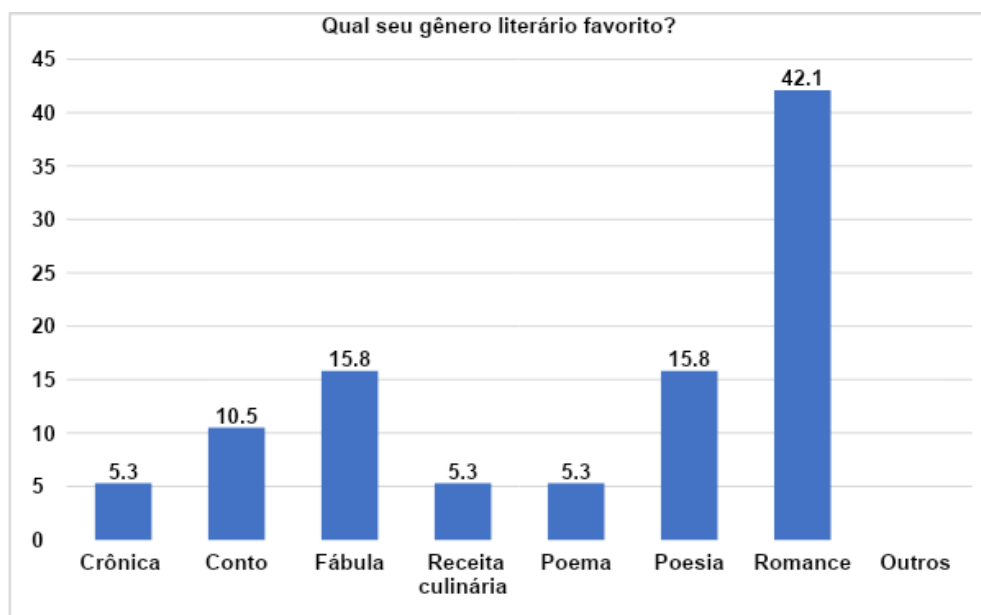
O questionário foi aplicado para que a pesquisa tivesse melhor percepção sobre os sujeitos envolvidos e uma dimensão da realidade extraclasse do estudante quanto à prática leitora. Nesse sentido, foi realizada uma sondagem. Para maiores informações sobre o questionário e o infográfico, eles encontram-se completos em anexo, já que apenas alguns dados foram descritos na discussão dos resultados, tendo em vista o tema e objetivo da pesquisa relacionado ao hábito de ler. Os demais itens foram utilizados com a finalidade de favorecer a compreensão a respeito de alguns aspectos identificados como necessários para entender o contexto de leitura dos investigados.

Assim, foram esboçadas 39 questões de caráter específico. Vale destacar, que dos 20 alunos que constituíam a turma de 9º ano “1” da Escola Estadual Ipixuna-AM, 19 responderam o questionário, isso porque um dos alunos da turma teve que se ausentar por motivos de saúde.

O grupo que respondeu o questionário era composto por 10 meninos e 9 meninas. As reflexões foram direcionadas sobre alguns critérios considerados pertinentes e significativos nesta sondagem do comportamento leitor. Esses resultados foram possíveis porque a pesquisa se utilizou de uma metodologia ligada a uma abordagem quanti-qualitativa e um suporte teórico estruturado.

Neste subitem, foram indicados apenas alguns gráficos para melhor compreensão. Neste sentido, foi utilizado a ordem crescente para facilitar a leitura dos gráficos ilustrativos (gráfico 1). Os demais contam no anexo da pesquisa. dessa forma observe os resultados a seguir:

Gráfico 1 – Porcentagem preferência de gênero literário dos alunos.

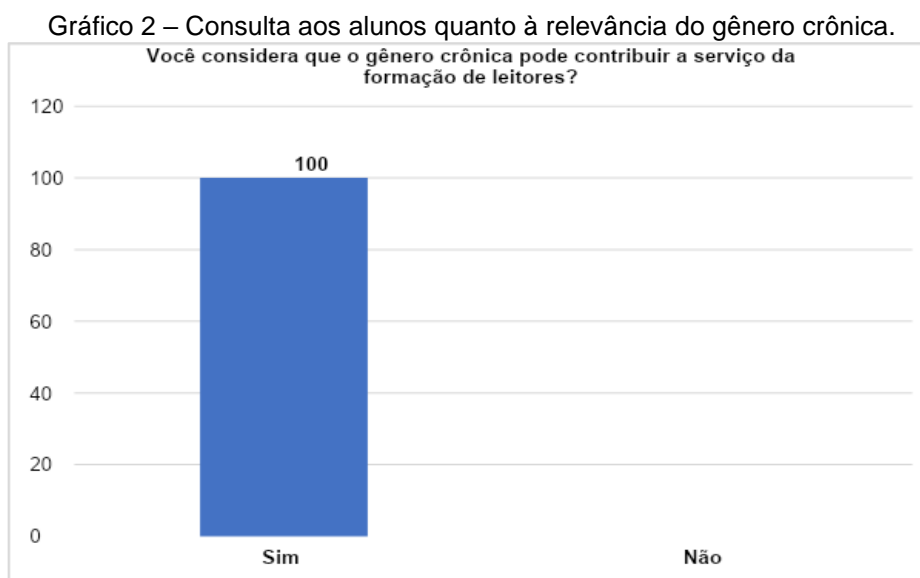


Fonte: Dados da pesquisa.

O primeiro gráfico fez a seguinte abordagem: mesmo os alunos desenvolvendo as atividades definidas pela proposta de aplicação didática de forma satisfatória, questionou-se a respeito do gênero literário favorito dos alunos. Diante dessa sondagem, dos 19 estudantes que participaram dessa atividade, 42,1% afirmaram gostar do gênero romance, 15,8% fábula, 15,8% poesias, 10,5% conto, 5,3% receitas culinárias, 5,3% crônicas e 5,3% poema. A posição em que o gênero crônica configurou-se – em último lugar no gráfico, e considerando que o questionário foi aplicado após o encerramento das atividades desenvolvidas pela proposta de aplicação didática, induz a pensar que o gênero trabalhado como forma de incentivo e motivação à leitura, não representou a expectativa desejada, por ocupar e dividir a mesma posição que outros gêneros.

Dado ao exposto, infere-se que a preferência é algo singular e deve ser examinado atentamente, porém, nada impede que outros gêneros sejam trabalhados para ampliar o repertório e o conhecimento do aluno. Tal configuração não impossibilitou o desenvolvimento da prática leitora planejada por meio do gênero

crônica, pois os alunos realizaram as etapas organizadas, algumas com maiores, outras com menores dificuldades. No entanto, o resultado evidenciou que o gênero crônica, utilizado como instrumento de incentivo à leitura, ampliou a sua prática leitora, como também a de escritores.



Fonte: Dados da pesquisa.

O gráfico 2 os estudantes questionados se o gênero crônica pode contribuir com a formação de leitores e se houve conformidade neste apontamento. Cem por cento dos alunos da turma do 9º ano “1” do Ensino Fundamental da Escola Estadual Ipixuna-AM, responderam positivamente. Dessa forma, o dado do gráfico em análise traz uma reparação quanto à reflexão proposta pelo gráfico 1, quando 5,3% aponta preferência pelo gênero crônica, provocando assim, um sentimento de contentamento por conseguir cumprir o que se refere à proposta de aplicação didática.

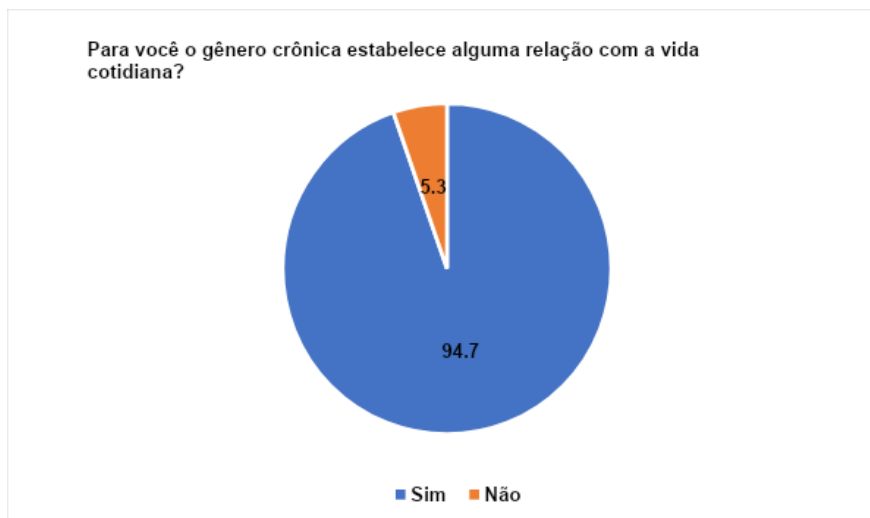
Dessa maneira, depende-se que independente do gênero preferencial do aluno, é possível obter bons resultados, desde que haja um planejamento delineado e interligado a uma prática docente, que tenha compromisso, apoio correto e suporte justo, de modo que faça a diferença na vida dos estudantes.

Nesse viés, considerando os resultados da proposta de aplicação didática, conforme os dados revelados pelo gráfico 2, compreende-se que o gênero crônica pode, sim, contribuir para a formação de leitores.

Sendo assim, a pesquisa intitulada “Gênero crônica como instrumento de incentivo à leitura para a turma de 9º ano “1” do Ensino Fundamental II” desempenhou

essa tarefa com enlevo, pois os estudantes da turma atingiram o objetivo traçado pela pesquisa, demonstrados por meio dos resultados finais.

Gráfico 3 – Envolvimento do gênero crônica com a vida cotidiana dos alunos

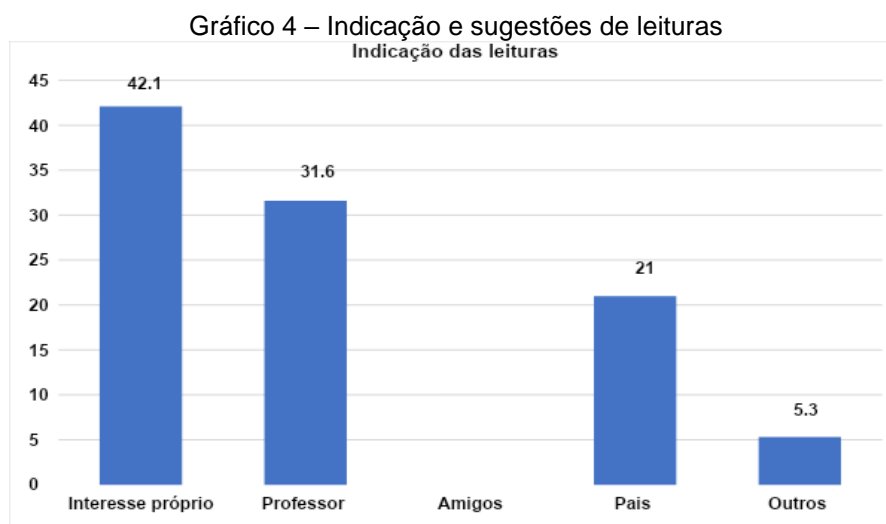


Fonte: Dados da pesquisa.

Durante o desenvolvimento da prática docente foi enfatizado repetidas vezes na elaboração das atividades em sala de aula, que o gênero crônica estabelece relação com a vida cotidiana. As temáticas apontadas nos textos analisados refletiam essa realidade, dadas as motivações, os comportamentos e atitudes dos personagens presentes nos enredos das narrativas, que produziam conteúdos que aproximavam o leitor da trama, ou por ter vivido, ou por ter conhecido alguém que já havia vivenciado experiência semelhante. Tanto assim que, quando os alunos são interrogados (gráfico 3) sobre o envolvimento do gênero em estudo com fatos do cotidiano, 94,7% confirmaram que a crônica narrativa é dedicada a acontecimentos do dia a dia, e somente 5,3% respondeu que não existe consonância. No entanto, com a antecipação do término do ano letivo, a pedido da Defesa Civil daquele município, para construção de uma nova fossa séptica, foi preciso interromper a atividade, sendo esta uma explicação possível para a ausência dessa compreensão, indicada pelos 5,3% dos informantes, pois a análise do questionário foi realizada somente após o término do ano letivo.

Contudo, fica evidente o resultado, no gráfico 3, de que a maioria dos alunos reconheceram que a temática trabalhada no gênero crônica tem relação com situações corriqueiras e costumeiras. Isso acontece, pois tem relações em função de inúmeras reflexões realizadas em sala de aula, representadas pelos comportamentos

dos personagens no enredo, estabelecendo verossimilhança com o comportamento humano diante dos mais diversos aspectos (sociais, políticos, culturais, individuais, coletivos), a fim de construir uma crítica social.



Fonte: Dados da pesquisa.

O gráfico 4 investigou as indicações de leitura. Os resultados demonstraram que 42,1% afirmou ser de interesse pessoal, 31,6% admitiu que as recomendações eram feitas pelos professores, 21% pelos pais e 5,3% respondeu outros.

Os alunos se consideram os maiores responsáveis pelas escolhas das leituras realizadas corriqueiramente, isso porque suas opções estão atreladas diretamente às suas práticas diárias, como o manuseio de ferramentas tecnológicas e redes sociais. No entanto, quando se referem à sugestão de leituras literárias, os resultados apontam os professores como seus maiores indicadores e informadores. Nesse sentido, os docentes passam a ser considerados pelos alunos os seus maiores incentivadores e mobilizadores.

Destaca-se que a escola em que o projeto foi desenvolvido não disponibiliza do uso de internet, mas, por outro lado, dispõe de uma biblioteca com bastante acervos literários. Os materiais para as leituras foram cedidos pela escola, ofertados pela professora, ou o aluno foi direcionado para a biblioteca da escola para fazer suas próprias escolhas.

O fato de a escola não oferecer internet influencia diretamente no resultado do dado do gráfico 4, como foi averiguado, já que, em momento extraclasse, os alunos utilizam as redes sociais para informação e comunicação.



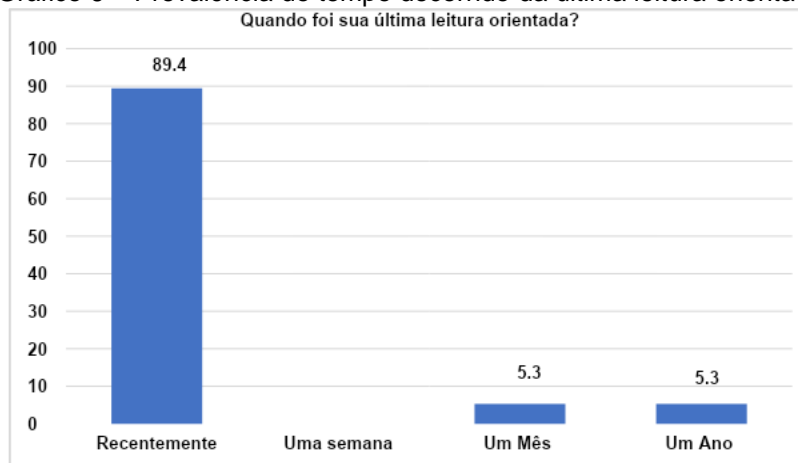
Gráfico 5 – Dado da questão final do questionário aplicado à turma do 9º ano “1” do Ensino Fundamental II da Escola Estadual Ipixuna-AM, da turma de 2022



Fonte: Dados da pesquisa.

No gráfico 5, foi questionado se os estudantes gostavam de atividade de leituras, ao que 84,2 % respondeu que sim e 15,8%, com não. Conforme o dado apresentado, constatou-se que o nível de aprovação foi bem superior aos que responderam negativamente. Embora, o uso das ferramentas tecnológicas seja uma das maiores responsáveis pela integração das leituras realizadas pelos alunos em horários extraclasse, estes admitem que estimam as atividades de leituras. Isso significa que a escola tem tentado desenvolver práticas mais dinâmicas e ativas em sala de aula, não para ajuizar valores em relação às diversidades de interação e comunicação que o mundo moderno dispõe, mas por se colocar como um espaço integrador, que busca aproximar o contexto social do ensino-aprendizagem, a fim de encurtar as desigualdades sociais.

Gráfico 6 – Prevalência do tempo decorrido da última leitura orientada



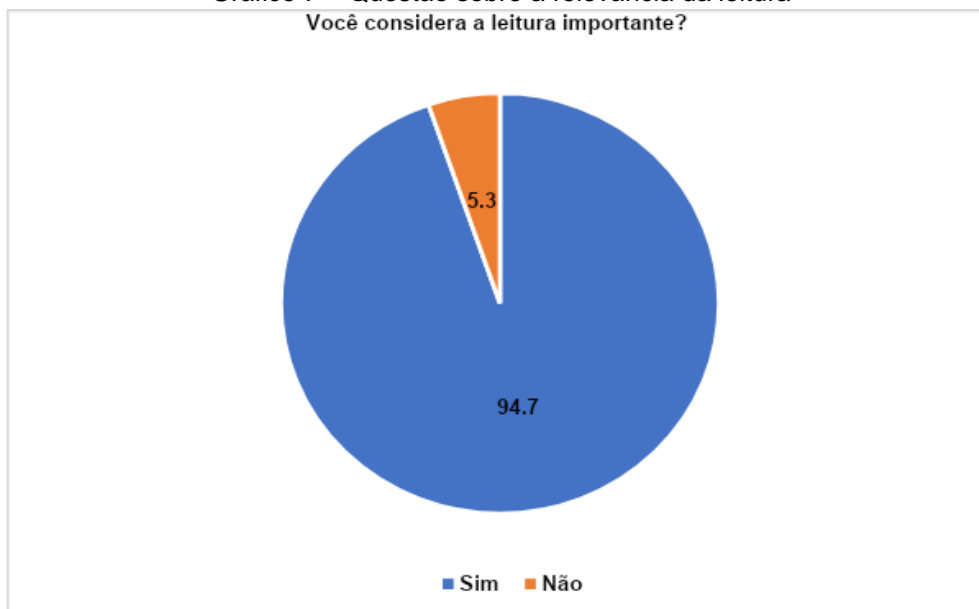
Fonte: Dados da pesquisa.

O gráfico 6 apresenta sobre a indagação relacionada ao tempo que foi realizada a última leitura orientada. Os resultados foram: 89,4% respondeu que a atividade se desenvolveu recentemente, 5,3% afirmou que as atividades haviam sido sucedidas pelo período em torno de um mês, e 5,3% registrou que a ação havia sido aplicada pelo período de um ano.

A escola tem se empenhado em desenvolver atividades de leitura na tentativa de engajar a prática leitora. Porém, os resultados alcançados têm desafiado a prática docente diariamente. O MEC tem divulgado periodicamente resultados referentes à situação da educação brasileira. Mesmo que o cálculo tenha demonstrado leve avanço, pesquisas apontam rotineiramente que o progresso tem que continuar.

Mediante essa perspectiva, a proposta de aplicação didática desta pesquisa se desenvolveu em um período de 38 horas/aula, tempo que correspondeu a praticamente, um bimestre, razão pela qual foram acordados que as atividades estruturadas e apresentadas durante o processo, seriam avaliativas para não comprometer a construção da nota bimestral. Os dados revelados pelo gráfico 6, demonstram que os alunos apontam que as atividades foram constituídas em um período regular.

Gráfico 7 – Questão sobre a relevância da leitura  
Você considera a leitura importante?

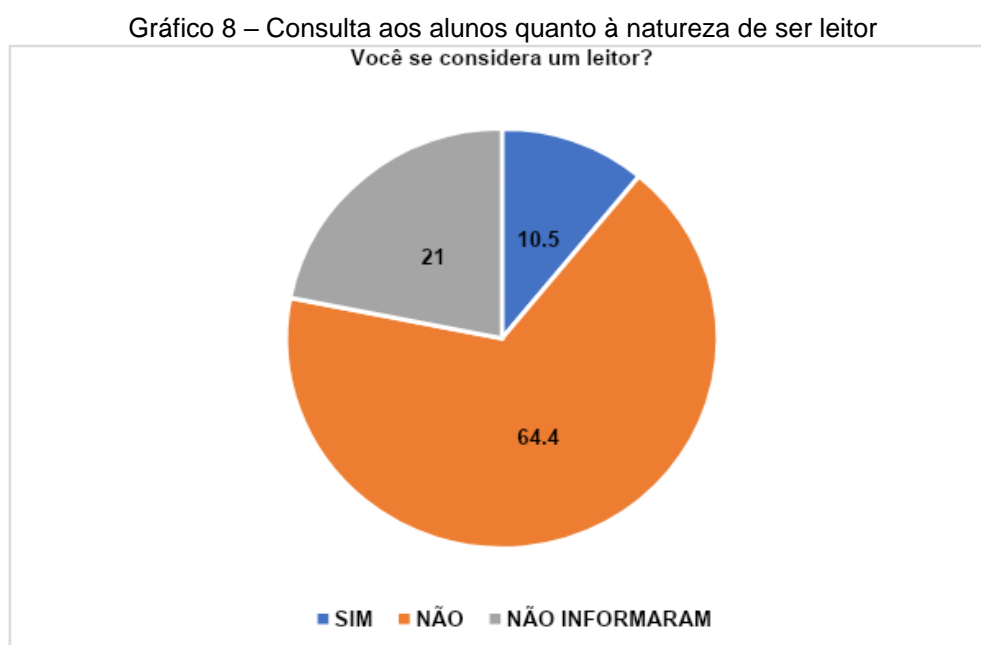


Fonte: Dados da pesquisa.

No gráfico 7, os estudantes foram interpelados se consideravam a leitura um ato importante, quando 94,7% confirmou isso, e 5,3% respondeu que não consideram a leitura uma prática importante.

Mesmo diante de todas as leituras praticadas e reflexões apontadas, 5,3% dos informantes desconsideraram e a depreciam esta prática leitora, não acham a leitura valiosa e, conseqüentemente, não gostam de realizar atividades escolares que requeiram essa atividade. Entretanto, vale salientar que, mesmo obtendo esta constatação, os alunos desempenharam as etapas indicadas pela pesquisa.

Fato curioso que vale destacar é que, quando a proposta de aplicação didática estava vinculada ao uso de aparelhos e instrumentos tecnológicos, este 5,3% tinha predileção e afeição em participar e produzir.

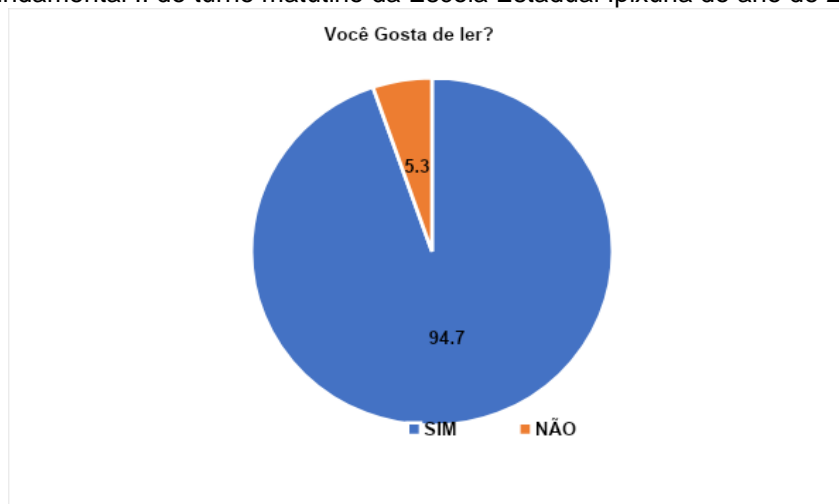


Fonte: Dados da pesquisa.

No gráfico 8, os alunos foram interrogados sobre considerarem-se como leitores. Assim, 64,4% respondeu que não, 10,5% respondeu que sim, e 21% respondeu que não sabia informar. A partir desse resultado, foi observado que a maioria dos alunos abordados não se considera leitora, mesmo que em momentos específicos tenha afirmado que em horário extraclasse, aproveitam para ler informações e conteúdos retirados da internet e redes sociais.

Assim, entende-se que os alunos leem diariamente, porém, não se consideram enquadrados no perfil de leitores assíduos, porque para eles, a ideia de leitor está atrelada às leituras consideradas cânones da literatura brasileira ou as leituras sugeridas, aperfeiçoadas e aprimoradas em sala de aula.

Gráfico 9 – Resultados do questionário de aplicação da proposta na turma do 9º ano “1” do Ensino Fundamental II do turno matutino da Escola Estadual Ipixuna do ano de 2022.



Fonte: Dados da pesquisa.

Outro fato considerável nesta indagação é o apontamento realizado no gráfico 9, em relação à pergunta: “você gosta de ler?”. Em um primeiro momento, parece contraditório, mas não é, pois 94,7% dos alunos confirmou gostar de ler, já que a pergunta não é específica, e 5,3% responderam negativamente. Seus apreços estão relacionados aos materiais vinculados à internet e redes sociais que para muitos, são compreendidos como atividades comuns e opostas ao enquadramento de leitor.

Neste gráfico 9, fica explícito que a maioria dos alunos da turma do 9º ano “1” do Ensino Fundamental II da Escola Estadual Ipixuna-AM, revela que gostam de ler. Neste enquadramento, os alunos são analisados a partir de registros identificados, em que se colocam como sendo os principais responsáveis pelas suas escolhas de leituras e que leem com frequência, quando se trata de assuntos direcionados às redes sociais e à internet. Nesse sentido, os estudantes admitem gostar de ler.

### 5.7 FASE PÓS-RESULTADO: AÇÃO E CONTRIBUIÇÃO

Como já mencionado em tópicos anteriores, a equipe escolar pedagógica promoveu uma reunião para tratar do desenvolvimento de um projeto escolar interdisciplinar, intitulado “Feira do Conhecimento”, para findar o ano letivo. Foi nesse contexto que se apresentou os resultados do projeto de pesquisa de mestrado já realizado em sala de aula, intitulado: “Gênero crônica como instrumento de incentivo à leitura para turma de 9º ano “1” do Ensino Fundamental II”.

Em apoio ao desdobramento do projeto interdisciplinar, houve concordância de que o trabalho de mestrado já aplicado em sala de aula, apresentaria alguns

resultados para a comunidade escolar, atendendo ao requisito parcial para obtenção de nota para o quarto bimestre, já que a turma do 9º ano “1” matutino do Ensino Fundamental II vinha de uma intensa sequência de práticas didáticas. Então, foi nesse contexto que se apresentou os resultados do projeto de pesquisa de mestrado para a comunidade escolar: em forma de culminância.

Na ocasião, expôs-se aos colegas sobre o trabalho e as etapas desenvolvidas durante o percurso que, outrora, tinha sido realizado sob a permissão da equipe gestora. Como o resultado havia sido satisfatório, aproveitou-se o ensejo de compartilhar com a comunidade escolar sobre o desfecho do planejamento, o qual, por sua vez, foi delineado em forma de exposição e apresentação oral do material confeccionado durante as fases da sequência didática, realizada em sala de aula que, mediante a oportunidade, considerava-se favorável. O pedido foi aceito e, a partir de então, trabalhou-se para que a exposição acontecesse satisfatoriamente, dentro do que fora efetuado em sala de aula.

Cada professor ficou responsável por administrar uma ação relacionada ao conteúdo da proposta pedagógica na disciplina em que lecionava. Assim, todos se organizaram no refeitório da escola para que a comunidade escolar pudesse prestigiar o trabalho desenvolvido sobre o “Gênero crônica como instrumento de incentivo à leitura”. Montou-se uma tenda para que os materiais concebidos fossem expostos. Os alunos do 9º ano “1” do turno matutino posicionaram-se e articularam-se positivamente no decorrer das exposições e apresentações. Os visitantes tiveram a oportunidade de conhecer o trabalho realizado pela turma e ainda interagiram com os protagonistas das produções. O grupo mostrou sua capacidade de expressar em público, por intermédio da linguagem verbal e oral, apresentaram a narrativa e, em seguida, explanaram a temática, de maneira crítica e reflexiva (figuras 14, 15 e 16).

Figura 14 – Alunos apresentando as narrativas



Fonte: Dados da pesquisa.

Figura 15 – Alunos explanando a temática da narrativa de maneira crítica e reflexiva



Fonte: Dados da pesquisa.

Figura 16 – Comunidade escolar prestigiando a exposição e apresentação do material confeccionado pelos alunos do 9º ano “1” matutino sobre o gênero crônica



Fonte: Dados da pesquisa.

As figuras 14, 15 e 16 mostram os alunos expondo as temáticas das crônicas lidas em sala de aula, sob um olhar crítico e reflexivo. Seus posicionamentos foram prestigiados pelas outras turmas. Esse trabalho foi realizado em dupla e devidamente organizado para que cada equipe pudesse fazer suas contribuições.

Outra atividade derivada feita pela turma foi intitulada “Intercâmbio Literário”, embora não estivesse inserida no projeto inicial, isso, porque imaginou-se que o tempo não seria suficiente, mas ao sistematizar os passos das aplicações, viu-se como possível, portanto, estendeu-se o resultado do projeto “Gênero crônica como instrumento de incentivo à leitura” para outras realidades, ou seja, os alunos do 9º ano “1” foram desafiados a visitar a turma do 6º ano “1” matutino para apresentarem o resultado de suas produções. A turma do 6º ano “1” assistiu às performances dos visitantes atentamente. Alguns alunos finalizaram suas apresentações distribuindo

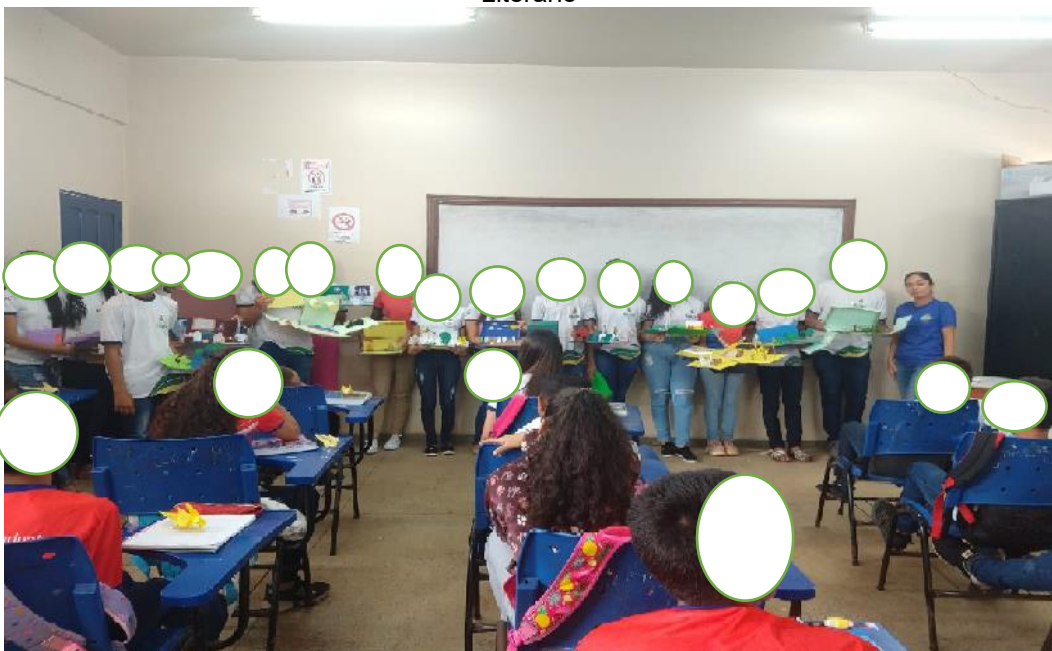
para a turma que os prestigiou doces e lembranças temáticas, feitas de origamis. Os alunos visitados demonstraram satisfação e ao final, saudaram com uma sequência intensa e entusiástica de salvas de palmas (figuras 17 e 18).

Figura 17 – Após a apresentação de suas produções, os alunos distribuem doces para a turma que prestigia seus trabalhos



Fonte: Dados da pesquisa.

Figura 18 – Apresentação das produções do 9º ano “1” na turma do 6º ano “1” – Ação “Intercâmbio Literário”



Fonte: Dados da pesquisa.

Essa prática pedagógica exerceu impacto sobre a turma onde foi aplicada, pois a aplicação da proposta a partir desse contexto, contribuiu para a partilha de dados de resultado.

Vale destacar que a professora da turma visitada perguntou se poderia refazer a atuação com seus alunos, pois classificou a atividade como dinâmica, interacionista e relevante. Isso foi considerado pela pesquisadora como uma lisonja, por poder contribuir com práticas didáticas para outras realidades.

Ao observar alguns infortúnios, foram constatados que em alguns momentos específicos, houve contratempos, mas, embora os desafios tenham surgido durante o desenvolvimento de algumas atividades, os obstáculos promoveram ensinamentos.

As adversidades encontradas trouxeram reflexões e aprendizado diante de cada etapa vivenciada e realizada. Ao adotar um método ajustável foi possível aprimorar e adequar as fases desenvolvidas no processo e nas dinâmicas, sempre que necessário. Algumas atividades precisaram de mais tempo do que foi planejado para que fossem concluídas, mas nada que prejudicasse a realização das tarefas.

Durante o processo, os alunos foram levados a realizar e analisar as leituras sob várias perspectivas para refletir sobre o mundo a sua volta. E, essa forma de se apropriar da leitura por meio do gênero crônica, contribuiu para melhor compreensão e reflexão sobre o mundo, pois, como já dizia Sabino (2008), a leitura reflexiva é uma das melhores formas de compreender a realidade.

Nesse sentido, as ações engendradas durante as etapas de aplicação didática mudaram a percepção da professora pesquisadora em relação ao grupo, pois o procedimento da pesquisa se caracteriza como uma pesquisa-ação (Thiollent, 2008), ainda que momentaneamente, pois não se pode afirmar que será uma mudança definitiva, mas que certamente houve alteração na vivência dos alunos e na prática docente: isso é inquestionável. Não se sabe ao certo, por quanto tempo essa mudança permanecerá, mas foi provado neste ato específico que algo foi modificado para fins relevantes.

Além disso, trabalhar o gênero crônica de forma conectada e multimodal no contexto atual, favoreceu a articulação e a comunicação oral e escrita do leitor nas diferentes situações sociocomunicativas deste projeto e, além disso, colaborou para o desempenho e rendimento dos alunos quanto à maneira de posicionarem suas ideias, de se comportarem e executarem o trabalho orientado, pois incentivar a leitura por meio de sequências e procedimentos práticos e inovadores, apoiando-se em seus



conhecimentos prévios sobre as condições de produção e recepção deste gênero, rendeu empolgantes resultados.

Dessa forma, ficou evidenciado, por meio dos resultados, que os alunos ampliaram não somente a prática leitora, mas também a escrita, porque os estudantes apresentaram aperfeiçoamento da capacidade de se concentrar e realizar as atividades propostas, como também os dados apontam para novas investigações, novos estudos, novas análises em uma outra oportunidade, ou em outro trabalho, como artigo, resenha e outros.

O importante é que este estudo de aplicação de uma proposta didática para a verificação de uma determinada problemática possa subsidiar novas aplicações de outros professores e suscitar outras pesquisas para melhorar cada vez mais, o aprimoramento da leitura e escrita.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nenhum esforço na busca da construção da aprendizagem, embasado na leitura, é desperdício de tempo e ação, pois tal prática precisa ser constante, já que nem todas as tentativas são satisfatórias. Nesse sentido, buscou-se realizar neste trabalho, metodologias que favorecessem a superação das dificuldades enfrentadas pelos alunos em sala de aula, no que se refere à leitura. Para isso, recorreu-se ao gênero crônica, por intermédio de estratégias norteadoras de ensino, objetivando o domínio da prática leitora, numa perspectiva crítica e reflexiva.

A escolha do gênero crônica explica-se pelo fato da pesquisadora defender alguns aspectos preponderantes, como a linguagem simples, e por tratar assuntos relevantes relacionados às vivências cotidianas, viabilizando um diálogo e meditação verossímilhante ao cotidiano.

Além disso, buscou-se considerar o novo contexto educacional assinalado pela BNCC (2018), visto que o documento estabelece patamares de aprendizagem e conhecimentos essenciais que precisam ser garantidos a todos os estudantes da Educação Básica do país.

No que se refere ao Componente Curricular de Língua Portuguesa, a BNCC (2018) propõe o desenvolvimento das capacidades envolvidas na produção, recepção, processamento e análise da linguagem, itens que contribuem para a participação significativa e crítica do aluno em diversas práticas sociais de linguagem. A partir dessa compreensão, o educador torna-se inteirado de seu importante papel e exercício na formação de cidadãos críticos e participativos, mediante as questões sociais.

Nessa perspectiva, aprender a língua é aprender não só as palavras, mas também seus significados culturais e, com eles, os modos pelos quais as pessoas do seu meio social entendem e interpretam a realidade de si mesmas.

O gênero crônica, revestido de força e grandeza reflexiva, se configura como um produto que oferta ensinamento. Suas análises e estudos levou à compreensão, averiguação e integração dos acontecimentos e do conhecimento, com influência sobre as habilidades de leitura, de escrever, interpretar, ouvir e falar. Pois, já dizia Freire (1996, p. 103), tão importante quanto o ensino dos conteúdos é a coerência entre o que se diz, o que se escreve e o que se faz.

Nesse sentido, destaca-se a coerência da temática desta investigação a partir da análise e reflexão do resultado do questionário aplicado como critério adicional, revelado pelo seu desfecho e apontado por alguns dados em questão (gráfico 29, nos anexos deste trabalho), que evidenciam, por exemplo, quem são os principais responsáveis pelas indicações de leitura. Nesse quesito, foi obtida a resposta na seguinte ordem: interesse pessoal, motivado em grande parte pelos aparatos tecnológicos, professores, pais e outros.

Porém, em outro momento da ação investigativa, os estudantes são questionados sobre a prática de leituras literárias (gráfico 10, nos anexos), e os professores foram considerados seus maiores incentivadores (gráfico 12). Através dos dados, percebeu-se que os educadores são várias vezes mencionados enquanto colaboradores deste processo de construção e formação de leitores. Isso porque a escola busca amenizar as lacunas existenciais quanto a essa prática, mediada por sugestões, indicações e trabalhos, na tentativa de superar os desafios atuais.

A verdade é que o protagonismo juvenil emerge no “ninho” familiar, pois se trata da primeira escola doméstica, todavia, é na instituição escolar que se formaliza o aprendizado. O ensino educacional incentiva o jovem, enquanto indivíduo em desenvolvimento, a conhecer e exercer seus direitos como agente principal, seja mediante um ato ou um acontecimento na sociedade, na figura de cidadão.

A escola em sua prática de ensino, tem o papel de socializar o conhecimento, porque é o lugar onde se encontram os recursos para preparar o indivíduo para a realização de seus planos de vida. Isso, porque uma educação de qualidade é pré-requisito essencial para a formação intelectual e moral.

Ciente desse papel, elaborou-se uma prática de ensino didático-pedagógica interposta pelo planejamento e sequenciada pela aplicação de atividades variadas, que, por sinal, foram essenciais e determinantes para que se obtivesse a interação e participação dos estudantes. As sucessivas ações desenvolvidas no ambiente escolar privilegiaram o desenvolvimento de habilidades, conhecimentos, criticidade e autonomia, dado o momento em que os alunos refletiam, posicionavam-se frente às temáticas apresentadas e conversações em torno de importantes pautas (animais silvestres, empatia, sonhos, estrelas, fotografias, relações afetivas, pessoas em situação de inadimplência...). Isso foi possível pelo motivo de existir uma proposta, um plano de ensino traçado, estruturado e organizado.

Vale destacar que os objetivos geral e específicos, que nortearam o desenvolvimento da pesquisa, foram alcançados. Mas não se pode afirmar até quando oferecerão bons desdobramentos. O que se sabe é que, enquanto as práticas estavam privilegiando atividades distintas de leitura, se utilizando de diferentes linguagens e semioses, os alunos correspondiam às interações e as habilidades esperadas.

Dessa forma, infere-se que adotar práticas de leitura, intermediada por uma abordagem criativa e estratégica de recepção e alicerçada em atividades dinâmicas, apropriando-se de gênero para melhor compreensão e reflexão sobre o mundo, é uma das propostas pedagógicas asseguradas pela BNCC (2018) ao ensino brasileiro de linguagens, códigos e suas tecnologias.

Ademais, quando esse mesmo ensino incorpora recursos que contemplam ações conectadas e multimodais, com a utilização de procedimentos inovadores, apoiando-se em seus conhecimentos linguísticos, textual e de mundo, essa educação atua de forma certa.

Portanto, favorecer a leitura, a comunicação oral e escrita, a articulação sobre as condições de produção e recepção do gênero são condições peculiares, mas que amparam os jovens para que futuramente, possam dar frutos à coletividade, contribuindo com a formulação das políticas públicas direcionadas ao bem comum.

Os gêneros textuais são inúmeros nos dias atuais, e cada um tem suas particularidades e funcionalidades, que atendem a interesses distintos. Nesse contexto, usou-se o gênero crônica, mas, conforme alguns dados identificados no infográfico, porém, independente do gênero trabalhado, é possível desenvolver propostas que incluam a leitura como objeto a ser compreendido.

Isso posto, vale enfatizar que a partir da aplicação da sequência didática de 38 horas, distribuídas em 5 momentos, a começar com o suporte teórico adotado, acompanhamento em sala de aula e horário extrassala, utilizando-se de vários instrumentos, como *WhatsApp* e *Instagram*, na condição de recursos didáticos, conseguiu-se produzir 16 crônicas.

Os resultados finais dessas crônicas evidenciaram que os alunos ampliaram a sua prática leitora e que se viram não somente como leitores, mas também como escritores. Essa parte foi evidenciada na apresentação que os alunos realizaram na sala de aula da turma do 9º ano “1”, no projeto da escola, em forma de subseção e de uma visita feita em uma sala de aula da turma do 6º ano “1” para a rerepresentação da

segunda etapa da proposta de aplicação didática. Esta, por sua vez, tinha como propósito exibir o resultado da performance visual da narrativa. Ao final dessa reapresentação, a professora de língua portuguesa da turma procurou a pesquisadora para a parabenizar e perguntar sobre o modo como se chegou a esse resultado e também, se podia adotar a ideia e aplicar nas demais turmas em que trabalhava.

Mediante os resultados das produções textuais, foi elaborado um pequeno encarte, que vai junto com esta dissertação, sem o suporte teórico, apenas a organização metodológica (para facilitar a visualização e ajudar no direcionamento da replicação, revisão e aplicação da didática) e a produção dos alunos.

Considera-se, assim, que os propósitos da pesquisa foram atingidos, pois, além do gênero crônica ter contribuído para a realização de leituras mais reflexivas, críticas e participativas, os resultados deste trabalho podem em outro momento, contribuir para outras investigações, ou serem aprofundados. Vale ressaltar que a prática docente, com o apoio correto e o suporte justo, pode fazer a diferença na vida dos alunos.

Nesse sentido, a turma do 9º ano “1” do Ensino Fundamental II, matutino do ano de 2022, da Escola Estadual Ipixuna-AM, desencadeou atitudes e comportamentos precisos diante das lacunas observadas no início da pesquisa. Pois, com o uso do gênero crônica e com as práticas pedagógicas realizáveis, foi possível dirimir as barreiras e as dificuldades detectadas, mediante as atividades desenvolvidas em sala de aula, no que toca à prática leitora, já que as ações que foram aplicadas forneceram resultados considerados surpreendentes.

## REFERÊNCIAS

AGUIAR, Vera Teixeira de; BORDINI, Maria da Glória. **Literatura: a formação do leitor: alternativas metodológicas**. 2. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993.

ALMEIDA, Vasni de. **História da educação e método de aprendizagem em ensino de história**. ALMEIDA, Vasni de (org.) Palmas/TO: EDUFT, 2018. 391 p. Disponível em: <http://repositorio.uft.edu.br/handle/11612/1293> . Acesso em: 7 abr. 2022.

ANTUNES, Irandé. **Aula de português: encontro & interação**. São Paulo: Parábola Editorial. 2003.

APPOLINÁRIO, Fábio. **Dicionário de Metodologia Científica**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2011. 295 p.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Trad.: Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003. [1. ed. 1992].

BARBOSA, Gerliane K. A; RODRIGUES, Andrea M. R.; OLIVEIRA, Marilândia S. A utilização de estratégias de leitura: reflexões sobre a habilidade da compreensão leitora em adolescentes. **Revista Contemporânea de Educação**, n. 11, jan./jul. 2011. Acesso em: 7 jun. 2022.

BAZERMAN, Charles. **Gênero, agência e escrita**. 2. ed. Recife: Pipa Comunicação, Campina Grande, 2021.

BORDINI, Maria da Glória. **Por uma pedagogia da leitura**. Letras de hoje. Porto Alegre, p. 111-118, mar. 1986.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas linguísticas: o que falar quer dizer**. São Paulo: Edusp, 1996, p. 9-16.

BRAGA, Rubem. A outra noite. *In*: **PARA gostar de ler: crônicas**. São Paulo: Ática, 1979.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Ipixuna (AM)**. Disponível em: [https://censo2022.ibge.gov.br/panorama/?utm\\_source=ibge&utm\\_medium=home&utm\\_campaign=portal](https://censo2022.ibge.gov.br/panorama/?utm_source=ibge&utm_medium=home&utm_campaign=portal). Acesso em: 17 fev. 2023.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. **Parâmetros Curriculares Nacionais: primeiro e segundo ciclos do Ensino Fundamental: introdução**. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília, MEC, SEF, 1997. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro01.pdf>. Acesso em: 20 fev. 2023

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa**. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/portugues.pdf>. Acesso em: 25 fev. 2023.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. **Programa novo mais Educação.** Cadernos de orientações pedagógicas. Secretaria de Educação Básica. Brasília: MEC. 2017. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/docman/agosto-2017-pdf/70831-pnme-caderno-de-orientacoes-pedagogicas-pdf/file>. Acesso em: 2 mar. 2023.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. **Base Nacional Comum Curricular: Educação é a Base.** Brasília: MEC, 2017. Disponível em: [http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC\\_EI\\_EF\\_110518\\_versaofinal\\_sit e.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_sit e.pdf). Acesso em: 15 mar. 2023.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. **Base Nacional Comum Curricular: Educação é a Base.** Brasília: MEC. 2018.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. **Base Nacional Comum Curricular: Ensino Médio.** Secretaria de Educação Básica. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: <http://download.basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 21 jun. 2022.

BRITTO, Luiz. Percival. Lemos. **A leitura e sua promoção.** São Paulo: Ecofuturo, 2012.

CALADO, Isabel. **A utilização educativa das imagens.** Coleção mundo de saberes. 8. Porto: porto editora, 1994.

CÂNDIDO. Antônio. **Direitos humanos.** *In:* Direitos humanos e cultura. São Paulo: Brasiliense, 1989.

Disponível em:

[http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos\\_teses/LinguaPortuguesa/teses/Tese\\_WilliamCereja.pdf](http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/LinguaPortuguesa/teses/Tese_WilliamCereja.pdf). Acesso em: 2 set. 2023.

CEREJA, William Roberto. **Ensino de literatura:** uma proposta dialógica para o trabalho com literatura. São Paulo: Atual, 2005.

CORREIA, José Alberto. **Inovação Pedagógica e Formação de Professores.** Porto. Edições ASA, 1989.

DIESEL, A; Baldez, Alda Leila. Santos; Martins, Silvana Neumann. Os princípios das metodologias ativas de ensino: uma abordagem teórica. **Revista Thema**, Pelotas, RS, v. 14, n. 1, p. 268-288, 2017. DOI: <https://doi.org/10.15536/thema.14.2017.268-288.404>. Disponível em: <https://periodicos.ifsul.edu.br/index.php/thema/article/view/404/295>. Acesso em: 26 jun. 2021.

DIONÍSIO, Ângela. Paiva. Gêneros Textuais e Multimodalidade: *In:* KARWOSKI, A. M. GAYDECZKA, B; BRITO, K. S. (org.). **Gêneros textuais:** reflexões e ensino. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

DIONÍSIO, Ângela Paiva. **Multimodalidades e leituras:** funcionamento cognitivo, recursos semióticos, convenções visuais. Recife: Pipa Comunicação, 2014.

DOLZ, Joaquim; NOVERRAZ, M. SCHNEUWLY, Bernard. Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. *In*: SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. (orgs.) **Gêneros orais e escritos na escola**. Trad. Roxane Rojo; Gláís Sales Cordeiro. Campinas: Mercado de Letras, 2004.

DONDIS, Donis A. **Sintaxe da linguagem visual**. Trad. Jefferson Luiz Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

ELLIOT, J. Recolocando a pesquisa-ação em seu lugar original e próprio. *In*: GERARDI, Corinta Maria Crisolia; FIORENTINI, Dario; PEREIRA, Elisabete Monteiro de Aguiar (org.). **Cartografias do trabalho docente: professor (a) pesquisador(a)**. Campinas: Mercado de Letras, 1997.

FERRARI, Márcio. Variar textos, a melhor receita para formar bons leitores. **Revista Nova Escola**, São Paulo, abr., v. 20, n. 181, abr. 2005. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/2611/variando-textos-a-melhor-receita-para-formar-leitores>. Acesso em: 11 out. 2022.

FRADE, Isabel Cristina Alves da Silva; VAL, Maria da Graça Costa; BREGUNCI, Maria das Graças de Castro. **Glossário CEALE**: termos de alfabetização, leitura e escrita para educadores. Disponível em: <https://www.ceale.fae.ufmg.br/glossarioceale/>. Acesso em: 4 jan. 2023.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: três artigos que se completam. São Paulo: Cortez, 1989.

FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. 12. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

FREIRE, Paulo. R. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GATTI, B. A. Estudos quantitativos em educação. **Educação e pesquisa**, São Paulo, SP, v. 30, n. 1, p. 11-30, jan., 2004. Disponível em: <http://educa.fcc.org.br/pdf/ep/v30n01/v30n01a02.pdf>. Acesso em: 28 ago. 2021.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

INFANTE, U. **Texto**: leitura e escritas. São Paulo: Scipione, 2000.

INGEDORE, Villaça Koch; VANDA, Maria ELIAS. **Ler e compreender**: os sentidos do texto. Contexto: São Paulo, 2006.

JURADO, Shirley Goulart de Oliveira Garcia (2033). **Leitura e letramento escolar no ensino médio**: um estudo exploratório. Dissertação (Mestrado) Programa de Linguística Aplicada, PUC, São Paulo. Mimeo. Apud CERREJA, Willian Roberto. Ensino de literatura: uma proposta dialógica para o trabalho com literatura. SP: Atual, 5ª edição, 2009.



KNESHTEL, M.R. **Metodologia da pesquisa em educação**: uma abordagem teórico-prática dialogada. Curitiba, PR: Intersaberes, 2014.

KENSKI, V. M. **Educação e tecnologias**: o novo ritmo da informação. 8. ed. Campinas: Papirus, 2012.

KERLINGE, Fred N. **Metodologia da pesquisa em ciências sociais**: um tratamento conceitual. São Paulo: EPU, 1980.

KLEIMAN, Ângelo. **Texto e leitor**: aspectos cognitivos da leitura. 9. ed. Campinas: Pontes, 2004.

LAJOLO, Marisa. **O que é literatura**. São Paulo, Ed. Brasiliense. 17. ed. 1995.

LAJOLO, Marisa. **A formação do leitor no Brasil**. São Paulo: Ática, 1996.

LEVY. P. **As tecnologias da inteligência**: o futuro do pensamento na era da informática. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora 34, 2011.

LEWIN, K. **Teoria de campo em ciência social**. São Paulo: Pioneira, 1965.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia Científica**. São Paulo. Atlas, 2011.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. *In*: DIONÍSIO, A. P. MACHADO, A. B.; BEZERRA, M. A. **Gêneros textuais & ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. 2. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MARINHO, Fernando. Crônica. **Português**, Goiânia, 2023. Disponível em: <https://www.portugues.com.br/literatura/a-cronica-.html>. Acesso em: 20 jun. 2022.

MARTINS; Dênis Pereira; SAITO, Cláudia Lopes Nascimento. O gênero textual crônica como instrumento de ensino-aprendizagem de Língua Portuguesa. *In*: **Encontro de Iniciação Científica do Curso de Letras**, 7., FACCAR, 2006, Rolândia (PR).

MORÁN, J. **Mudando a educação com metodologia ativas**. Coleção mídia contemporâneas. Convergências midiáticas, educação e cidadania: aproximações jovens. v. II, PG: Foca foto PROEX/UEPG. 2015.

MORAN, J. M., MASETTO, M. T., BEHRENS, M. A. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. Campinas, São Paulo: Papirus, 2000.

MORAN. José Manuel. Ensino e aprendizagem inovadores com apoio de tecnologias. *In*: MORAN, José Manuel. MASETTO, Marcos T. BEHRES, Marilda Aparecida. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. 21. ed. Campinas, SP: Papirus, 2013. p. 11-65.

NEVES, Iara Conceição Bitencourt; SOUZA, Jusamara Vieira; SCHAFFER, Neiva Otero et. al (orgs.). **Ler e Escrever: compromisso de todas as áreas**. 8 ed. Porto Alegre: editora da UFRSG, 2007.

Disponível em: <https://nova-escola-producao.s3.amazonaws.com/JQtb9x4pJtbXaRk9VxTBEbTQu7sHHSM8kVyCsTkfHwYgA8rdfAbFhJsQg5eh/guiabnccccompetenciasgeraisnovaescola.pdf> Acesso em: 1 abr. 2023.

Disponível em: <http://www.scliar.org>. Acesso em: 24 jul. 2023.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Discurso e leitura**. Ed. Cortez. Unicamp, 1988.

ORLANDI, Eni Pulcinneli. **A linguagem e seu funcionamento**. São Paulo: Brasiliense. 1995.

OS PEDAGÓGICOS. PCN's ainda são válidos? Descubra agora. **Os Pedagógicos**, Brasília, 2023. Disponível em: <https://ospedagogicos.com.br/pcns-ainda-sao-validos-descubra-agora/>. Acesso em: 10 jan. 2024.

PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. **Diretrizes Curriculares de Língua Portuguesa para Educação Básica**. Curitiba, 2008.

PIAGET, Jean. **Os pensadores**. Ed. Abril Cultural. São Paulo. 1983.

PIAGET, Jean. **Problemas da psicologia genética**. *In*: Os pensadores. Ed. Abril Cultura. São Paulo, 1978.

QUEVEDO, Hercílio. F. Ler é nossa função essencial (ou não?). *In*: ROSING, Tania Mariza Kuchenbecker; BECKER, Paulo Ricardo (orgs.). **leitura e animação Cultural: repensando a escola e a biblioteca**. Passo Fundo: UPF, 2002. p. 95-106.

RANGEL, E. O.; ROJO, R. H. R. **Língua portuguesa**. Brasília Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica, 2010. v. 19.

ROJO, Roxane; MOURA, Eduardo. **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

ROJO, Roxane. **Letramentos múltiplos, escola e inclusão social**. São Paulo: Parábola Editorial. 2009.

Disponível em: SABINO, Maria Manuela do Carmo de. Importância educacional da leitura e estratégias para a sua promoção. **Revista Iberoamericana de Educación**, Madrid, Espanha, n. 45, v. 5, p. 1-11, 25 mar. 2008. DOI: <https://doi.org/10.35362/rie4552028>. Disponível em: <https://rieoei.org/RIE/article/view/2028/3045>. Acesso em: maio 2022.

SAVIANI, Demerval. **Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações**. 2. ed. São Paulo: Cortez: autores associados, 1991.

Disponível em: Biblioteca Nacional Digital de Portugal. Decreto-lei nº 83/2018. <https://bndigital.bnportugal.gov.pt/>. Acesso em: 24 jul. 2023.

SCHNEUWLY, B. Gêneros e tipos de discurso: considerações psicológicas e ontogenéticas. *In*: tradução e organização ROJO, R. CORDEIRO, G. S. **Gêneros orais e escritos na escola**. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2004.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **Elementos da pedagogia da leitura**. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

SILVEIRA, Maria Inez Matoso. Ateliê de crônicas & portfólio. **Leitura**, Maceió, v. 2, n. 42 p. 237-249, jul./dez. 2009. Disponível em: <https://www.seer.ufal.br/index.php/revistaleitura/article/view/7162/4940>. Acesso em: 8 out. 2021.

SIM-SIM, Inês Ramalho, G. “Desenvolver a linguagem, aprender a língua”. *In*: Adalberto Dias de Carvalho (org.). **Novas metodologias em educação**. Porto: Porto Editora, p.199-226. 1995.

SIM-SIM, Inês. **Avaliação da Linguagem oral**: um contributo para o desenvolvimento linguístico das crianças portuguesas. 4. ed. – Lisboa. Fundação Caloste Gulbenkia, 2007.

SMITH, F. O letramento na educação escolar: desfazendo alguns mitos. *In*: CARVALHO, M. A. F. de. **Prática de leitura e escrita**. Brasília: Ministério da Educação, 2006.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de Leitura**. 6. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

SOUZA, Renata Junqueira de. **Biblioteca Escolar e Práticas Educativas**: o mediador em formação. Campinas: Mercado das Letras, 2009.

TEIXEIRA, C. M. F. **Inovar é preciso**: concepções de inovação em educação dos programas Proinfo, Enlaces e Educar. 2010. Dissertação (Mestrado em Educação). Programa de Pós Graduação em Educação. Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2010. Disponível em: <https://sistemabu.udesc.br/pergamumweb/vinculos/000078/000078e7.pdf>. Acesso em: 10 nov. 2022.

TFOUNI, Leda Verdiani (org.). **Letramento, escrita e leitura: questões contemporâneas**. Campinas, São Paulo: mercado de letra, 2010.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. São Paulo: Cortez, 2008.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. São Paulo: Cortez, 2009.

URBANA, Deusa. TIRE FOTOS, MUITAS FOTOS! **Recanto das Letras**, Sorocaba, 15 nov. 2007. T738444. Disponível em: <https://www.recantodasletras.com.br/cartas/738444>. Acesso em: 6 jun. 2022

VERGARA, Sylvia Constant. **Projetos e relatórios de pesquisa em administração**. 3. ed. Rio de Janeiro: Atlas, 2000.

VERGARA, Sylvia Constant. **Projetos e relatórios de pesquisa em administração**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2004.

VERGARA, Sylvia Constant. **Projetos e relatórios de pesquisa em administração**. 12. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

VERÍSSIMO, Luís Fernando. **Comédias da vida privada**. Porto Alegre: L&PM, 1995. p. 189-91.

VERÍSSIMO, Luís Fernando. A Foto. *In*: VERÍSSIMO, Luís Fernando. **Comédias para se ler na escola**, 1. ed., Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. Disponível em: [https://daffy.ufs.br/uploads/page\\_attach/path/7737/PORTUGU\\_S\\_9ANO.1.pdf](https://daffy.ufs.br/uploads/page_attach/path/7737/PORTUGU_S_9ANO.1.pdf). Acesso em: 17 jul. 2021.

VIEIRA, Lúta Lerche. **Escrita, para que te quero?** Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2005.

WEISZ, T. **O diálogo entre o ensino e a aprendizagem**. 2 ed. São Paulo: Ática, 2004.

ZILBERMAN, Regina. **Leitura: Perspectivas interdisciplinares**. São Paulo: Ática, 1995.

Disponível em: DE SOUZA, Bárbara Lyra. Escola Politécnica de saúde Joaquim Venancio, 2007. <https://www.epsjv.fiocruz.br/>. Acesso em: 17 nov. 2023.

Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/ultimas-noticias/389-ensino-medio-2092297298/68271-apenas-1-6-dos-estudantes-do-ensino-medio-tem-niveis-de-aprendizagem-adequados-em-portugues>. Acesso em: 30 dez. 2023.

**ANEXO A – QUESTIONÁRIOS DIRECIONADOS AOS ALUNOS DO 9º ANO 1****DADOS DE IDENTIFICAÇÃO:**

Idade \_\_\_\_\_

Sexo: Masculino ( ) Feminino ( )

1) Você gosta de ler?

- a) Sim
- b) Não

2) Ler com frequência?

- a) Sim
- b) Não

3) Quem foi o maior responsável pelo incentivo à leitura?

- a) Pais
- b) Amigos
- c) Professores
- d) Outros \_\_\_\_\_

4) Você se considera um leitor?

- a) Sim
- b) Não

5) Qual o material de leitura que você mais utiliza?

- a) Material de internet (google, instagram, tik tok, facebook, twitter)
- b) Livro físico
- c) Revistas
- d) Lenda
- e) Conto
- f) Crônica
- g) Gibis

6) O que você tem lido recentemente?

- a) Crônicas
- b) Posts
- c) Redes sociais
- d) Livros
- e) Conto
- f) Fábula
- g) Romance
- h) Outros

7) Quando foi sua última leitura orientada?

- a) Recentemente

- b) Uma semana
- c) Um Mês
- d) Um Ano

8) Com qual frequência você lê outras coisas que não sejam atividades da escola?

- a) Todos os dias
- b) Uma vez por semana
- c) Uma vez por mês
- d) algumas vezes por ano

9) Qual a finalidade de sua leitura?

- a) Informar
- b) Entreter
- c) Refletir
- d) Prazer
- e) Ampliar o conhecimento
- f) Ativar a memória
- g) Curiosidade
- h) Outros \_\_\_\_\_

10) Você leu algum livro literário sugerido pelo professor recentemente?

- a) Sim
- b) Não

11) Quanto tempo você dedica a leitura?

- a) 15min
- b) 30min.
- c) 1h
- d) 1h 30min
- e) Mais de 2h
- f) Nenhum

12) Você considera a leitura importante? Por quê?

- a) Sim
- b) Não

13) Qual gênero literário você leu recentemente?

- a) Crônica
- b) Conto
- c) Fábula
- d) Receita culinária
- e) Poema
- f) Poesia
- g) Romance
- h) Outros \_\_\_\_\_

14) Qual seu gênero literário favorito?

- a) Crônica
- b) Conto
- c) Fábula
- d) Receita culinária
- e) Poema
- f) Poesia
- g) Romance
- h) Outros\_\_\_\_\_

15) Você considera que o gênero crônica pode contribuir a serviço da formação de leitores?

- a) Sim
- b) Não

16) Para você o gênero crônica estabelece alguma relação com a vida cotidiana?

- a) Sim
- b) Não

17) Qual das atividades realizadas por intermédio da crônica mais lhe agradou?

- a) Crônica na caixa;
- b) Crônica imagética;
- c) A leitura da crônica;
- d) Interpretação e compreensão da crônica;
- e) As reflexões proporcionadas a partir da leitura do gênero crônica;
- f) Conhecer escritores cronistas;
- g) Produção textual;
- h) Crônica ilustrativa;
- i) Criação de uma página no Instagram para a divulgação e socialização dos resultados dos trabalhos da turma;

18) Você gostaria de ler outras crônicas?

- a) Sim
- b) Não

19) Na sua casa tem estantes de livros e espaço específico para leitura?

- a) Sim
- b) Não

20) Qual seu espaço preferido para realizar leitura?

- a) Sala
- b) Quarto
- c) Biblioteca
- d) Escola
- e) Outro\_\_\_\_\_

21) Onde você adquire seu material de leitura?

- a) Casa
- b) Emprestado
- c) Internet
- d) Escola
- e) Outro\_\_\_\_\_

22) Qual suporte você utiliza para leitura?

- a) Livro
- b) Computador
- c) Celular
- d) Revista
- e) Outro

23) Quantos livros você lê em média por ano?

- a) 1
- b) 2
- c) 3
- d) 4
- e) Mais de 5

24) Você se sente incentivado pela família a realizar leituras?

- a) Sim
- b) Não

25) Você já foi presenteado com algum livro?

- a) Sim
- b) Não

26) Seus pais costumam fazer leituras com frequência?

- a) Sim
- b) Não

27) Qual a escolaridade de seus pais

- a) Ensino fundamental I
- b) Ensino fundamental II
- c) Ensino médio
- d) Ensino superior
- e) Especialização
- f) Mestrado
- g) doutorado
- h) Nunca frequentou uma escola.

28) Indicação das leituras:

- a) Interesse próprio
- b) Professor
- c) Amigos
- d) Pais
- e) Outros \_\_\_\_\_



29) Você gosta das atividades de leituras

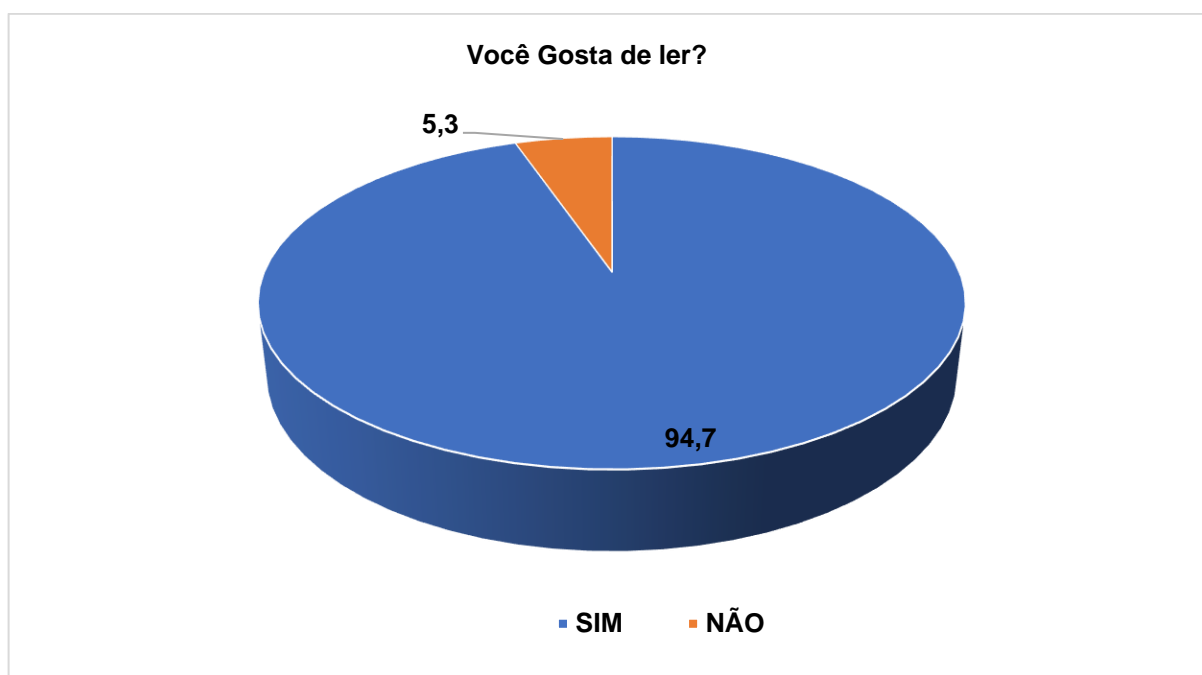
a) Sim

b) Não

## ANEXO B – INFOGRÁFICOS

Atualmente, a presença de ferramentas tecnológicas tem auxiliado decisivamente em nossas ações diárias. A BNCC (2017, p. 14) afirma sobre a importância de o sujeito contemporâneo “atuar com discernimento e responsabilidade nos contextos das culturas digitais”. Nesse sentido, a Base destaca a notoriedade da escola experimentar novas práticas de produção, acrescentando ao ensino-aprendizagem da escrita e da oralidade novos instrumentos de conhecimento. Mediante a assertiva, utilizamos os gráficos para expor dados sobre a pesquisa. Ao concluirmos as atividades supracitadas, aplicamos um questionário para elucidar algumas informações que sucederam durante a aplicação da proposta didática apresentado no tópico 2.5.1 identificação dos sujeitos das conjecturas metodológicas, organização e análise dos dados, mas também, compreender o contexto sociocultural dos estudantes que passaram pelo processo. Por isso, realizamos a aplicação de um questionário em que dos 20 alunos que compunha a turma do 9º ano “1” do turno matutino do ensino fundamental II do turno matutino da Escola Estadual Ipixuna-AM, do ano de 2022. Na ocasião, 19 alunos responderam os questionamentos, sendo 10 do gênero masculino e 9 do gênero feminino. Observe os dados dos gráficos a seguir:

**Gráfico 10** – Pergunta referente à predileção pela leitura



Fonte: Dados da pesquisa

Embora os dados revelem que os alunos gostam de ler, como expõe o gráfico 10, com um total de 94,7%, detectamos lacunas quanto à leitura reflexiva e crítica de acordo com as observações feitas em sala de aula. Motivada pelo contexto circunstancial, optamos pelo uso do gênero crônica como forma de incentivo às habilidades, pois o texto consiste numa leitura rápida, fácil, porém, meditativa.

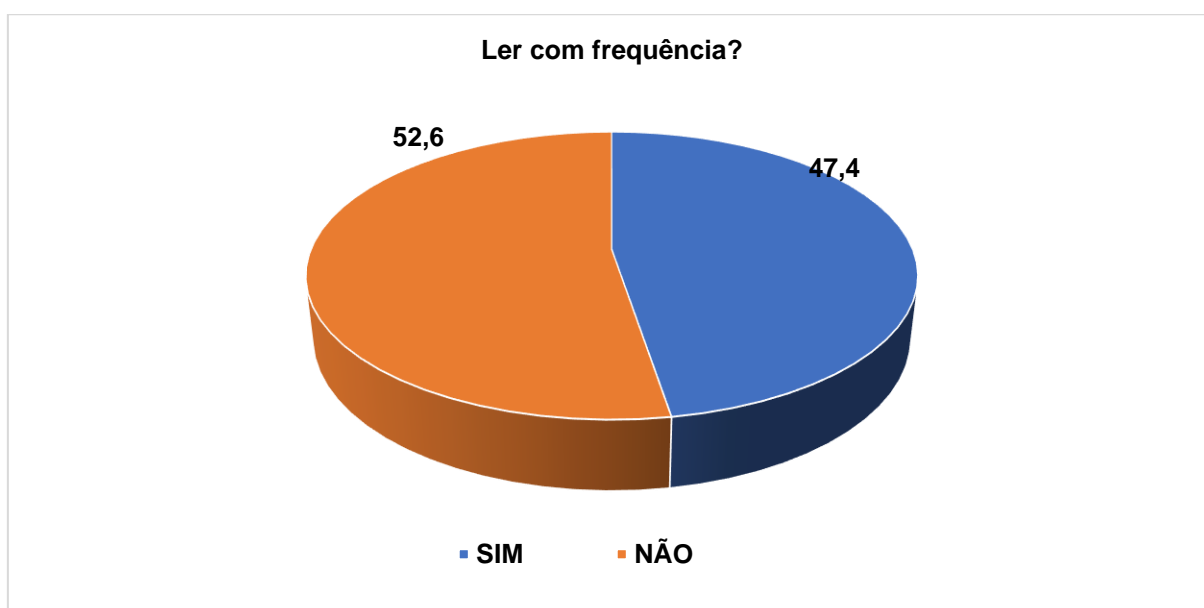
Além disso, o gênero crônica apresenta personagens, tempo, espaço e retratam questões cotidianas, o que aproxima a narrativa da realidade do leitor e inspira um diálogo entre novas experiências e, sobretudo, acionam os conhecimentos já adquiridos.

Ao constituir uma linguagem simples e informal, induz analisar a realidade que o cerca sobre uma ótica mais peculiar e singular, facilitando a reflexão sobre o contexto e as circunstâncias do dia a dia, minimizando as incógnitas entre o dito e o não dito no texto; o explícito e o implícito porque entrelaçam o mundo ficcional e o mundo real.

Essa compreensão é essencial para uma leitura que apresenta verossimilhança ou não a depender da análise que se pretende alcançar, das possibilidades e lógica interna e externa ao texto.

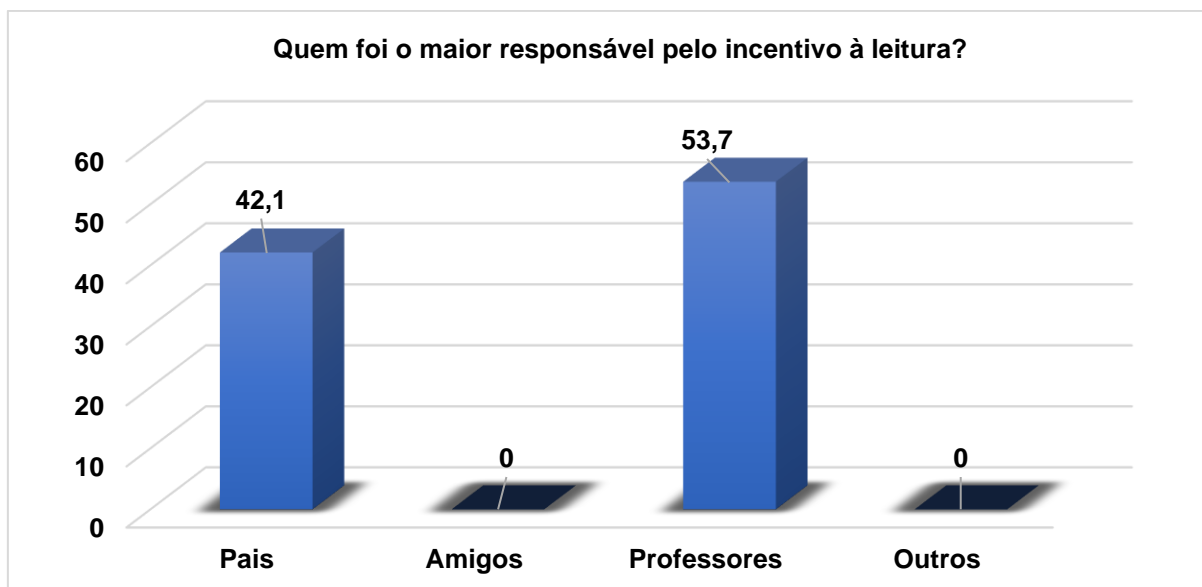
Embora o questionamento do gráfico 10 não tenha especificado o tipo leitura, posteriormente, entenderemos qual categoria atrai a maioria dos estudantes atualmente.

**Gráfico 11** – Levantamento da frequência da leitura entre os estudantes



Fonte: Dados da pesquisa

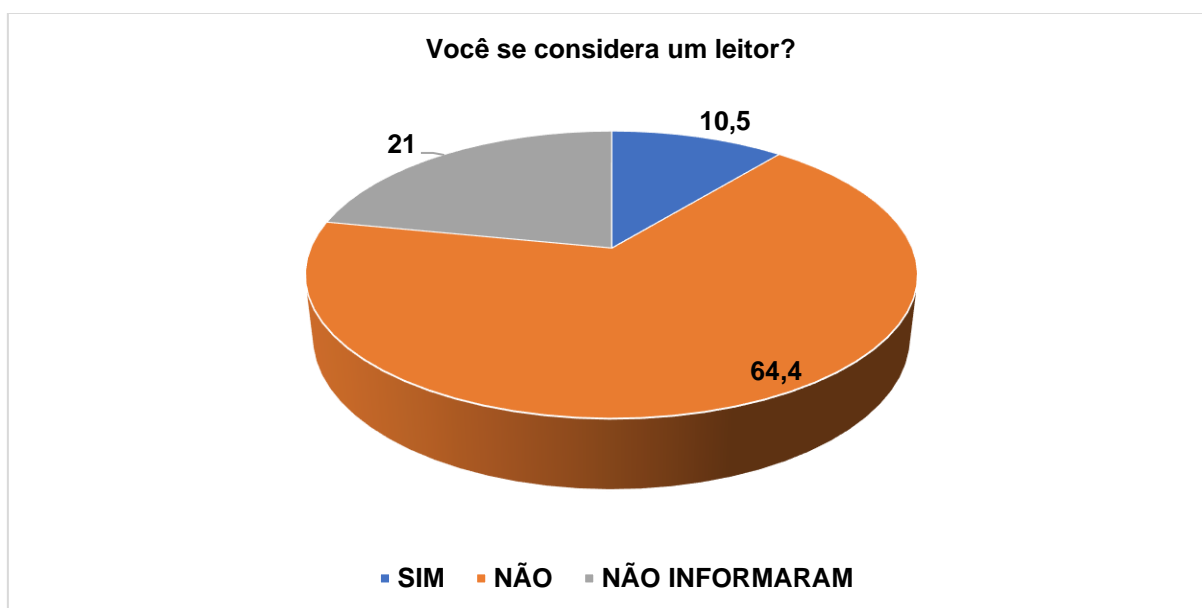
Gráfico 12 – Pergunta sobre o incentivador à prática da leitura



Fonte: Dados da pesquisa

No gráfico 11, 52,6% assumem que não leem com frequência. Com o resultado dessa informação, subentende-se que os estudantes consideram leitura aquelas que estão atreladas às atividades realizadas em sala de aula. Isso talvez explique os 53,7% do gráfico 12, em que os alunos consideram os professores seus maiores incentivadores e influenciadores no quesito leitura, seguidos dos pais com 42,1%.

Gráfico 13 – Pergunta sobre a autonomia como leitores

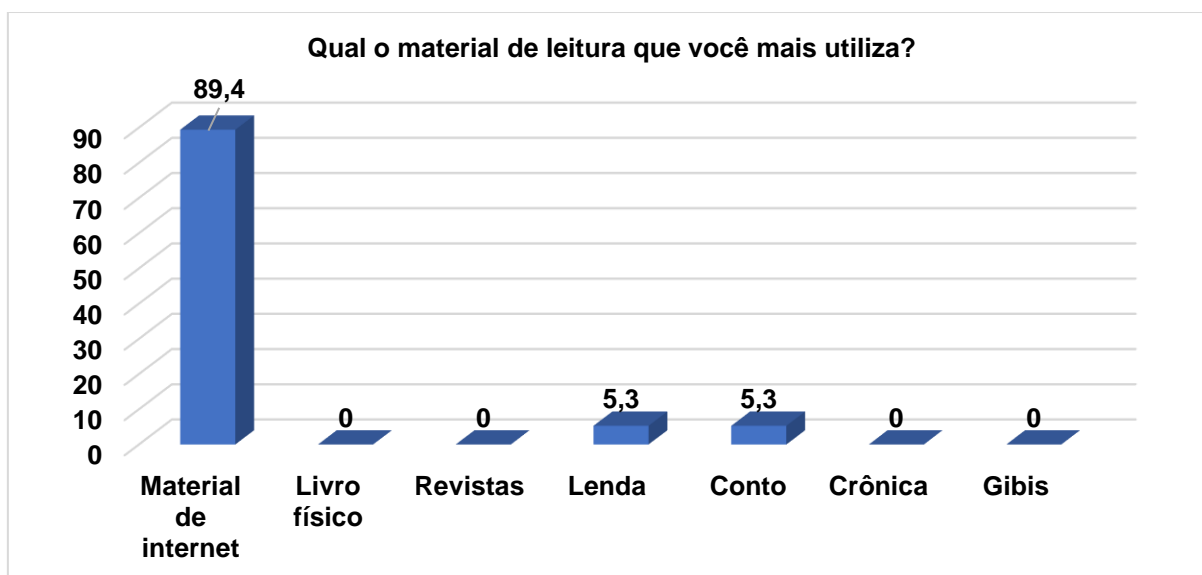


Fonte: Dados da pesquisa

No gráfico 13, 64,4% não se consideram leitores. Acreditamos que esse posicionamento está estritamente relacionado às habilidades que a escola requer de

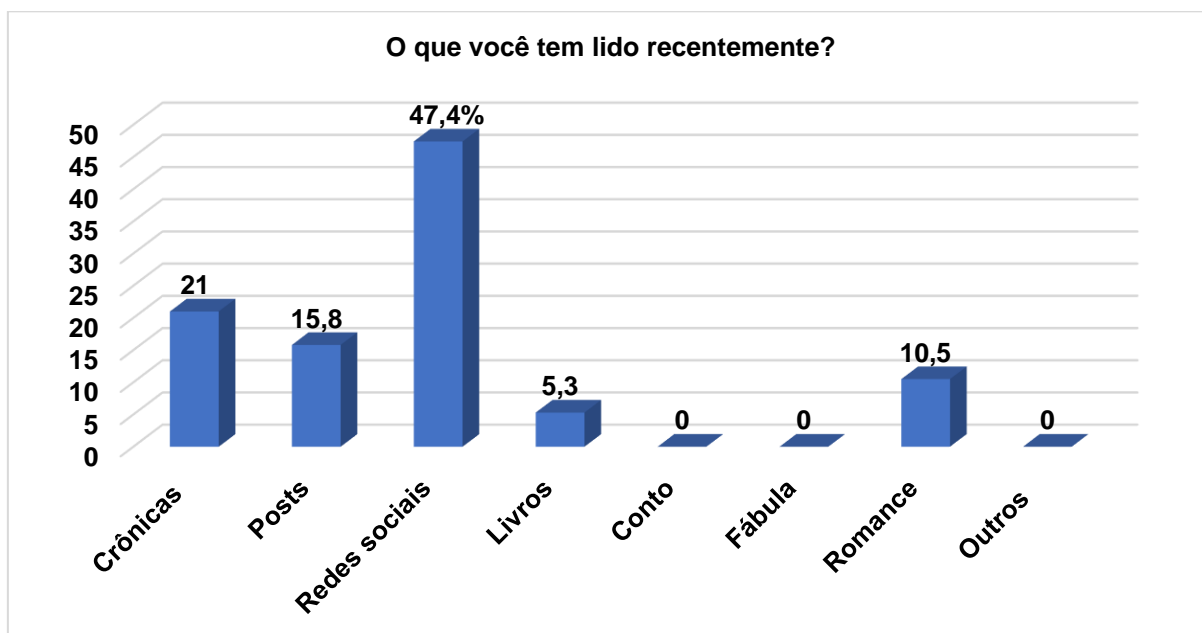
cada um dentro do ambiente escolar, já que a instituição é a principal motivadora dessa competência. Nesse sentido, alguns estudantes se denominam fora do padrão almejado pela escola, desconsiderando assim, as práticas decorrentes das informalidades.

**Gráfico 14 – Consulta sobre a preferência bibliográfica**



Fonte: Dados da pesquisa

**Gráfico 15 – Pergunta sobre a fonte de leituras**

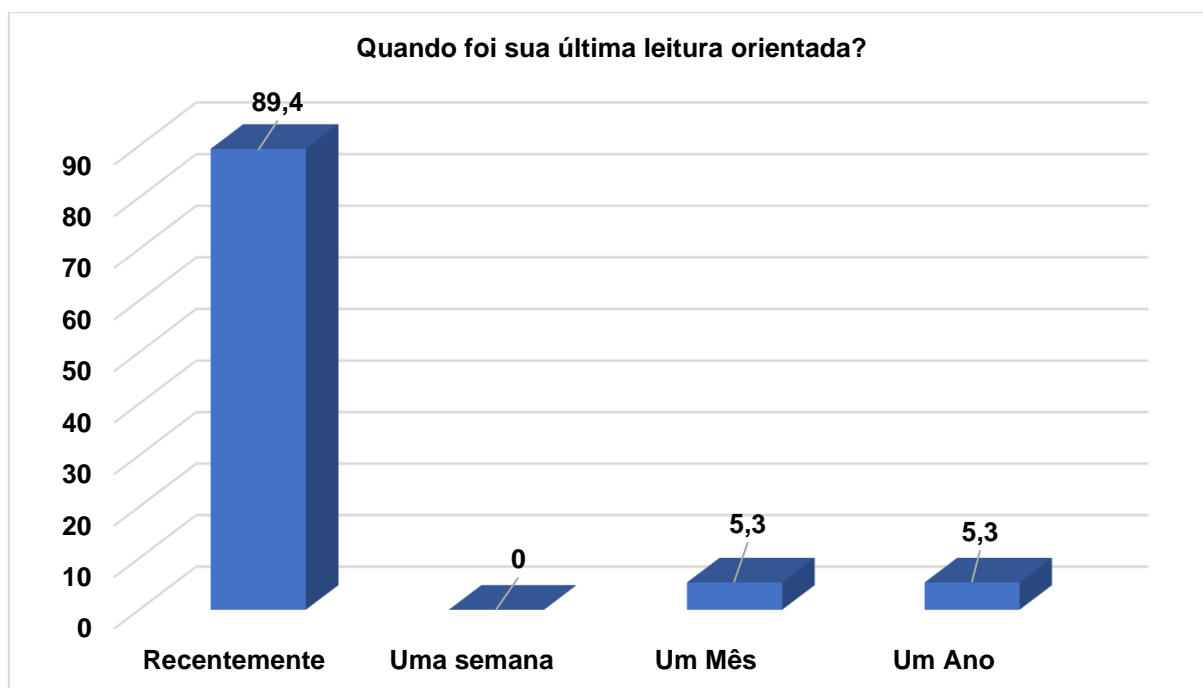


Fonte: Dados da pesquisa

No gráfico 14 e 15, os alunos admitem que o material que mais utilizam para leitura são os provenientes da internet com 89,4 % de aceitação e 47,4% se utilizam as redes sociais. Ambos ligados a mecanismos tecnológicos.

É importante ressaltar, que essa entrevista foi realizada poucos dias após as aplicações das atividades propostas pela sequência didática.

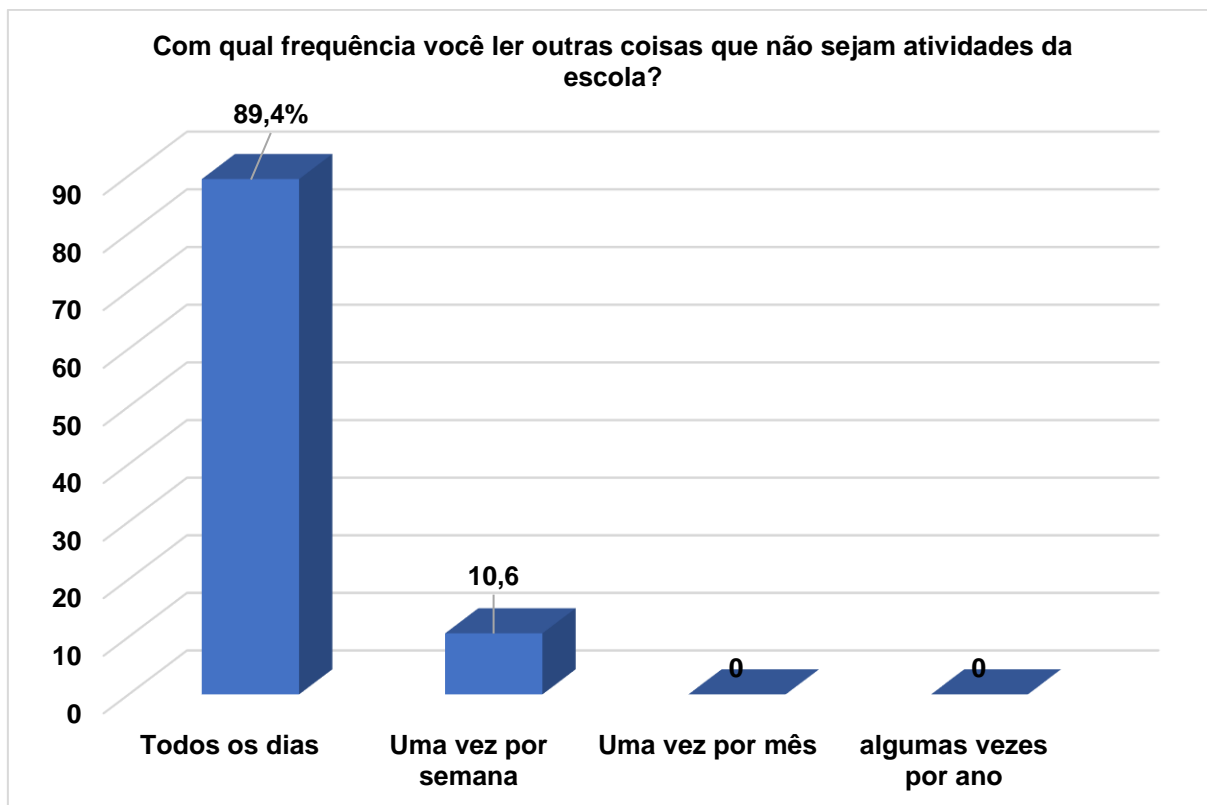
**Gráfico 16 – Consulta sobre a periodicidade da leitura**



Fonte: Dados da pesquisa

Seguindo a análise, o gráfico 16, revelam que a última leitura realizada de forma orientada tenha ocorrido, conforme os apontamentos dos alunos em um tempo recente com um percentual de 89,4%; porém 5,3% apontam que as leituras dirigidas e orientadas tenham ocorridas a um mês; e 5,3 % a um ano. De acordo com os dados, percebemos que as respostas variam, essas informações demonstram que há uma lacuna quanto a compreensão da leitura como mencionado na introdução deste projeto. Isso ocorre porque alguns alunos não conseguem associar as atividades assistidas em sala de aula ao questionamento levantado, explicitando a dificuldade de compreensão de leitura e sucessivas correlações.

**Gráfico 17 – Consulta sobre a temporalidade das leituras**



Fonte: Dados da pesquisa

O gráfico 17 questiona sobre a frequência que os alunos realizam leitura sem ser referente às atividades escolares. 89,4% afirmam que o fazem todos os dias e 10,6% uma vez por semana. Diante desses dados, verificamos que os alunos se destacam quando o assunto é informação e leitura virtual. A maioria dos jovens primam pela interação que o metaverso apresenta e contextualiza, pois, mantém de forma ágil, dinâmica, inovadora o entretenimento e as informações. Realidade que muitas vezes torna difícil de competir com atividades cotidianas ou qualquer outra tarefa que não oferece um programa, organização ou um bom funcionamento como faz o universo virtual.

**Gráfico 18** – Consulta sobre o objetivo da leitura

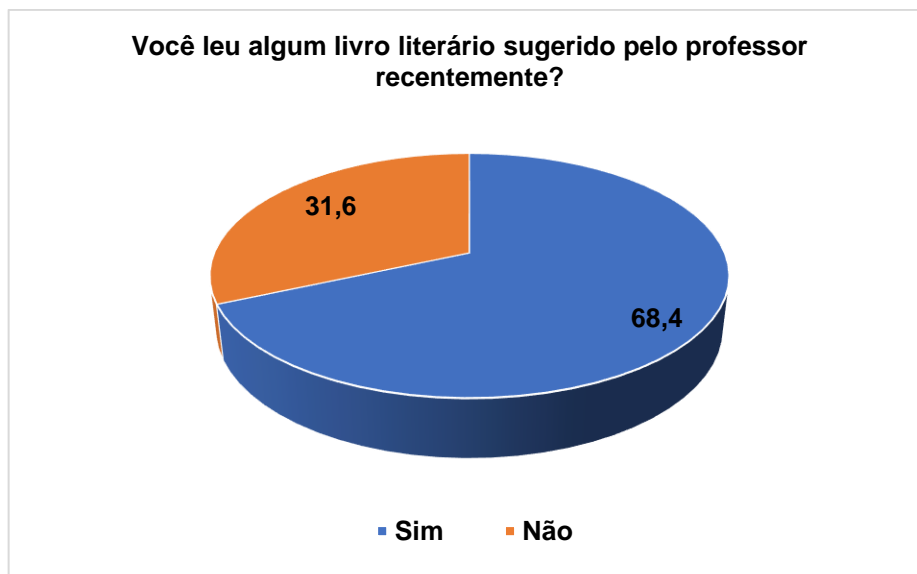


Fonte: Dados da pesquisa

Levando em consideração que toda leitura tem uma finalidade e uma intenção, o gráfico 18 questiona sobre a finalidade das leituras e 31,6% respondem que é para ampliar conhecimento; seguido de 21,1% para informar; 21,1% para curiosidade; 5,2% para ativar a memória e 5,2 % refletir e analisar o mundo à sua volta. Essa análise está ligada a um dos objetivos do projeto. Logo, a informação elucida a importância de desenvolver uma leitura que instigue o aluno a refletir sua vida, a sociedade e o mundo. Contudo, as finalidades são bem diversificadas de acordo com os dados revelados no gráfico.

**Gráfico 19** – Pergunta referente à indicação de literatura pelo professor

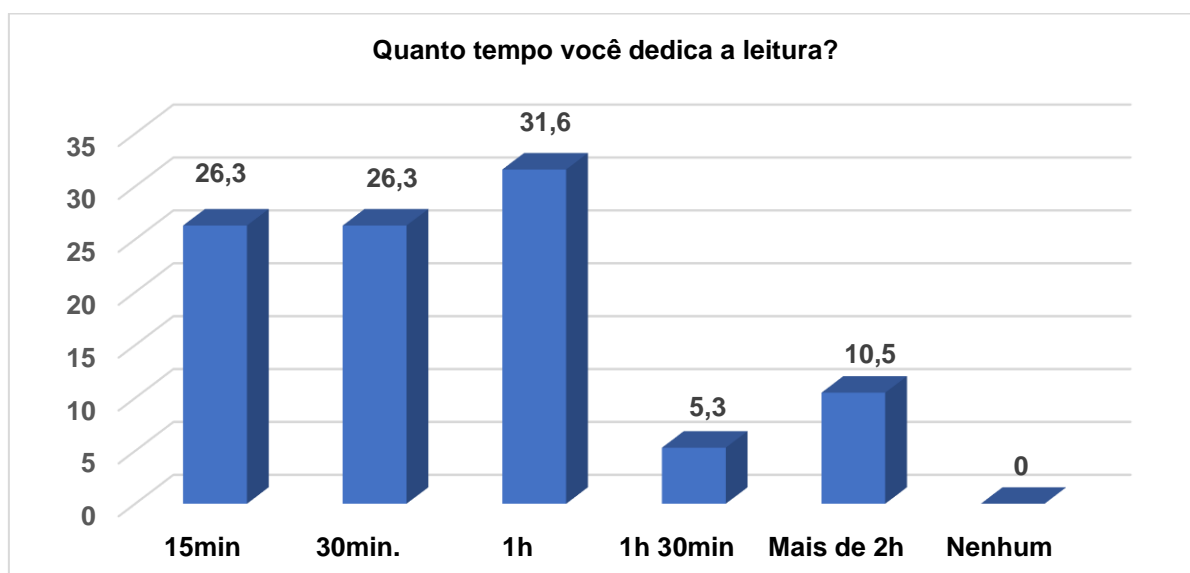




Fonte: Dados da pesquisa

O gráfico 19, questiona se os alunos realizaram leitura de algum livro literário indicada pela professora recentemente e 68,4% responderam positivamente. Esse dado demonstra que a escola busca amenizar as lacunas existenciais quanto à prática da leitura, mediante sugestões, indicações e trabalhos na tentativa de superar os desafios existentes.

**Gráfico 20 – Consulta sobre a quantidade de horas dedicadas à leitura**



Fonte: Dados da pesquisa

O gráfico 20 indaga sobre o tempo que cada um disponibiliza para leitura e as respostas são bem variadas: 23,6 % dedicam 15min., 26,3 % 30min., 31,6 % 1h.,

10,5% mais de 2h., e 5, 1h 30min. Porém, quando questionados oralmente sobre o tempo que disponibilizam para o manuseio de ferramentas tecnológicas, as respostas foram intrigantes, pois muitos afirmaram que não há essa preocupação em administrar tempo quando utilizam as redes sociais, mas que a internet consome um tempo significativo em relação às atividades diárias.

**Gráfico 21** – Consulta aos alunos sobre a percepção da relevância da leitura



Fonte: Dados da pesquisa

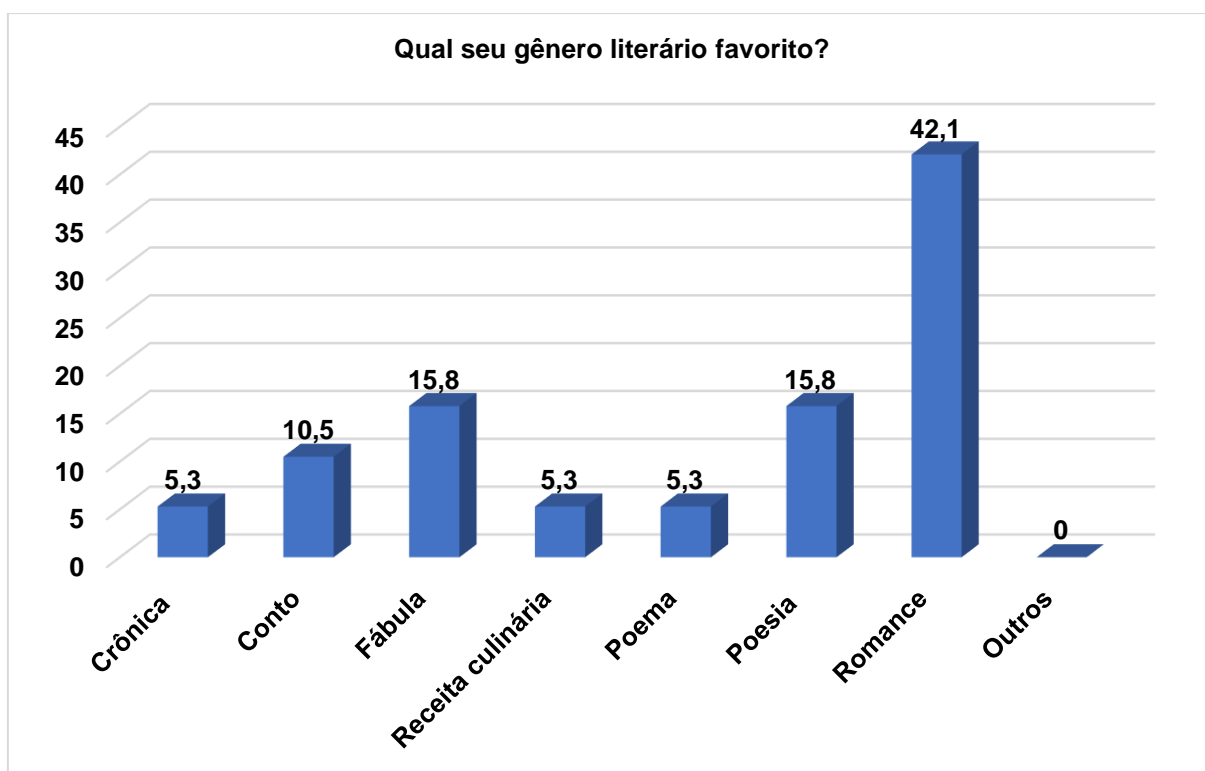
No gráfico 21, investigamos se o estudante considera a leitura importante: 94,7% responderam positivamente e 5,3% responderam que não. Após o trabalho realizado a partir do estudo sobre o gênero crônica, questionamos no gráfico 22, qual o gênero literário que a turma leu recentemente 84,2% responderam “gênero crônica” e 15% “romance”.

**Gráfico 22** – Consulta sobre o gênero literário lido recentemente



Fonte: Dados da pesquisa

**Gráfico 23** – Consulta sobre a preferência pessoal sobre os gêneros literários

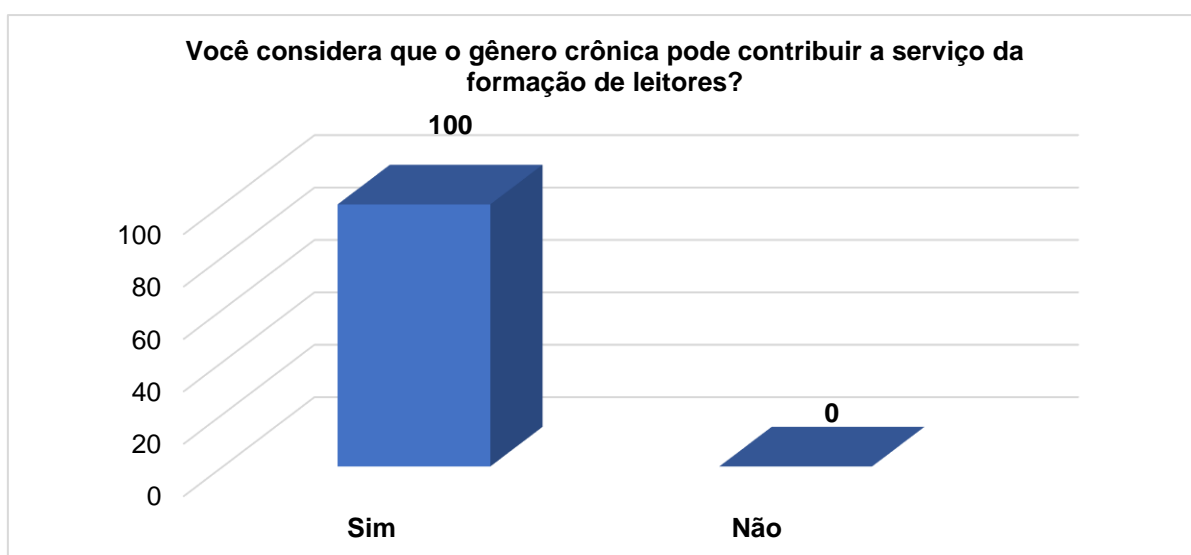


Fonte: Dados da pesquisa

Mesmos os alunos desenvolvendo as atividades definidas pela proposta pedagógica didática de forma satisfatória, questionamos, no gráfico 23, a respeito do

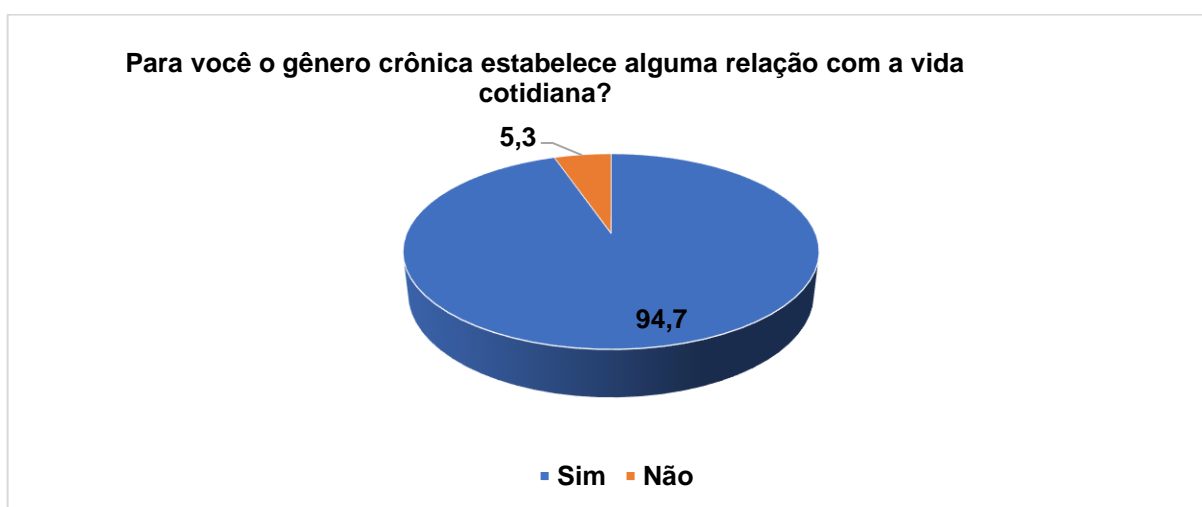
gênero favorito e 42,1% afirmaram gostar de romance, 15,8% fábula, 15,8% poesias, 10,5% conto, 5,3% receitas culinárias, 5,3% crônicas e 5,3% poema. A posição que o gênero crônica se configura, nos leva a pensar que o gênero trabalhado como forma de incentivo e motivação à leitura, não se configura a expectativa desejada. No entanto, quando na sequência investigamos o gráfico 24, e questionados se consideram o gênero crônica como instrumento que pode contribuir a serviço da formação leitora, 100% responderam que sim. A resposta nos traz uma reparação quanto a análise inicial do gráfico 23 provocando satisfação e retratação.

**Gráfico 24** – Questão referente à contribuição do gênero crônica para a formação de leitores



Fonte: Dados da pesquisa

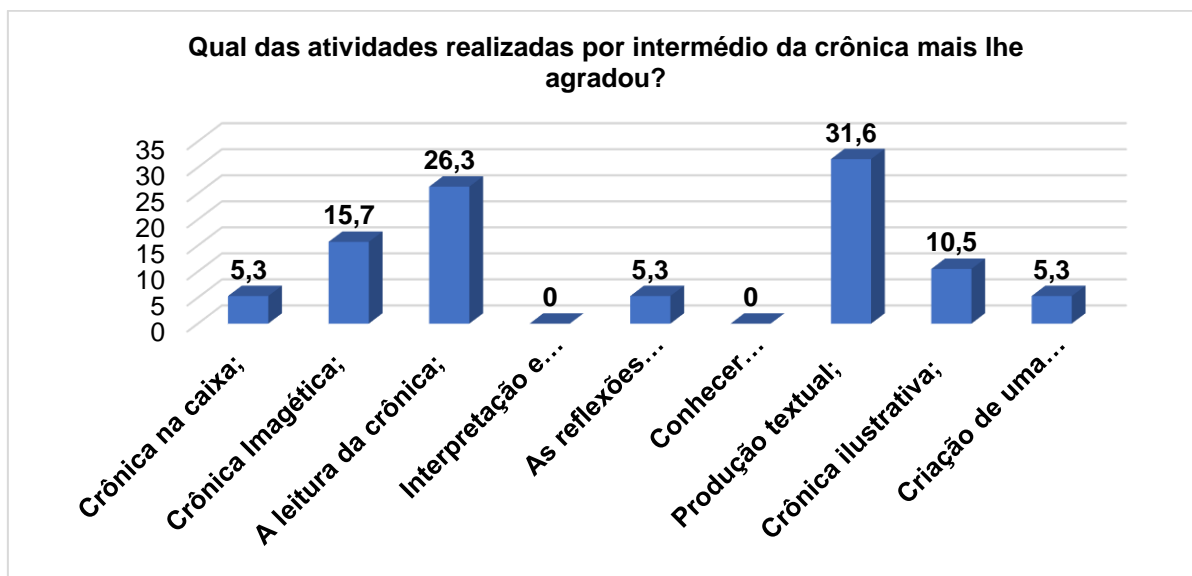
**Gráfico 25** – Consulta aos alunos sobre a percepção do gênero crônica no cotidiano da vida



Fonte: Dados da pesquisa

No gráfico 25, mesmo enfatizando repetidas vezes durante as atividades desenvolvidas em sala de aula que o gênero estabelece relação com a vida cotidiana, quando interrogados 94,7% confirmaram e 5,3% responderam que não.

**Gráfico 26** – Consulta aos alunos sobre qual prática pedagógica literária lhes foi mais atrativa



Fonte: Dados da pesquisa

Pela descrição da proposta, percebemos a variedade de práticas realizadas a partir do uso do gênero crônica, diante dessa realidade, os alunos foram questionados no gráfico 26, sobre qual prática havia mais agradado: 26,3% responderam a leitura, 31,6% produção textual, 15,7% crônica imagética, 10,5% crônica ilustrativa, 5,3% as reflexões proporcionadas a partir da leitura do gênero crônica, 5,3% crônica na caixa, 5,3% criação de uma página no *Instagram* para a divulgação e socialização dos resultados dos trabalhos.

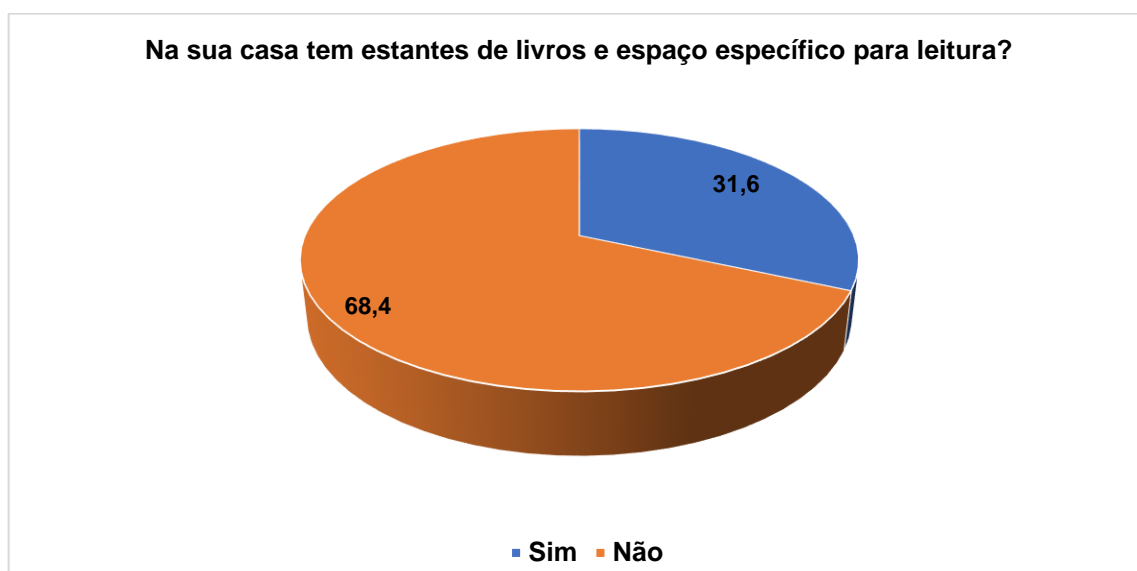
**Gráfico 27** – Pergunta aos alunos se os mesmos gostariam ler outras crônicas



Fonte: Dados da pesquisa

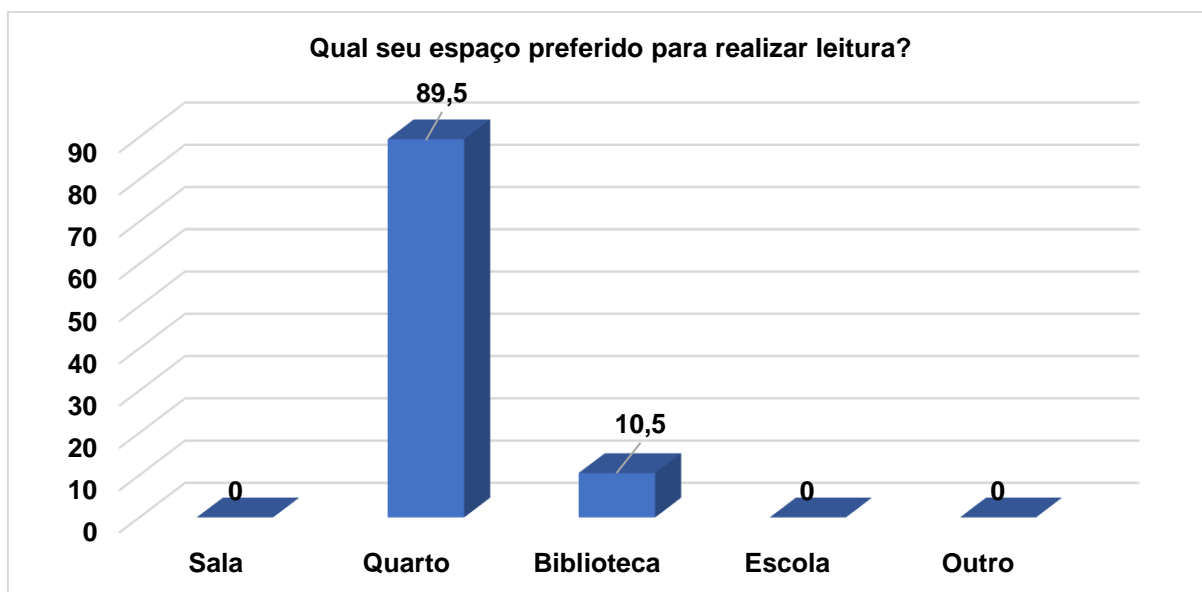
No gráfico 27, investigamos se os alunos gostariam de ler outras crônicas e 73,7% responderam que sim e 26,3% que não. No gráfico 28, direcionamos as perguntas para questões mais domiciliares para tentar aclarar a relação familiar em relação às leituras e aos livros, por isso perguntamos primeiramente se havia espaço específico para os livros: 31,6% responderam que sim e 68,4% responderam que não.

**Gráfico 28** – Consulta sobre espaço domiciliar específico para leitura

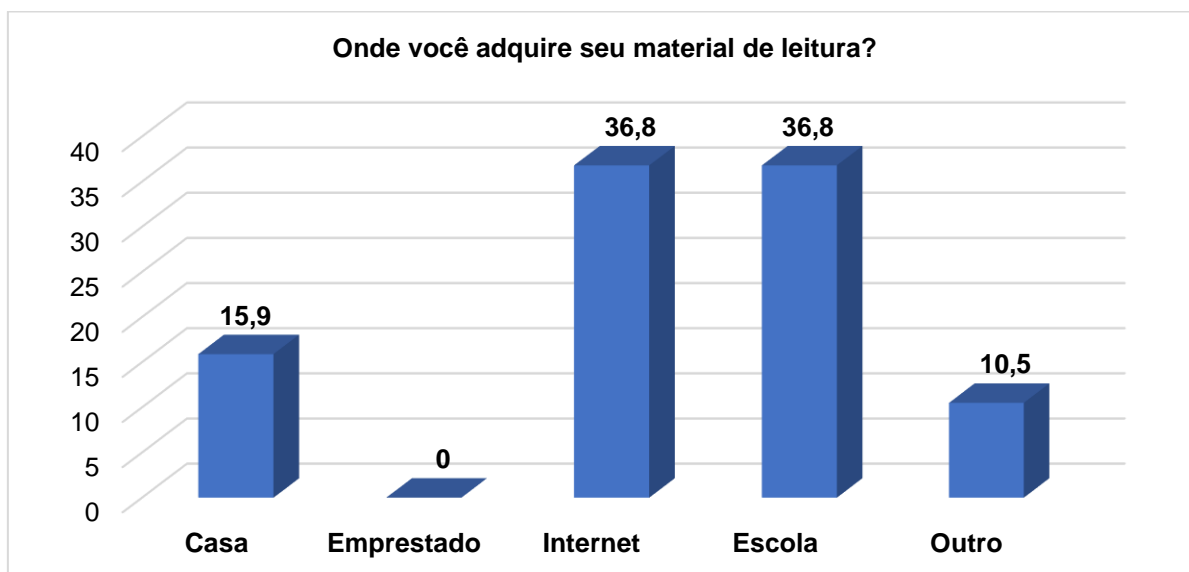


Fonte: Dados da pesquisa

Em seguida, perguntamos no gráfico 29, sobre seu espaço preferido para realizarem as leituras 89,5% afirmaram que preferem o quarto, 10,5 % biblioteca escolar.

**Gráfico 29 – Pergunta sobre o espaço preferido para leitura**

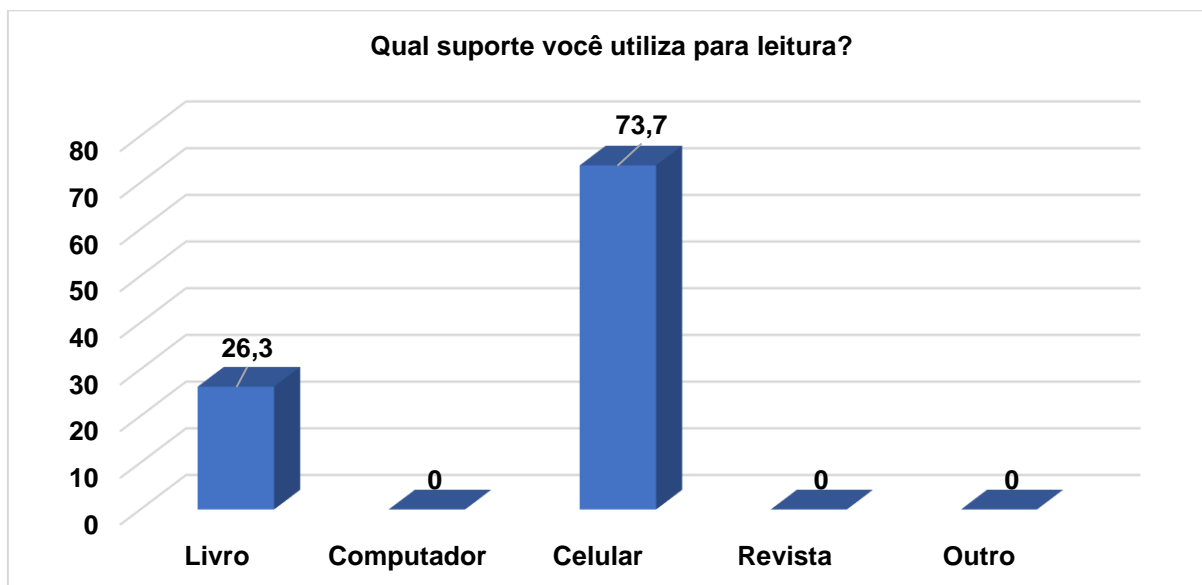
Fonte: Dados da pesquisa

**Gráfico 30 – Consulta sobre a fonte de aquisição da bibliografia literária**

Fonte: Dados da pesquisa

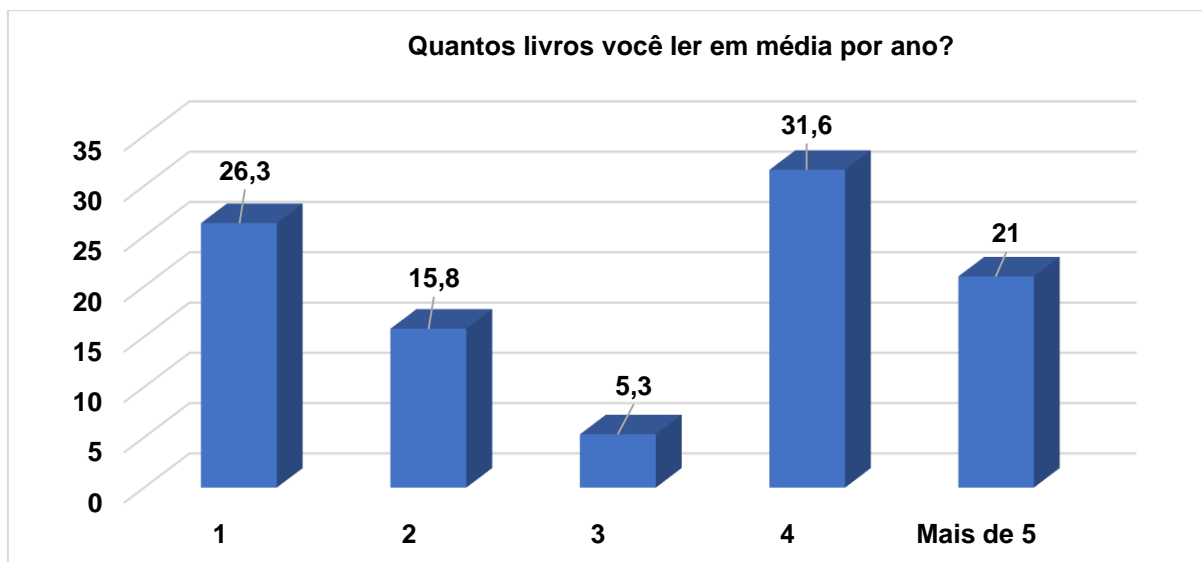
Perguntamos ainda no gráfico 30, a respeito do material de leitura, onde são adquiridos e 36,8% declaram que na escola, 36,8% internet, 15,9% casa e 10,5% outros.

Já no gráfico 31, perguntamos sobre o suporte que o leitor mais utiliza para realizar sua leitura e 73,7% responderam celular, 26,3% livro.

**Gráfico 31** – Questão sobre o suporte (tecnológico ou impresso) para aquisição da leitura

Fonte: Dados da pesquisa

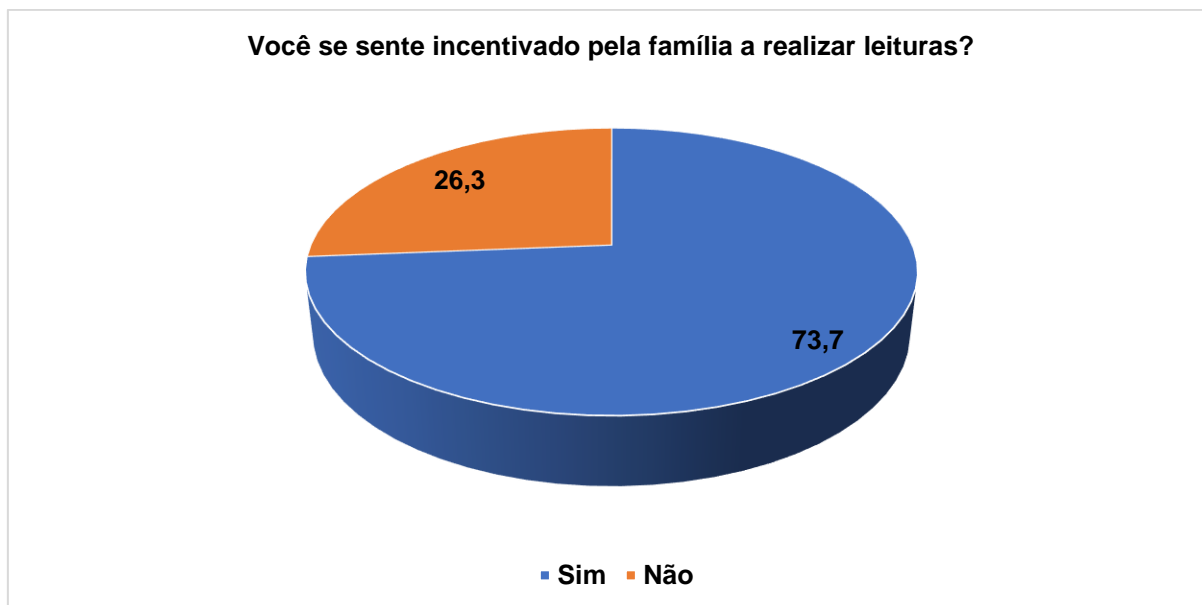
Os estudantes foram questionados no gráfico 32, a respeito da quantidade de livros lidos em média anualmente: 26,3% responderam um (1), 15,8% responderam dois (2), 5,3% responderam três (3), 31,6% responderam quatro (4) e 21% responderam mais de cinco (5).

**Gráfico 32** – Consulta aos alunos sobre a quantidade média de livros lidos anualmente

Fonte: Dados da pesquisa

**Gráfico 33** – Consulta sobre a sensação dos alunos em relação ao incentivo familiar à leitura





Fonte: Dados da pesquisa

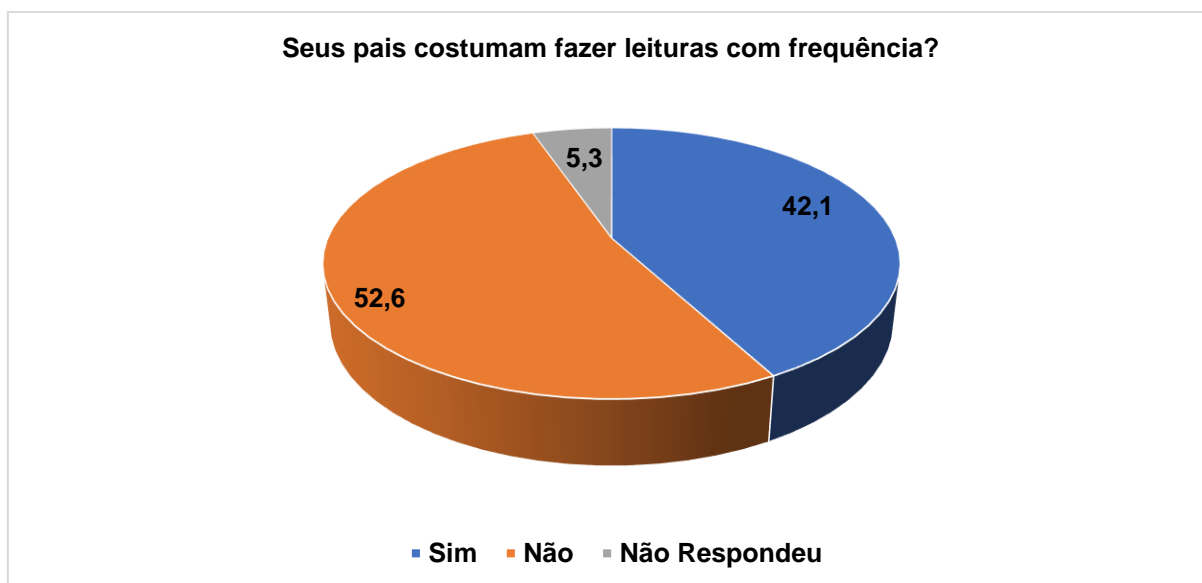
No gráfico 33, perguntamos se alunos se sentem incentivados a realizarem leituras pela família e 73,7% responderam que sim e 26,3% responderam que não. Indagamos no gráfico 34 se os alunos já haviam sido presenteados com algum livro e 63,8% responderam que não e 36,8% responderam que sim.

**Gráfico 34** – Pergunta aos alunos se os mesmos foram presenteados com livros



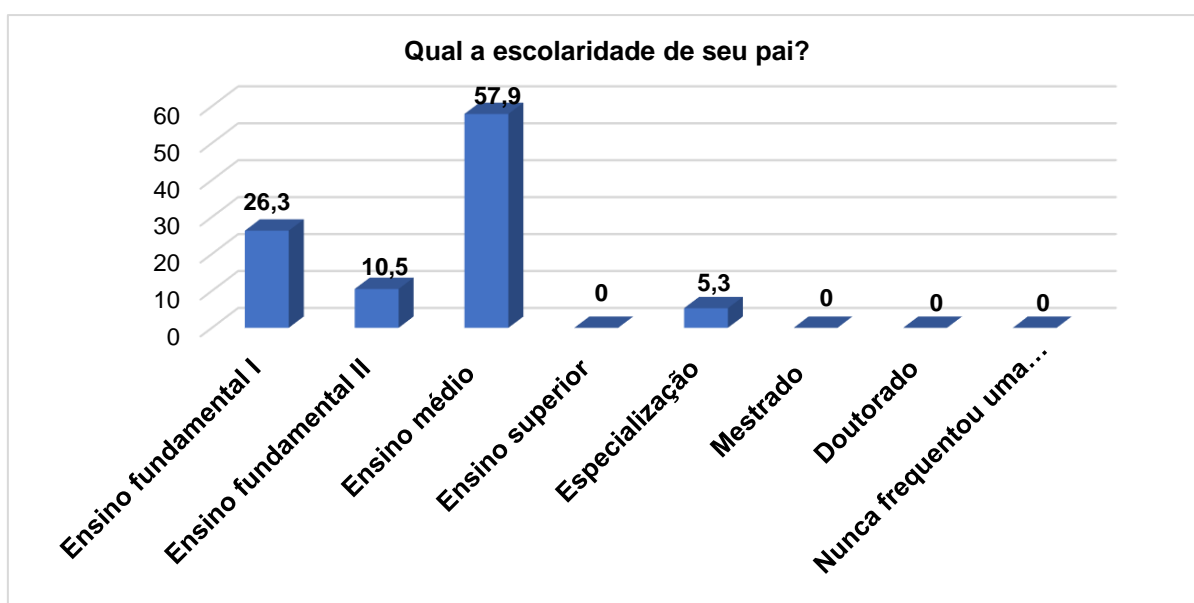
Fonte: Dados da pesquisa

**Gráfico 35** – Pergunta relacionada à presença dos pais nas leituras



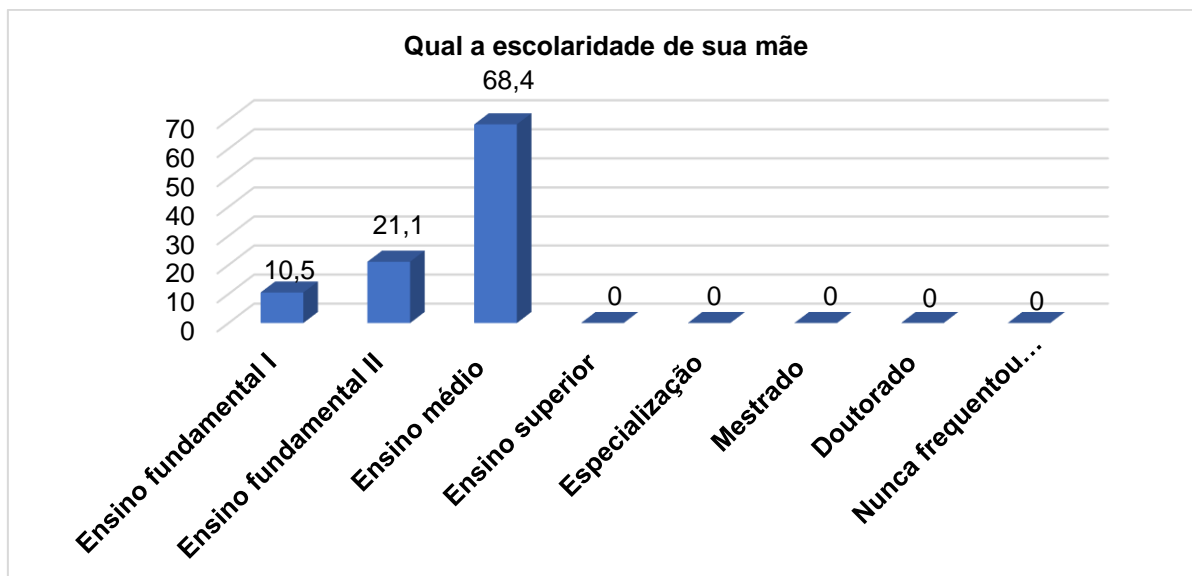
Fonte: Dados da pesquisa

**Gráfico 36 – Consulta sobre a escolaridade do pai**



Fonte: Dados da pesquisa

**Gráfico 37 – Consulta sobre a escolaridade da mãe**

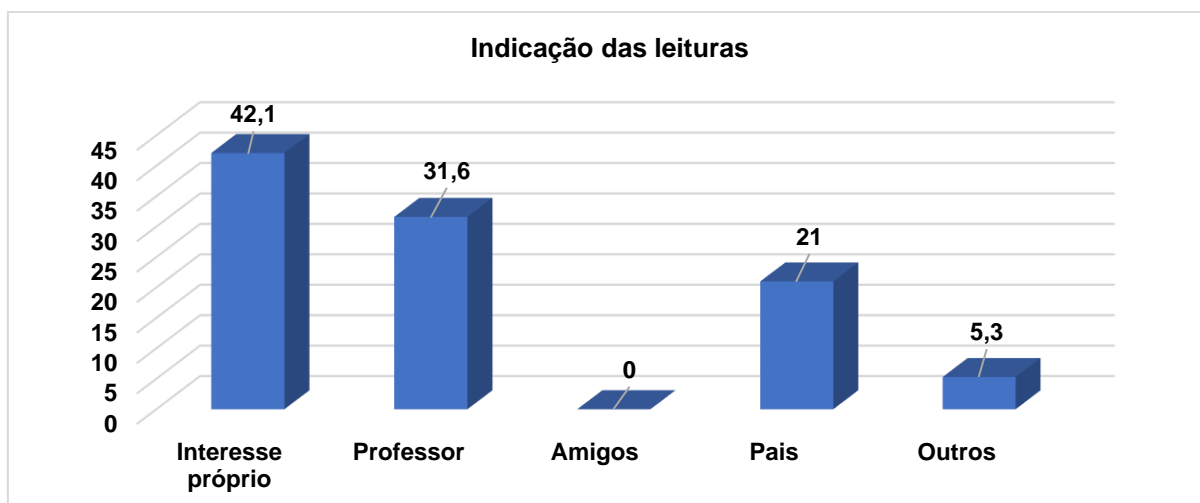


Fonte: Dados de pesquisa

No gráfico 35, 36 e 37 são direcionadas para os pais. Assim, investigamos se costumam fazer leitura com frequência e sua escolaridade. No gráfico 35 dos 19 alunos que responderam o questionário 52,6 % responderam que não, que os pais não costumam fazer leitura com frequência e 42,1 % responderam que pais leem com frequência e 5,3 % não responderam esse questionamento.

No gráfico 36, realizamos uma consulta sobre as escolaridades do pai 57,9% tem o ensino médio, 10,5% ensino fundamental II, 26,3% ensino fundamental I e 5,3% especialização. E no gráfico 37 perguntamos também sobre a escolaridade da mãe e 68,4% tem o ensino médio, 21,1% ensino fundamental II e 10,5% ensino fundamental I. Observamos, conforme os dados, que a maioria dos pais não têm o hábito de leitura. No entanto, embora os pais não tenham essa identificação, os estudantes se sentem incentivados pelos familiares como demonstra o gráfico 33.

**Gráfico 38** – Consulta referente a quem indica a leitura



Fonte: Dados da pesquisa

O gráfico 38, investigou sobre as indicações de leitura e 42,1% afirmam ser de interesses pessoais, 31,6% são recomendações feitas pelos professores, 21% pelos pais e 5,3% responderam outros. Vale destacar que quando se refere a sugestão de leituras literárias (gráfico 10), são observações feitas pelos professores, além de serem considerados seus maiores incentivadores (gráfico 3).

**Gráfico 39** – Dado da questão final do questionário aplicado à turma do 9º ano “1” do Ensino Fundamental II da Escola Estadual Ipixuna-AM, da turma de 2022.



Fonte: Dados da pesquisa

Para finalizarmos os questionamentos, o gráfico 39, apurou se os estudantes gostavam de atividade de leituras e 84,2 % responderam que sim e 15,8% responderam que não. Diante desse dado, percebemos no gráfico 16, que a escola

tem tentado desenvolver atividades leitoras para engajar essa prática. Além disso, no gráfico 21, os alunos confirmam que a leitura é prática importante, embora no gráfico 13 não se considere um leitor. Outro fato considerável nessa indagação final é o apontamento no gráfico 19, parece contraditório, mas não é, pois os alunos confirmam gostar de ler já que a pergunta não é específica. Seus apreços estão relacionados aos gráficos 14, 15 e 17 porque fazem menções aos materiais vinculados à internet e redes sociais, que para muitos são compreendidos como atividades opostas.

## APÊNDICE A – Carta Aceite da Instituição



Escola Estadual "Ipixuna"  
Rua Joao Jorge Barroso s/n°, Ipixuna - AM  
DECRETO N ° 22.566 DE 09 DE ABRIL DE 2002.

### CARTA DE ACEITE DA INSTITUIÇÃO

Eu, **Antônia Flávia Ferreira Linhares**, diretora da Escola Estadual Ipixuna, Município de Ipixuna-AM, declaro que **Elissângela Moura da Silva**, professora nesta instituição de ensino, CPF 725033352-68, apresentou-me o **Projeto de Pesquisa: GÊNERO CRÔNICA COMO INSTRUMENTO DE INCENTIVO À LEITURA**, cujas atividades serão desenvolvidas na instituição por mim dirigida, e que estou perfeitamente ciente do conteúdo a ser abordado. Declaro ainda, que os pais dos discentes serão devidamente informados do inteiro teor da proposta.

Desse modo, **AUTORIZO** a realização, nesta instituição, do projeto de pesquisa, colocando-me a disposição para cooperar com a execução das atividades e permitindo o uso de informações e imagens, exceto aquelas determinadas como sigilosas por aspectos legais e éticos, para divulgação do projeto, desde que utilizadas para fins estritamente acadêmicos, culturais e científicos, sem fins lucrativos.

Ipixuna-AM, 22 de junho de 2022.  
Antônia Flávia Ferreira Linhares  
Diretora  
Escola Estadual Ipixuna  
Ipixuna, AM, 09/04/2019

*Antônia Flávia Ferreira Linhares*

ASSINATURA DA DIRETORA DA ESCOLA